

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

RAQUEL BENATO RODRIGUES DA SILVA

**Infância e ocupação habitacional:
o olhar da criança para sua moradia**

São Paulo
2023

RAQUEL BENATO RODRIGUES DA SILVA

**Infância e ocupação habitacional:
o olhar da criança para sua moradia**

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof. Dr. Lineu Norió Kohatsu

São Paulo
2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Benato Rodrigues da Silva, Raquel

Infância e ocupação habitacional: o olhar da criança para sua moradia / Raquel
Benato Rodrigues da Silva; orientador Lineu Norió Kohatsu. -- São Paulo, 2023.
134 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo,
2023.

1. Infância. 2. Habitação Social. 3. Psicologia. 4. Desenho. 5. Fotografia. I. Norió
Kohatsu, Lineu, orient. II. Título.

Nome: SILVA, Raquel Benato Rodrigues da

Título: Infância e Ocupação Habitacional: o olhar da criança para sua moradia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof. Dra: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos aos meus pais Eliane e Carlos, e ao meu irmão Vinícius, por todo o amor e por sempre apoiarem os meus projetos;

Ao meu namorado Lucas Donnangelo pela compreensão, força e presença ao longo período de elaboração deste trabalho;

À Marjori Nani e Laura Santos pelas doações dos materiais artísticos que foram usados nas oficinas com as crianças;

Aos meus amigos pela paciência e por me dividirem com meu Mestrado;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Lineu Norió Kohatsu, pelos ensinamentos, por dar leveza e abertura em todo o processo;

Aos membros da banca, Márcia Aparecida Gobbi e Luiz Kohara, por toda a rica contribuição ao projeto;

Ao Paulo Santiago por abrir as portas para as minhas primeiras oficinas de arte educação;

À Ocupação José Bonifácio que desde o início me acolheu de braços abertos;

A todas as mulheres que, gentilmente, me concederam as entrevistas;

A todas as crianças que participaram das atividades com muito entusiasmo, carinho e afeto;

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do IPUSP, por todo o suporte necessário;

A todos que antes de mim vieram;

E a todos, que de alguma forma, contribuíram para que esse trabalho se concretizasse.

RESUMO

SILVA, R. B. R. Infância e ocupação habitacional: o olhar da criança para sua moradia. 2023. 134 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

No ano de 2019, conforme apontado pela Fundação João Pinheiro, havia no Brasil um déficit de 5,876 milhões de moradias. Somente na Região Metropolitana de São Paulo, a demanda estimada era de 590 mil moradias em contraste com a existência de 571.491 imóveis vazios, sendo 40 mil somente na região central da cidade. Os movimentos sociais organizados possibilitam um lar aos sem-tetos, ocupando prédios vazios e sem função social, efetivando assim um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, o direito à moradia. Sobre a situação da habitação no Brasil, este projeto de pesquisa abordou um ponto mais específico desta questão social, os mais vulneráveis nesse processo pelo direito à moradia: as crianças. O objetivo principal desta pesquisa foi conhecer como as crianças moradoras de uma ocupação habitacional vivenciam e representam plasticamente o espaço da moradia, por meio de oficinas artísticas. A partir de uma metodologia de pesquisa qualitativa com estudo de inspiração etnográfica, propôs-se conhecer o cotidiano dessas crianças na Ocupação José Bonifácio, na região central da cidade de São Paulo. Inicialmente, foram realizadas entrevistas com a assistente social, lideranças e mães da ocupação. Com o fim do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19, foram iniciadas as oficinas artísticas que tiveram a participação de crianças de 6 a 12 anos de idade, de ambos os sexos, para abordar a temática da moradia. Pode-se concluir que as crianças vivenciam o espaço da ocupação pelo brincar e pela ludicidade. O desenho, como linguagem artística, permitiu que as crianças moradoras da ocupação pudessem construir e narrar como representam sua moradia e vivenciam os espaços por elas mesmas, sendo a figura da casa, a representação maior do lar.

Palavras-Chave: Infância; Habitação Social; Ocupação Habitacional; Desenho; Fotografia; Psicologia.

ABSTRACT

SILVA, R. B. R. Childhood and occupied buildings: the children's look on their housing. 2023. 134 f. Master's Thesis – Psychology Institute, São Paulo University, São Paulo.

In 2019, as pointed out by the João Pinheiro Foundation, there was a deficit of 5.876 million homes in Brazil. Only in the Metropolitan Region of São Paulo, the estimated demand was 590,000 homes, in contrast to the existence of 571,491 empty properties, 40,000 of which were in the central region of the city alone. Organized social movements provide a home for the homeless, occupying empty buildings with no social function, thus realizing a right guaranteed by the Federal Constitution of 1988, the right to housing. Regarding the housing situation in Brazil, this research project intends to address a more specific point of this social issue, the most vulnerable in this process for the right to housing: children. The main objective of this research was to know how children living in housing occupations experience and plastically represent their housing space, through artistic workshops. Based on a qualitative research methodology with an ethnographic study, it was proposed to share the daily life of these children in the José Bonifácio Occupation, in the central region of the city of São Paulo. Initially, interviews were conducted with the social worker, leaders, and mothers of the occupation. From the end of the social isolation imposed by the Covid-19 pandemic, artistic workshops were started with the participation of children aged 6 to 12, of both sexes, to address the theme of housing. It can be concluded that children experience the occupation space through play and play. Drawing, as an artistic language, allowed the children living in the occupation to build and narrate how they represent their home and experience the spaces for themselves, with the figure of the house being the most significant representation of the home.

Keywords: Childhood; Low-cost Housing; Housing occupation; Drawing; Photography; Psychology.

LISTA DE SIGLAS

CEM	Centro de Estudos da Metrópole
CEPH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EVA	Etileno Acetato de Vinila
FAU-USP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP
FEBEM	Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
FJP	Fundação João Pinheiro
FLM	Frente de Luta por Moradia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPTU	Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana
IP-USP	Instituto de Psicologia da USP
MMCR	Movimento Moradia Central Regional
MMLJ	Movimento de Moradia na Luta por Justiça
MMPT	Movimento de Moradia Para Todos
MST	Movimento Sem Terra
MSTC	Movimento Sem Teto do Centro
MSV	Mercado Sul Vive
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
ONG	Organização Não Governamental
PBI-USP	Portal de Busca Integrada da USP
PEUC	Parcelamento, Edificação e Utilização Compulsórias
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PMCMVE	Programa Minha Casa Minha Vida Entidades
PMPI	Plano Municipal da Primeira Infância
RNSP	Rede Nossa São Paulo
ROTA	Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar
SEDH	Secretaria Especial de Direitos Humanos
SEHAB	Secretaria de Habitação de São Paulo
SESC	Serviço Social do Comércio
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
ULC	União das Lutas dos Cortiços
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
USP	Universidade de São Paulo

Lista de Figuras

Figura 1 - Menino brincando pelos muros da ocupação	12
Figura 2 - Menino pulando a janela de um muro da ocupação	12
Figura 3 - Três meninos em cima de uma laje da ocupação	12
Figura 4 - Predominância de famílias por classe e acessibilidade a empregos na cidade de São Paulo.	23
Figura 5- Mapa do Município de São Paulo – Loteamento Irregular.....	27
Figura 6- Concentração de Equipamentos de cultura e lazer no município de São Paulo.....	42
Figura 7 - Segundo encontro com as crianças da ocupação.....	62
Figura 8- Terceiro encontro.....	63
Figura 9- Crianças brincando na brinquedoteca da ocupação	63
Figura 10 - “ <i>Meus dois irmãos e minha mãe</i> ”	67
Figura 11- “ <i>Minha casa</i> ”	70
Figura 12 - Continuação do projeto da casa de Jéssica	71
Figura 13 - A Casa do amigo	72
Figura 14 - “ <i>Eu e a Júlia</i> ”	73
Figura 15 - Mapa da ocupação: da entrada até a casa de Lilian.....	74
Figura 16 - Mapa da ocupação: da entrada até a casa de Mário	74
Figura 17 - A Ocupação e a casa do Maranhão	75
Figura 18 - “ <i>Eu e minha irmã na casa do Maranhão</i> ”	75
Figura 19 - “ <i>É uma casa</i> ”.....	76
Figura 20 - A Casa de Luana	76
Figura 21 - Casa colorida e bolo de aniversário.....	77
Figura 22 - “ <i>Casa que eu morava</i> ”.....	77
Figura 23 - “ <i>Onde eu morava com meus pais, antes daqui</i> ”	78
Figura 24 - “ <i>Minha casa e eu</i> ”	78
Figura 25- “ <i>Casa com raio laser</i> ”	79
Figura 26 - A Casa	79
Figura 27 - “ <i>Coração e minha casa</i> ”	80
Figura 28- “ <i>Minha casa e da Isabela</i> ”	80
Figura 29 - “ <i>Minha casa e minha mãe</i> ”	81
Figura 30 – Desenho do aniversário de Diego.....	82
Figura 31 - Comparação entre desenhos de Casa e o prédio da Ocupação.....	83
Figura 32 –Ocupação e a casa do Maranhão	84
Figura 33 - “ <i>Prédio pequeno, prédio médio e prédio grande</i> ”	84
Figura 34 - “ <i>O prédio e o céu rosa</i> ”.....	85
Figura 35 - “ <i>Mas tem que subir as escadas</i> ”	85
Figura 36 - “ <i>Onde a gente mora</i> ”	86
Figura 37 - Prédio.....	86
Figura 38 - “ <i>Prédio de frente</i> ”	87
Figura 39 - “ <i>Prédio de costas</i> ”.....	87
Figura 40 - “ <i>Sou eu na rua</i> ”.....	88
Figura 41 - Entrada da Ocupação.....	88
Figura 42- Igreja	92
Figura 43 - “ <i>Igreja que vou com a minha mãe</i> ”	92
Figura 44 - Helicóptero da polícia	93
Figura 45 – ROTA	93
Figura 46 - “ <i>É a Cidade que eu morava antes e duas pessoas em carros voadores</i> ”	94

Figura 47- “Vejo castelos”	94
Figura 48 – Comércio	95
Figura 49 - Rua da frente “para Raqueu”	95
Figura 50 - Cidade “para Raqueu”	96
Figura 51 – “Pula-corda”	96
Figura 52 - Meninas pulando corda	97
Figura 53 – Cartões feitos pelas crianças para o Dia das Mães	102
Figura 54 - Família e Mingau	104
Figura 55 - Quarto ♥	105
Figura 56 - Minha Família	105
Figura 57 - Família	106
Figura 58 - “Um lindo lugar onde fui muito feliz com minha filha”	106
Figura 59 - Eu e minha filha	107
Figura 60 - “Esse dia fui muito feliz com minha família”	107
Figura 61 – Erick “irmão” de Miriam.....	108
Figura 62- Fachada do prédio da ocupação.....	110
Figura 63 - Menina correndo em direção a entrada da moradia	111
Figura 64 - A rua da ocupação em um domingo de manhã.....	111
Figura 65 - Vista da Praça Pacheco e Silva	111
Figura 66 – Meninos na brinquedoteca	112
Figura 67 - Vista da brinquedoteca.....	113
Figura 68 - Retrato de crianças e a pesquisadora	113
Figura 69 - Retrato das crianças.....	113
Figura 70 - Vista do corredor dos apartamentos	114
Figura 71 - Vista do corredor da entrada da moradia	114
Figura 72 - Fogão	115
Figura 73 - Garatujas no armário.....	115
Figura 74 - Cômada e estrela na parede.....	116
Figura 75 - Mãe de Diego arrumando as malas para ir	116
Figura 76 - Parede e tomadas	117
Figura 77 - Vista de um armário	117
Figura 78 - Irmão de Diego	118
Figura 79 - Vista da exposição dos Desenhos das Crianças	119

Sumário

INTRODUÇÃO	14
OBJETIVOS	18
1 A QUESTÃO DA MORADIA NO BRASIL	19
1.1 EVOLUÇÃO DAS LEIS URBANÍSTICAS E O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA: A CRISTALIZAÇÃO DA SEGREGAÇÃO SOCIAL	20
1.2 OCUPAÇÃO HABITACIONAL E O DIREITO À CIDADE	24
1.3 DIREITO À MORADIA E AS MULHERES	29
2 A INFÂNCIA E AS OCUPAÇÕES HABITACIONAIS	32
2.1 INFÂNCIA, ESPAÇO E LUGAR	33
2.2 INFÂNCIA E CIDADE: OS LUGARES DAS CRIANÇAS MORADORAS DE OCUPAÇÃO HABITACIONAL NO CENTRO DE SÃO PAULO	40
3 MÉTODO	50
3.1 USO DE IMAGENS EM PESQUISAS COM CRIANÇAS.....	50
3.2 ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS	52
3.3 ABORDAGEM.....	54
3.4. ESCOLHA DO LOCAL E BREVE CARACTERIZAÇÃO	54
3.5 PARTICIPANTES	55
3.6 INSTRUMENTOS	55
3.7 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	55
3.8 DEVOLUTIVA PARA A COMUNIDADE PARTICIPANTE	56
3.9. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE RESULTADOS	57
3.10 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	57
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
4.1 OS PRIMEIROS CONTATOS E AS ENTREVISTAS.....	58
4.2 OFICINA ARTÍSTICA COM AS CRIANÇAS DA OCUPAÇÃO	60
4.3 OS TEMAS DESENHADOS PELAS CRIANÇAS.....	68
4.3.1 A casa.....	69
4.3.2 O prédio.....	82
4.3.3 Vistas/arredores	90
4.3.4 Brincadeiras	96
4.5 MÃES	101
4.6 RODA FOTOGRÁFICA	108
4.7 DIA DAS CRIANÇAS E A EXPOSIÇÃO DOS DESENHOS	118
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
BIBLIOGRAFIA	123
ANEXO A - Roteiro para entrevista semiestruturada–Coordenação	130
ANEXO B - Roteiro para entrevista semiestruturada - Pais/Responsável	131
ANEXO C - Proposta de oficinas artísticas semiestruturada	132

APRESENTAÇÃO

Meu interesse em imagens produzidas por crianças começa em 2013, no primeiro ano de graduação em Artes Visuais, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, quando entrei para o projeto de cultura e extensão “*A Pintura do Litoral Sul do Estado de São Paulo*”. Durante dois anos de projeto, monitorei oficinas de pintura de paisagem para as crianças de escolas públicas da cidade de Cananéia, São Paulo, em quatro temporadas de oficinas que tiveram duração de 10 dias. Tínhamos como proposta estimular a percepção da paisagem marítima pelas crianças e, assim, desenvolver uma conscientização da preservação do equilíbrio ecológico da região.

Voltei a trabalhar com crianças em 2018, dirigindo um projeto de arte-educação e reforço escolar para as crianças moradoras da Ocupação Nove de Julho no centro do município de São Paulo, em parceria com a ONG Novo Olhar. Semanalmente, encontrávamos as crianças na brinquedoteca da moradia para as atividades, que já foram de produção de maquetes do sistema solar à desfile de fantasias, produzidas nas oficinas.

Antes de iniciar as oficinas, fui à ocupação diversas vezes, apenas para as crianças se acostumarem com a minha presença e ir conhecendo cada uma naturalmente. Acredito que essa postura tenha proporcionado uma relação próxima com as crianças, que no geral são muito afetivas. Também, sempre que possível, nas atividades do projeto foram introduzidas atividades sugeridas pelas próprias crianças.

Em uma das atividades, propus que as crianças fossem filmando a ocupação me apresentando o lugar em que moram, desde a portaria. O resultado foi um vídeo impressionante, sendo possível ver as crianças subindo, pulando e percorrendo as paredes em ruínas com muita facilidade e naturalidade, subindo e pulando das janelas e árvores como se estivessem brincando em um “tropa-tropa” de parque infantil (Figuras 1, 2 e 3). Além da relação de intimidade com o espaço físico, nota-se uma aproximação com todos que moram e entram na moradia – pode-se ouvir “*essa é a orquídea da Dona Irene*”, “*olha ali a menina Duda*” -, as crianças cumprimentam e apresentam todos que aparecem no vídeo de forma muito espontânea.

Figura 1 -Menino brincando pelos muros da ocupação



Fonte: captura de tela de vídeo gravado pelas crianças da ocupação apresentando o prédio, 2019.

Figura 2 - Menino pulando a janela de um muro da ocupação



Fonte: captura de tela de vídeo gravado pelas crianças da ocupação apresentando o prédio, 2019.

Figura 3 - Três meninos em cima de uma laje da ocupação



Fonte: captura de tela de vídeo gravado pelas crianças da ocupação apresentando o prédio, 2019.

Esta proposta de pesquisa nasceu do meu interesse em aprofundar o conhecimento junto às crianças que vivem em ocupação, às brincadeiras nos espaços comuns, à rotina comunitária como as assembleias, festas e atividades sociais.

Conhecer como as crianças se relacionam entre pares, com os pais, com outras famílias – muitas vezes há famílias coabitando um mesmo domicílio. A maioria das coordenadoras dos movimentos sociais de moradia são mulheres¹, e há grande quantidade de imigrantes e migrantes acolhidos por esses movimentos morando em ocupações, como é possível ver no filme-documentário “Era uma vez Hotel Cambridge”².

Porém, não tinha intenção de realizar o projeto na Ocupação Nove de Julho, em que comecei as atividades com as crianças. Por ser uma ocupação com grande impacto social e cultural, já havia uma grande demanda de atividades e projetos sociais participando dessa unidade. Assim, fui em busca de outra ocupação no centro de São Paulo onde o presente projeto teria um maior impacto para os moradores, e indicada por um professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU-USP, encontrei a Ocupação José Bonifácio, onde realizei todo o trabalho.

Essas são algumas questões que levantei durante minha vivência com as crianças e levei para uma proposta formal de investigação acadêmica, a fim de contribuir com futuras propostas de educação, psicologia, arquitetura e ciências sociais relacionadas à infância e moradia. A escolha por uma abordagem na área da Psicologia, vem do meu interesse maior no indivíduo, em sua totalidade, do que na estética de suas produções criativas. O uso das artes plásticas é mais um canal de comunicação do que o resultado em si. O curso de mestrado na área de pesquisa da Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano abraçava melhor minhas expectativas e lacunas teóricas sobre esses aspectos.

Acredito que elevar o olhar das crianças moradoras para o protagonismo, mesmo que intermediado pelo meu papel de pesquisadora, é estreitar o diálogo entre a população que luta pelo direito fundamental à moradia e a sociedade em geral - que absorve essa realidade pela abordagem das grandes mídias que na maioria das vezes criminalizam esses movimentos sociais. Poder contribuir para avanços acadêmicos a respeito da infância e quebrar possíveis estigmas sociais foi motivador para a produção deste trabalho.

¹ Casa à Luta, Da. Direção: Luanne Neri. São Paulo, 2017. (25min).

² Era uma vez o Hotel Cambridge. Direção: Eliane Caffé. Vitrine Filmes: São Paulo, 2017. (99 min).

INTRODUÇÃO

Do final século XIX até o século XXI, a questão habitacional no Brasil foi estruturada sob uma contínua luta de classes (VILLAÇA, 1986), que vem moldando o espaço urbano das metrópoles do país reproduzindo as relações sociais de trabalho. A iniciativa privada esteve presente na produção habitacional (MARQUES, 2017), com maior ou menor atuação, o Estado subordinando-se ao mercado com a demanda social, e usando o problema da habitação social em momentos de recessão econômica, como instrumento político para estabilidade financeira e legitimação de poder.

Não se pode negar que ao longo dos anos, a discussão sobre habitação e direito à cidade avançou, tanto na esfera política como normativa, assim políticas públicas e leis urbanísticas passaram a fazer parte dos três níveis de poder, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Bem como, importantes programas de habitação de interesse social buscaram absorver a necessidade de moradia ao longo de décadas.

Porém, as políticas públicas e leis urbanísticas são aplicadas de forma que reproduzem o desenho urbano segregacionista (MARQUES, 2017) e, conseqüentemente, limitando a população de baixa renda às periferias em prol do aumento dos valores imobiliários dos centros urbanos e de um higienismo³ de classe. A consequência é uma parcela da população, impossibilitada de ter acesso à moradia pelo sistema de mercado habitacional ou subsídios dos programas do governo, ter de recorrer a alternativas de moradia, como casas auto empreendidas em assentamentos ou ocupações de edifícios vazios, imóveis que descumprem a função social de propriedade. Movimentos sociais de moradia, a partir da redemocratização, vêm dando suporte a essas famílias invisíveis ao Estado, exigindo o cumprimento do direito à moradia garantido pelo artigo 6º da Constituição Brasileira de 1988.

O país necessita de 5,876 milhões de habitações dignas e acessíveis, segundo a pesquisa feita pela Fundação João Pinheiro (FJP, 2021) com dados do

³ Termo cunhado por médicos e sanitaristas, por volta do século XIX, em decorrência das grandes epidemias urbanas, como varíola, tuberculose, tifo, e o principal argumento da linha de pensamento higienista era uma modificação de comportamento social visando a Higiene. Essa linha acabou afetando vários outros setores da sociedade como o urbanismo (FERNANDES; OLIVEIRA, 2012).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o qual é utilizado oficialmente pelo Governo Federal. Se aplicarmos os números supracitados, com a média de 2,9 pessoas por domicílio, segundo o Censo 2019 do IBGE, isso significa que cerca de 17 milhões de brasileiros não têm moradia digna.

A alternativa é esperar ser chamado por programas de habitação como o “Minha Casa Minha Vida”, que embora seja o maior programa federal de habitação social do país, apenas parte das moradias vão para famílias com menos de três salários-mínimos; além disso, são construídas nas periferias da cidade, voltando ao obstáculo do preço do transporte que cresce todo ano, consideravelmente. O programa foi extinto no Governo do Presidente Bolsonaro (2019-2022), que o substituiu pelo “Casa Verde e Amarela”, sendo retomado com a volta do Governo do Presidente Lula em 2023.

No recorte da Região Metropolitana de São Paulo, o número do déficit é de 590 mil moradias (Fundação João Pinheiro, 2021, p.113). Em contrapartida, a região também concentra um grande número de edifícios vazios, descumprindo a função social do imóvel. Conforme a pesquisa feita por Jeroen Stevens, da University of Leuven Belgium, constatou-se que há 571.491 ‘domicílios vagos com potencial de ocupação’ na região metropolitana de São Paulo, chegando quase a suprir o número do déficit habitacional (STEVENS, 2018, p.48). Apenas na região central da cidade existem, aproximadamente, 40 mil domicílios vagos, sem que nem precisem de reformas estruturais para serem habitados (STEVENS, 2017, p.28).

É também na região central da cidade de São Paulo, que se concentra a maior oferta de empregos. Morar nas periferias, onde o aluguel é menos inacessível, consumiria meio salário-mínimo para o transporte até o trabalho, tornando para muitas famílias uma opção inviável. Organizados por movimentos sociais, os sem-tetos têm a possibilidade de uma moradia, ocupando prédios vazios e sem função social, efetivando assim um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, e pelo Estatuto da Cidade, o direito à moradia⁴. Segundo a Secretaria de Habitação de São Paulo (SEHAB, 2023), em fevereiro de 2023, existiam 22 imóveis públicos, 122 imóveis particulares e 23 imóveis de empresa pública na circunscrição das Subprefeituras Lapa, Sé, Pinheiros e Mooca (centro expandido).

⁴ Fala da Profa. Ermínia Maricato, Evento: Seminário: Direito à moradia e as ocupações urbanas 12/07/2018 Câmara Municipal de São Paulo.

Sobre a situação da precariedade das moradias no Brasil, este projeto de pesquisa pretendeu abordar um ponto mais específico desta questão social, os mais vulneráveis nesse processo pelo direito à moradia: as crianças; as relações da ocupação habitacional e a infância e como as crianças moradoras dessa arquitetura retratam sua realidade.

Quando fazemos um recorte de dados focando na infância e adolescência, no Brasil, o resultado é cerca de uma em cada dez crianças e adolescentes vivendo em moradias inadequadas, que segundo critérios da UNICEF, é uma casa com quatro pessoas ou mais por dormitório, ou cujas paredes e/ou teto são de material inadequado, como madeira aproveitada. No estado de São Paulo, o número é de 10,6% das crianças e adolescentes vivendo nessas condições (UNICEF, 2023).

Este trabalho visou aprofundar o conhecimento junto ao olhar das crianças que vivem em ocupação habitacional, em particular na Ocupação José Bonifácio, como vivenciam e representam plasticamente o espaço da moradia. Conhecer as brincadeiras nos espaços comuns, à rotina comunitária como as assembleias, festas e atividades sociais. Conhecer como as crianças se relacionam entre pares, com os pais, com outras famílias – muitas vezes há famílias coabitando um mesmo domicílio. Sendo assim, com o propósito de adentrar no cotidiano dessas crianças que vivem em ocupação, optamos por uma metodologia de pesquisa qualitativa com estudo de inspiração etnográfica, propondo a realização de uma oficina para que as crianças pudessem realizar e compartilhar suas produções plásticas a respeito da temática da moradia.

Esta dissertação foi estruturada nos seguintes capítulos.

Para a melhor compreensão da situação da moradia no Brasil, em particular na cidade de São Paulo, no capítulo 1: A QUESTÃO DA MORADIA NO BRASIL, aborda-se o tema da segregação territorial nas cidades, de determinadas parcelas da população, sua progressão histórica no contexto brasileiro e como a alternativa de ocupar prédios ociosos nos centros urbanos é mais do que uma luta por moradia, é uma luta pelo direito aos territórios da cidade. Fizeram parte das referências bibliográficas deste capítulo, pesquisas de urbanistas brasileiros como Flávio Villaça, Nabil Bonduki e Ermínia Maricato.

No capítulo 2: A INFÂNCIA E AS OCUPAÇÕES HABITACIONAIS, levantou-se observações a respeito dos conceitos de Espaço e Lugar na infância, até se restringir aos lugares das crianças moradoras de ocupação habitacional no centro de

São Paulo. Esta parte da revisão bibliográfica se debruçou em discussões já propostas por pesquisadores como os de Mayumi Lima, Luiz Kohara, Márcia Gobbi e Carolina Gonçalves. Também, buscou-se compreender a casa na percepção e no imaginário das crianças utilizando os estudos de Bachelard, bem como, estudar a produção artística e o desenho infantil em pesquisas como as de Vigotski.

Compreendido estes pontos, apresentamos o MÉTODO do trabalho no capítulo 3.

Após a submissão e aprovação do projeto pelo CEPH-IPUSP, pretendíamos iniciar o trabalho de campo na ocupação escolhida. Apresentada por um professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), a assistente social da ocupação, de nome Socorro, prontamente aceitou participar do projeto. A moradia também contava com espaços comuns apropriados para realização das atividades propostas, critério determinante na escolha da ocupação.

Porém, em virtude da situação delicada em que o país se encontrou no decorrer de 2020 e 2021 por conta da pandemia de Covid-19 e a necessidade de distanciamento social, o contato presencial foi adiado, sendo necessário realizar as entrevistas de modo remoto, por meio de vídeo chamadas. Somente em setembro de 2021, após o avanço da vacinação e o recuo do contágio e das mortes na cidade de São Paulo, foi possível a entrada em campo para a realização de entrevistas e das oficinas, que estão contempladas no capítulo 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Por fim, em CONSIDERAÇÕES FINAIS, conclui-se que as crianças vivenciam o espaço da ocupação pelo brincar e pela ludicidade. O desenho, como linguagem artística, permitiu que as crianças moradoras da ocupação pudessem construir e narrar como representam sua moradia e vivenciam os espaços por elas mesmas, sendo a figura da casa, a representação maior do lar. Enquanto, pela linguagem fotográfica, podemos ver o que as crianças elegeram para ser retratado: os lugares de brincar. E do que elas brincavam também foi unânime: bola, bicicleta, skate, jogos como queimada, pular corda e que todos brincavam juntos, independente de idade ou gênero. Também, nota-se que presença das famílias no edifício transformou a região, trazendo no que um dia foi uma ruína da cidade, uma sobrevida e, em breve, uma nova vida com a possibilidade de se tornar uma unidade habitacional.

OBJETIVOS

O objetivo principal desta pesquisa foi conhecer como as crianças moradoras de uma ocupação habitacional vivenciam e representam plasticamente o espaço da moradia, por meio de oficinas artísticas.

Objetivos específicos:

1) Investigar como as crianças se expressam por meio de brincadeiras e outras representações lúdicas, seus pensamentos, afetos e expectativas em relação ao espaço da moradia e seus moradores.

2) Conhecer como as mães, as famílias e a coordenação percebem a situação das crianças na ocupação.

1 A QUESTÃO DA MORADIA NO BRASIL

Ao iniciar a pesquisa sobre habitação social no Brasil, Villaça (1986) mostra que o problema da moradia enquanto questão social surge no país, no final do século XIX (VILLAÇA, 1986, p.14) e que, a partir de então, não chegou perto de ser solucionado.

Para Bolaffi, o problema da habitação popular no Brasil foi usado como artifício e propaganda política, como no caso do Banco Nacional da Habitação (BNH) durante a ditadura militar. O real problema não era o déficit habitacional, já que do ponto de vista da economia política vigente, o Brasil possuía exatamente o número de habitação para o qual existia uma demanda monetária, como qualquer outra mercadoria (BOLAFFI, 1982, p.52). O autor critica a denominação **déficit** sobre o problema da habitação, pois se tratando da moradia como um produto e não como direito, não há escassez de moradias no mercado, mas sim que parcela da população não tem acesso ao produto de qualidade.

No período de redemocratização, após o fim da ditadura civil-militar no país (1964-1985), no contexto de lutas pelas eleições diretas, de mobilização popular e do surgimento de movimentos sociais, cresce a oposição ao BNH, por este estar atrelado ao autoritarismo do regime militar e por ser usado como propaganda política. Esperava-se que com o fim do regime, houvesse uma profunda reestruturação na política habitacional do país, mas em 1986 o BNH foi extinto (BONDUKI, 2019, p.75). Conseqüentemente, ocorreu o aumento do processo de urbanização informal, que foi ignorado pelo poder público. As famílias de mais baixa renda, sem uma alternativa, continuavam ocupando áreas periféricas e irregulares, sem infraestrutura, com construções auto empreendidas. Bonduki observa que em 1970, apenas 1% da população da cidade de São Paulo vivia em favelas. Em 2000, essa população saltou para nada menos que 20% (BONDUKI, 2019, p.89).

A casa própria autoconstruída foi a solução dos trabalhadores frente à crise habitacional das cidades. A difusão da autoconstrução habitacional possibilitou o acesso à moradia pelos trabalhadores por meio da mão de obra familiar, em lotes clandestinos, ilegais e periféricos, sem infraestrutura urbana. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a partir da década de 1940, inicia um intenso processo de favelização e casas autoconstruídas (VILLAÇA, 1986, p.21). No entanto, a alternativa de

autoconstrução também não solucionou a crise territorial, deixando a mão de obra longe dos centros e condensando a maior parte dos recursos e de oferta econômica.

A periferia como fórmula de reproduzir nas cidades a força de trabalho é consequência direta do tipo de desenvolvimento econômico que se processou na sociedade brasileira das últimas décadas. Possibilitou, de um lado, altas taxas de exploração de trabalho, e de outro, forjou formas espoliativas que se dão ao nível da própria condição urbana de existência a que foi submetida a classe trabalhadora (KOWARICK, 2012, p.41).

1.1 EVOLUÇÃO DAS LEIS URBANÍSTICAS E O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA: A CRISTALIZAÇÃO DA SEGREGAÇÃO SOCIAL

A passagem para o século XXI foi um marco para a questão da habitação como direito no país. A democratização política, os movimentos sociais de moradia, e a ampliação da noção de direito à cidade pressionavam por uma maior participação dos municípios na questão da habitação, tornando o poder local o principal interlocutor das organizações populares, por estar em contato direto com os problemas da população carente (BONDUKI, 2019, p.77). Com base na Constituição de 1988, Capítulo II da Política Urbana, Art. 182, importantes normativas urbanísticas se desenvolveram delegando aos municípios executarem “o pleno desenvolvimento das *funções sociais* da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes⁵”, como também a cumprir a função social da propriedade, a partir de diretrizes do plano diretor, que inclui no Art. 6º pela Emenda Constitucional nº 26 de 14/02/2000⁶ a moradia como um dos direitos e garantias fundamentais.

Em 2001, foi aprovado o Estatuto da Cidade, LEI Nº 10.257, DE 10 DE JULHO DE 2001, determinando as diretrizes dos processos urbanos pela “cooperação entre os governos, a iniciativa privada e os demais setores da sociedade no processo de urbanização, em atendimento ao *interesse social*”⁷. E em 2003, no governo do Presidente Lula, é criado o Ministério das Cidades, um setor do governo, exclusivamente, responsável pela gestão da política habitacional do país.

Em 2009, o Brasil necessitava de 5,7 milhões de domicílios acessíveis para a população de baixa renda, que não tinha acesso à moradia de qualidade, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). O programa do Governo Federal,

⁵ BRASIL. Constituição Federativa do Brasil de 1998. Capítulo II. Artigo 182. 1988.

⁶ _____. Constituição Federativa do Brasil de 1988. Artigo 6º:Emenda Constitucional de 14 de Fevereiro de 2000.

⁷ _____.Constituição Federativa do Brasil de 1988. Lei nº 10.257 de 10 de Julho de 2001.

Minha Casa Minha Vida, lançado em março deste mesmo ano, visou a redução desse número, também foi usado como medida para minimizar os impactos da crise econômica internacional de 2008. Por meio da concessão de incentivos à produção e compra de novas unidades habitacionais, tinha como meta em sua fase inicial (2009-2011) a construção de um milhão de novas moradias, dentre elas 400 mil unidades habitacionais para faixa de renda familiar de até R\$1.600,00⁸ (ROLNIK, 2015). Com um pouco mais de dez anos de existência, o programa entregou cerca de 4,3 milhões de unidades habitacionais no país, o que equivale ao município de São Paulo em número de moradias (MAZZA; ROSSI; BUONO, 2019).

Considerado o maior programa habitacional da história do Brasil, é preciso considerar que apesar de atender demandas das classes de menor renda, com a modalidade Minha Casa Minha Vida Entidades (PMCMVE), uma cooperação entre movimentos de moradia e o governo federal, o desenho urbano seguiu padrões de segregação, empurrando essa parcela da população para as periferias. A escolha da localização não é feita pelo governo federal, mas por interesses imobiliários, incorporações e empreiteiras.

Nota-se maior concentração de propostas de empreendimentos nas faixas de maior afastamento em relação à praça da Sé, sobretudo nas distâncias entre 20 a 25 km e 25 a 30 km, com 48 e 43 propostas, respectivamente. [...] Chama a atenção a quantidade de propostas de fato próximas ao centro histórico da cidade, em distâncias caminháveis (0 a 5 km): 10 propostas de empreendimentos, que correspondem a aproximadamente 6,4% do total. É sem dúvidas um número baixo e pouco representativo, mas deve ser levado em consideração dado o padrão de segregação de conjuntos habitacionais de provisão pública, como os construídos pela COHAB-SP e pela CDHU[...] (SABADI, 2021, p.99).

Ao longo dos anos, a Faixa 1 do PMCMV foi deixada de lado. Se nos primeiros cinco anos do programa, 47% das unidades construídas foram destinadas a Faixa 1, nos cinco anos seguintes, os números caíram para 16%, e até julho de 2019, nenhuma unidade da Faixa 1 foi contratada (MAZZA; ROSSI; BUONO, 2019). Outro fator significativo para a diminuição acentuada de unidades entregues de todas as faixas, a partir de 2019, é a mudança para um governo federal mais alinhado à política econômica neoliberal, resistente às políticas sociais, promovendo crescente desmonte dos direitos trabalhistas e o aumento significativo de trabalhadores

⁸O programa MCMV é dividido em três faixas para atender faixas de rendas distintas, a Faixa 1 é destinada ao atendimento de famílias com renda mensal de até R\$1.600,00; a Faixa 2 a famílias com renda mensal entre R\$1.600,00 e R\$3.100,00; e a Faixa 3 a famílias com renda entre R\$3.100,00 e R\$5.000,00 (Rolnik, 2015).

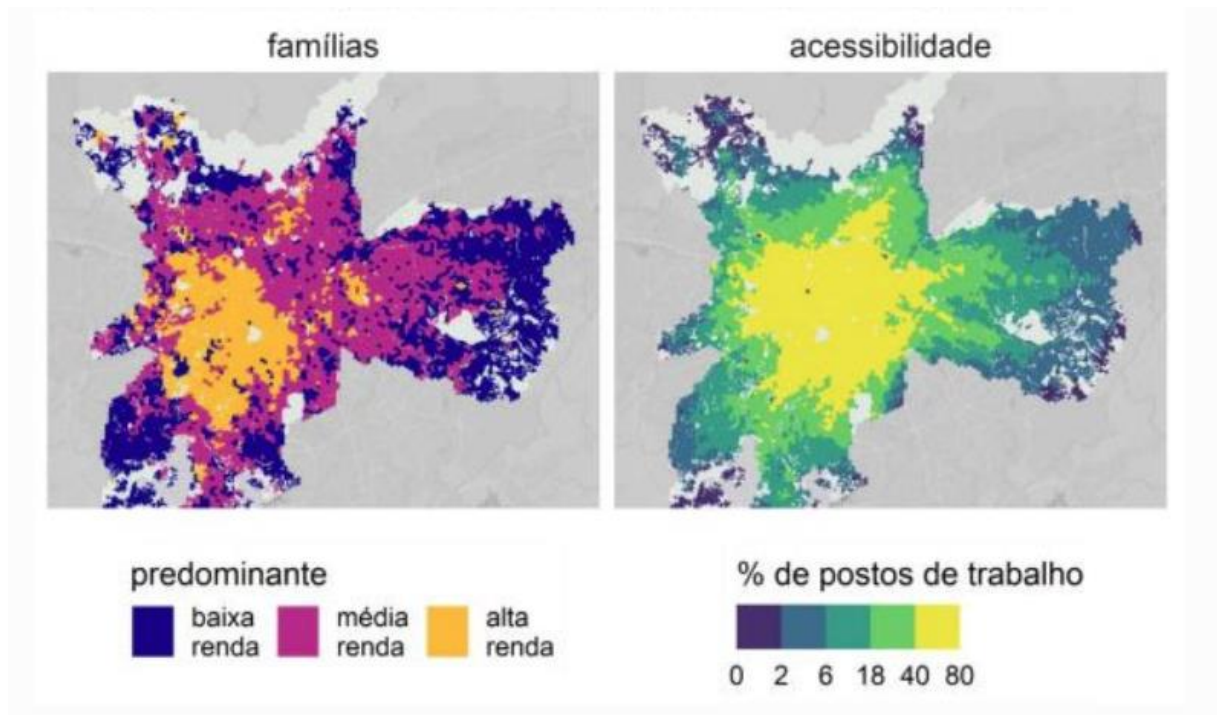
informais. Em agosto de 2020, durante o governo do Presidente Bolsonaro, o Programa Minha Casa Minha Vida foi substituído pelo Programa Casa Verde e Amarela, que excluía o nível 1 do PMCMV onde famílias com renda até 1,4 mil reais podiam financiar sua casa sem juros.

Como apontado anteriormente, as famílias mais pobres são cada vez mais empurradas para as áreas afastadas dos centros urbanos e levam mais tempo em transporte, muitas vezes, mais de uma hora até o trabalho, fazendo com que essas áreas de conjuntos habitacionais virem, praticamente, cidades dormitório. Dados sobre a relação do tempo de viagem de transporte metroviário e renda familiar no município de São Paulo, mostra que quanto menor a renda, maior é o tempo médio de viagem (SARDINA NETO, 2012). Além do tempo gasto em viagens, dados do IBGE, durante 2018 e 2019, mostram que a renda do brasileiro é consumida mais pelo transporte do que com alimentação (MIRANDA, 2020). O que mostra que as famílias vivem o impasse de ou gastarem mais morando nas regiões centrais – em domicílios precários e coabitados como cortiços⁹ - e economizar com o deslocamento até o trabalho, ou morarem nas periferias e gastarem mais com transporte, que vem aumentando consideravelmente todo ano (MARICATO, 2018).

Segundo o mapa a seguir (Figura 4) do Centro de Estudos da Metrópole (CEM), áreas em que predominam famílias de menor renda apresentam os menores níveis de acessibilidade a empregos. Já áreas da região central da cidade de São Paulo aparecem como portadores da grande maioria dos postos de trabalho (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2021).

⁹As mais recentes estimativas oficiais – por sinal desatualizadas, pois datam de 2001 – feitas pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), identificaram que há 38 mil pessoas vivendo em aproximadamente 1,6 mil cortiços na região central do município de São Paulo, com praticamente as mesmas condições precárias e insalubres do começo do século XX.

Figura 4- Predominância de famílias por classe e acessibilidade a empregos na cidade de São Paulo.



Fonte: Centro de Estudos da Metrópole (2021) - disponível em:

<https://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/cem_na_midia_anexos/10-nota_tecnica_acesso_habitacao_transporte.pdf>

A segregação territorial da população de baixa renda ficou ainda mais evidente com a chegada da pandemia do vírus Covid-19 no Brasil. Quando comparados os números de óbitos dos bairros ricos e pobres de São Paulo, por exemplo: no período de abril/maio de 2020, em um mês, os 20 distritos mais pobres da capital paulista registraram aumento médio de 228% nas mortes causadas pela doença. “Apenas Marsilac, no extremo sul da cidade, não teve crescimento superior a 100% nos óbitos em casos suspeitos ou confirmados de coronavírus” (GOMES, 2020). Enquanto os 20 distritos mais ricos da cidade acumulam aumento médio bem inferior no número de mortes, no mesmo período: 161%. Visto que na capital paulista, 60% dos leitos de UTI estão concentrados em três distritos: Sé, Vila Mariana e Pinheiros (GOMES, 2020). Estes números evidenciam que as regiões centrais são mais abastecidas de infraestrutura e serviços básicos, os três distritos mencionados com os 60% dos leitos de UTI se localizam nas áreas centrais do município.

1.2 OCUPAÇÃO HABITACIONAL E O DIREITO À CIDADE

Após o fim do governo civil-militar e a retomada da democracia no país, houve um aumento significativo de movimentos sociais, incluindo os movimentos por luta ao direito à moradia e o direito à cidade. As ocupações de edifícios ociosos surgem na capital paulista em 1997, com o movimento União das Lutas dos Cortiços (ULC) formado por famílias que ocuparam uma série de edifícios nos Campos Elíseos, região central da cidade (FRUTUOSO; KATO, 2019, p.2). Foram milhares de famílias que chegaram aos grupos de bases – grupos de apoio à população sem-teto, e foram encaminhadas para vagas de domicílios em prédios ociosos no centro. A partir daí, vão conviver com outras famílias nas mesmas condições, algumas coabitando imóveis ou dividindo quarto-sala com seus familiares. Assim, os movimentos sociais de moradia evidenciaram as falhas nas políticas de habitação e se tornaram grandes agentes da disputa pelo território do centro de São Paulo.

Em seu artigo, Marques (2017) explica que políticas públicas são entendidas como o Estado em ação, mas políticas públicas urbanas são aquelas em que as ações do Estado incidem sobre o território e a vida urbana. Desta forma, estão incluídas tanto as produções de políticas diretas como transporte, infraestrutura, habitação e a regulação estatal sobre as ações privadas, quanto as produções indiretas:

Nesses casos, a política cria e altera o espaço urbano ao influenciar a maneira pela qual os habitantes vivenciam o cotidiano da cidade. A implementação local das políticas sociais, por exemplo, gera fluxos espaciais de agentes públicos e usuários, ao mesmo tempo que se apoia em estratégias espaciais de localização de equipamentos e programas (MARQUES, 2017, p.4).

No entanto, o autor argumenta que os agentes de produção territorial urbana (políticos eleitos, empresas privadas, comunidades profissionais, funcionários do Estado e a população em geral) não têm um poder equivalente, e por vezes, os interesses do setor privado prevalecem. O poder das instituições estatais não está na imposição sobre os outros agentes, mas na capacidade de controlar essa produção. O Estado em nível local poderia por vezes se impor, mas como a maior parte do capital está nas mãos do setor privado, o mais comum é que o governo se atenha ao papel de coordenador (MARQUES, 2017).

Marques coloca que pela segregação dos grupos sociais na cidade, o *onde* quase sempre define o *quem* (MARQUES, 2017, p.4).

Segundo Lefebvre (2008), as cidades capitalistas criaram os centros de consumo, com um duplo caráter: lugar de consumo e consumo de lugar. Os comércios se intensificam nos centros, nesses lugares privilegiados, em que também se consome o espaço e, quem não tem recurso, é excluído desses territórios. Assim, a distribuição espacial refletiu e continua refletindo as relações sociais e econômicas, segregando as classes trabalhadoras para as periferias do perímetro urbano. Sendo assim, as ocupações de moradia não só reivindicam condições dignas de moradia, como também lutam pelos espaços da cidade que lhe foram destituídos.

O país necessita de cerca de 5,8 milhões de habitações (Fundação João Pinheiros, 2021) acessíveis para a população que não tem condições de morar em um domicílio digno. O estudo da Fundação João Pinheiros considera para o cálculo: habitação precária e improvisada (construções em locais insalubres, sem abastecimento de água, saneamento básico e sem paredes de alvenaria ou madeira aparelhada), coabitação familiar (soma de famílias coabitando um mesmo domicílio ou cômodo) e ônus excessivo com aluguel (quando o valor ultrapassa mais de 30% do salário) (Fundação João Pinheiros, 2021, p.118). Com a média de 2,9 pessoas por domicílio, segundo o Censo 2019 do IBGE, significa que cerca de 17 milhões de brasileiros não têm moradia digna. Somente na Região Metropolitana de São Paulo, necessita-se de 590 mil moradias acessíveis (Fundação João Pinheiros, 2021, p.113).

Em São Paulo, como em muitas cidades brasileiras, encontra-se uma quantidade considerável de edifícios desocupados em regiões centrais, o que leva o ativismo de movimentos sociais de moradias ao seu combate, tanto pela pressão da reforma urbana, como por meio de ocupação desses edifícios ociosos a cumprir a função social do imóvel (COSTA, 2017, p.3). O descumprimento da Lei de Função Social do Imóvel, Inciso XXIII do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988, acarreta em três instrumentos urbanísticos que são aplicados sucessivamente: o Parcelamento, Edificação e Utilização Compulsórias (PEUC), o IPTU progressivo no tempo e a Desapropriação como pagamento em títulos da dívida pública. Apesar disso, foi constatado na atualidade o número ínfimo de municípios que aplicaram ou aplicam a tríade (DENALDI, 2015¹⁰ apud COSTA, 2017). Conforme a pesquisa feita por Jeroen Stevens, da University of Leuven Belgium, foi constatado que 40 mil

¹⁰ DENALDI, R. (Coord.). Parcelamento, Edificação ou Utilização compulsórias e IPTU Progressivo no Tempo. Regulamentação e aplicação. Relatório final de pesquisa Pensando o direito público – chamada pública IPEA/ PNPD n. 132/ 2013. Universidade Federal do ABC, 2015.

domicílios no perímetro central da cidade estão vagos, sem necessidade de reformas estruturais (STEVENS, 2017, p.28).

Segundo a Secretaria de Habitação de São Paulo (SEHAB, 2023), em fevereiro de 2023, havia 22 imóveis públicos, 122 imóveis particulares e 23 imóveis de empresa pública na circunscrição das Subprefeituras Lapa, Sé, Pinheiros e Mooca (centro expandido). Se observarmos o histórico¹¹ de ocupações organizadas pela Frente de Luta por Moradia (FLM), no centro do município de São Paulo, a grande parte dos imóveis ocupados estavam com dívidas de IPTU tão altas que os valores chegavam perto do seu valor de venda, como é o caso da Ocupação Mauá, na região da Luz. Vale ressaltar que em muitos casos, os proprietários não demonstram interesse em quitar as dívidas e a adequar a função social do imóvel, mostrando total desinteresse em regularizar a situação dos edifícios:

Desde 1994, nenhuma parcela do IPTU havia sido paga pelos proprietários [do imóvel da ocupação Mauá], nem mesmo após a reintegração de posse realizada em 2003, demonstrando total desinteresse na utilização do prédio para outros fins por parte dos mesmos (FIOCRUZ, 2014).

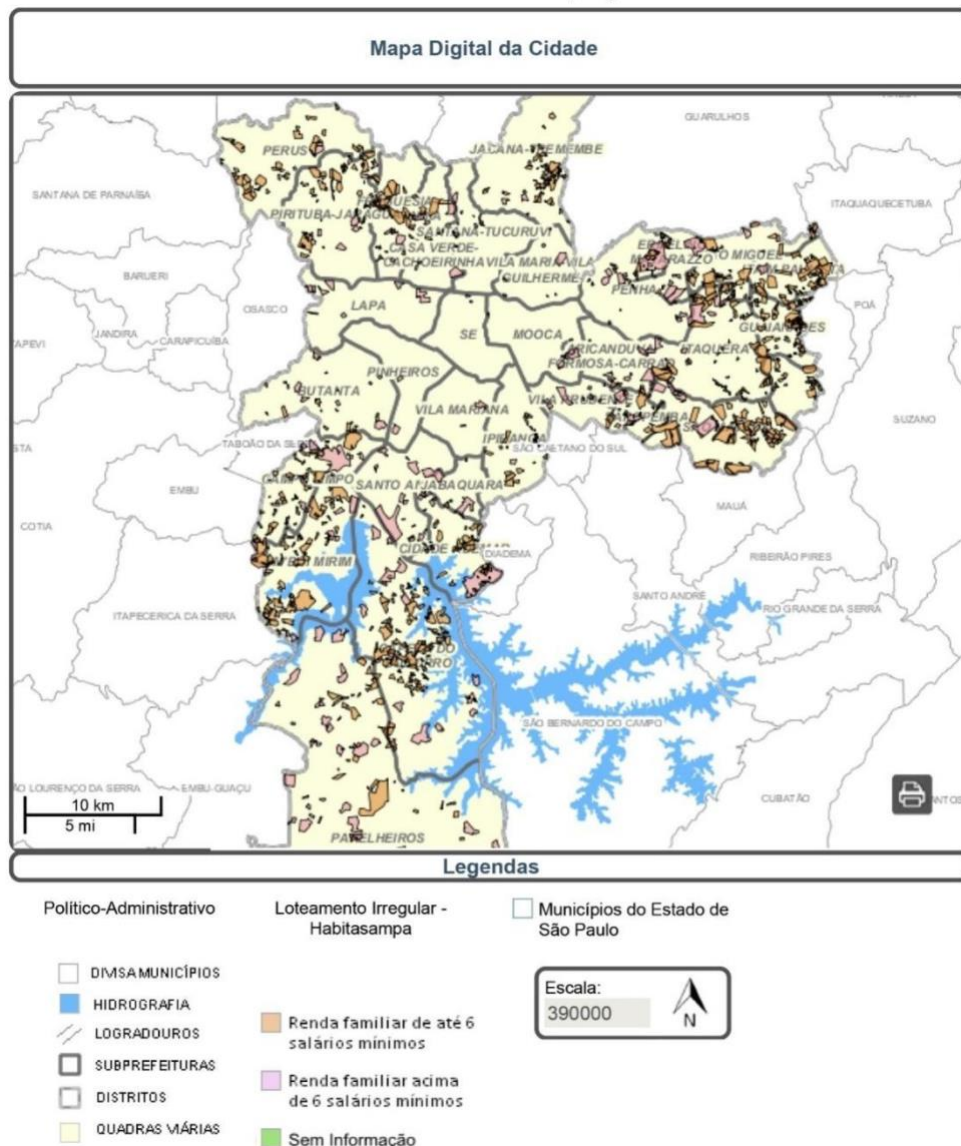
A pesquisadora Ana Gabriela Akaishi, citada na reportagem de Almeida (2023), revela que o perfil dos donos desses imóveis ociosos no centro de São Paulo é composto 74% de herdeiros rentistas e instituições religiosas:

Além disso, disputas judiciais, turbulências entre os herdeiros, junto com altas expectativas com relação ao preço da venda/aluguel são outros aspectos a se levar em consideração para entender a ociosidade no centro de São Paulo. De acordo com a pesquisadora, essas dinâmicas escancaram as marcas da construção social paulista, fundamentada no colonialismo e patrimonialismo (ALMEIDA, 2023, p.1).

Ermínia Maricato aponta para a ambiguidade entre o legal e o ilegal nas instituições públicas para a regulação do processo urbanístico a depender da localização do terreno. Há uma notável tolerância do Estado com as ocupações de famílias em áreas de preservação ecológica e próximas a mananciais, áreas que não possuem valor no mercado imobiliário (MARICATO, 1996, p.61). É possível ver no mapa a seguir (Figura 5) a grande quantidade de ocupações irregulares por famílias com mais de 6 salários-mínimos no município de São Paulo.

¹¹ Dossiê de Ocupações pelo FLM.

Figura 5- Mapa do Município de São Paulo – Loteamento Irregular



Fonte: Habitasampa. Disponível em:

<http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=66079>

Por outro lado, as ocupações de prédios nas regiões centrais são, constantemente, alvo de reintegrações de posse, como é sensivelmente retratada no documentário Dia de Festa, 2005¹², onde mostra sete tentativas de ocupações de edifícios ociosos na região central de São Paulo e a disputa jurídica. Escancarando a utilização imparcial da lei conforme os interesses do mercado imobiliário.

Nem sempre, entretanto, a tolerância prevalece, o que evidencia que a lei pode ser aplicada como pode não ser. Ambiguidade e arbítrio como convém

¹²DIA de Festa. Direção: Pablo Georgieff, Toni Venturi. São Paulo, 2005. (77 min)

a uma sociedade patrimonialista e clientelista ou como convém ao mercado imobiliário formal, para o qual a escassez aumenta as oportunidades de ganho (MARICATO, 1996, p.63).

Segundo dados do Observatório de Remoções do Labcidade, entre janeiro de 2017 e novembro de 2022, 40.756 famílias foram removidas de ocupações na Região Metropolitana de São Paulo e 225.301 foram ameaças de remoção, a maioria das justificativas apresentadas são: conflito de posse, seguido por área de risco (Observatório de Remoções do Labcidade, 2022). Mesmo durante a pandemia de Covid-19, contrariando as diretrizes dos principais órgãos de saúde pública, constatou-se um aumento no número de remoções na Região Metropolitana de São Paulo, apenas entre março de 2022 e novembro de 2021, ocorreram 59 remoções (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2022).

As ocupações de moradia em prédios vazios conseguem se contrapor a esse padrão segregacionista da produção do território e às precárias condições das moradias das regiões centrais disponíveis para a população de baixa renda. Em paralelo, promovem práticas coletivas organizadas que possibilitam romper com este sistema capitalista de produção, como traz Helene (2019, p.952):

A autogestão como base de organização das ocupações possibilita ainda uma experimentação de rompimento com lógicas capitalistas de produção e organização do espaço habitacional.

Federici (2014) se aprofunda nas experiências de gestão coletiva de bens, a qual chama de política do comum, como uma forma de romper com a lógica do capital. A ideia do comum trazido pela autora, neste contexto, demonstra uma alternativa ao Estado e a propriedade privada.

A reestruturação e reocupação dos edifícios vazios podem ir além de promover a habitação social, uma vez que as demandas sociais não são somente no campo habitacional. Os imóveis ociosos podem ser destinados a centros educacionais, áreas de lazer, unidades básicas de saúde, por exemplo (COSTA, 2017, p.15). Pensar a reestruturação urbanística das áreas centrais da cidade, pode contribuir para além da demanda por habitação social e estabelecer um novo desenho urbano social, seguindo um pensamento de gestão coletiva de bens. Contribuindo para que o direito à cidade não seja apenas uma mercadoria nas mãos de uma pequena burguesia política e econômica, alheia às necessidades da população trabalhadora.

Em *Cidades Rebeldes*, David Harvey acrescenta que o direito à cidade é muito mais do que o direito aos recursos, mas trata também sobre mudar e reinventar a cidade de acordo com os mais profundos desejos. Reforça que, todos aqueles cujo trabalho está envolvido em produzir e reproduzir a cidade, têm um direito coletivo não apenas àquilo que produzem, mas também de decidir que tipo de urbanismo deve ser produzido, onde e como (HARVEY, 2014, p.245). Isto inclui todas as profissões que contribuem para a reprodução da vida cotidiana: professores, eletricitas, motoristas de caminhões, táxis, transportes por aplicativos, funcionários da saúde, de limpeza, de restaurantes e bancos, entre outros. E que reivindicar e organizar as cidades para uma luta anticapitalista é um grande ponto de partida (HARVEY, 2014, p.272).

1.3 DIREITO À MORADIA E AS MULHERES

O capitalismo, como um sistema baseado na exploração de mão de obra feminina, tem o trabalho reprodutivo não remunerado imposto às mulheres como “pedra angular pela qual se constrói a sociedade” (FEDERICI, 2014, p.147). Sobrecarregadas pela dupla jornada de trabalho, o reprodutivo doméstico e também o produtivo, historicamente, atribuído ao gênero masculino, pela divisão sexual do trabalho, a situação das mulheres também se agrava nos âmbitos territoriais das cidades. A produção do território urbano reflete as relações de gênero, privilegiando o trabalho produtivo ao separar áreas residenciais, comerciais e industriais, o que dificulta a mobilidade urbana na realização de tarefas domésticas, com equipamentos públicos ineficientes ou ausentes em áreas isoladas, aprisionando assim ainda mais as mulheres em determinados espaços (HELENE, 2014). Porém, ao ingressarem nas ocupações de moradia, as mulheres se inserem em um contexto de coletividade, o qual contém a essência dos movimentos sociais, que visam o bem-estar dos mais vulneráveis. Sendo assim, os espaços comuns e políticas coletivas internas das ocupações auxiliam as mulheres nas atividades domésticas, o revezamento dos moradores com a limpeza e alimentação, o cuidado com as crianças e idosos facilitam a rotina das mulheres moradoras, muitas vezes mães monoparentais.

Gobbi (2019) também traz o relato de observação em campo sobre a cooperação de mulheres sobre as crianças nas ocupações:

A mulher que chama insistentemente as crianças para o banho. [...] Não se trata da mãe, mas de mulheres que tratam do acolhimento de todas as crianças que passam de lugar a lugar, de pessoa a pessoa circulando entre

elas, por dentro e fora do gradil. Há laços de maternidade consanguínea, contudo, eles são afrouxados dando lugar à presença de outras pessoas que zelam pelo lugar, pelas crianças (GOBBI, 2019, p.14).

Para além da relação com trabalho doméstico, as mulheres moradoras de ocupações constroem espaços específicos para debater as particularidades das relações de gênero, e se tornam peça central dentro das moradias.

Além de iniciarem a formação de espaços específicos para discussões de gênero dentro das organizações, começam a aparecer ações e até mesmo ocupações exclusivamente femininas, com o objetivo de acolher mulheres em situação de vulnerabilidade e de debater as especificidades das desigualdades de gênero no contexto da luta por moradia (HELENE, 2019, p.952).

As mulheres são maioria dentro das ocupações de moradia, consequência da feminilização da pobreza (HELENE, 2014), já que este grupo está relacionado ao trabalho reprodutivo, com atividades informais e trabalhos desvalorizados e precários, fato que se acentua ainda mais com as mulheres pretas. A ocupação permite formar uma forte rede de apoio e proteção, onde conseguem desenvolver autonomia econômica e também como indivíduos políticos. Helene (2014) traz o relato de algumas mulheres que conseguiram sair de situações de violência doméstica, após irem morar nas ocupações habitacionais. Grande parte da violência contra a mulher e feminicídios acontecem dentro do espaço doméstico e as ocupações possibilitam constituírem a própria moradia com segurança, levarem seus filhos e terem uma rede de proteção, que é a salvação para muitas mulheres em situação vulnerável.

Esse relato demonstra a importância da luta por moradia e da garantia da segurança de posse para o empoderamento e autonomia econômica das mulheres, bem como a possibilidade de maior autonomia às mulheres na manutenção de sua integridade física perante as violências de gênero (HELENE, 2014, p. 964).

Além do desenvolvimento da autonomia econômica e proteção de sua integridade, dentro das ocupações acontece o empoderamento das mulheres como sujeitos políticos. A participação em grupos de base, assembleias, manifestações políticas, formações políticas teóricas e práticas fazem com que elas se tornem indivíduos, que refletem e discutem a própria condição dentro do sistema em que estão inseridas, deste modo, podem ampliar a luta pelos seus direitos. Fato que se evidencia pela maioria das coordenadoras das moradias serem mulheres. Carmen Silva e Preta Ferreira, Edinalva Pereira, Ivaneti Araújo, Jomarina Abreu são alguns nomes que estão à frente dos movimentos sociais de moradia da capital paulista: Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), Movimento de Moradia para Todos (MMPT),

Movimento de Moradia na Luta por Justiça (MMLJ) e Movimento Moradia Central Regional (MMCR), respectivamente.

Carvalho-Silva (2018, p.151) aborda o processo de engajamento das mulheres no Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), trazendo três fases essenciais: “(i) o encontro com o MTST; (ii) a permanência na luta coletiva; (iii) a consolidação do engajamento após a conquista da casa própria”. O autor argumenta que a percepção de que seria impossível resolver sozinhas os problemas da precarização das condições de moradia, é uma das principais razões para essas mulheres engajarem na luta por moradia. Já a permanência dentro da militância depende de uma série de recompensas, materiais ou simbólicas, que os moradores atribuem à militância (CARVALHO-SILVA, 2018).

Outro ponto essencial sobre a vivência em cooperação e coletividade é a descrito pela pesquisa de Boulos (2016), que mostra a diminuição e atenuação, após a entrada dos moradores em ocupações organizadas pelo MTST, dos sintomas da depressão, muito relacionada a fatores sociais, afetando grande parte dos trabalhadores desvalorizados, precarizados, mal remunerados e, incessantemente, cobrados pelo sistema de intensificação do trabalho. O impacto da participação nas moradias diminuiu sentimentos de solidão e ansiedade nos indivíduos pela ampliação das relações sociais. O autor ainda traz o relato de entrevistas com os moradores, onde se observa um sentimento de gratidão e devoção pelas relações proporcionadas dentro das ocupações. Ponto convergente com a tese de Carvalho-Silva (2018), que relaciona a permanência das mulheres na luta às recompensas atribuídas à militância.

Ainda nos relatos da pesquisa de Boulos (2016), observa-se que muitas mulheres chegavam até o movimento deprimidas e sem esperança, após anos sofrendo constantes maus tratos, humilhações e violações de direitos pelos parceiros e/ou familiares, mas ao chegarem nas ocupações, se sentiram acolhidas e tiveram motivação para recomeçar uma nova vida de forma digna.

2 A INFÂNCIA E AS OCUPAÇÕES HABITACIONAIS

Este capítulo apresenta estudos sobre a percepção dos espaços e os lugares da infância, tanto os lugares físicos de brincadeiras e socialização, como os lugares das crianças na sociedade, na produção cultural e como cidadãs ativas nas produções de direitos. Também, objetivou discutir políticas públicas e o direito à cidade - assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Cap. II, Art.16 (BRASIL, 1990) - direcionadas à faixa etária da população entre 0 a 12 anos, idade em que são definidas as crianças pelo ECA.

Utilizou-se para elaboração da revisão de literatura, majoritariamente, o Portal de Busca Integrada da USP (PBI/USP). Em cada busca (avançada) eram combinadas três palavras-chaves/expressões. A primeira palavra era sempre sobre o recorte da amostra de participantes da presente pesquisa: infância ou crianças; a segunda sobre o contexto da pesquisa: espaço, lugar, ocupação habitacional, ocupação de moradia; e a terceira palavra sobre os conceitos do método: percepção visual, psicologia, arte e etnografia. Poucas pesquisas, encontradas nos resultados das buscas, se assemelhavam totalmente com o recorte deste presente trabalho, por isso, também foram verificadas as referências bibliográficas das pesquisas com maior proximidade de interesse. Com isso, formou-se um fio condutor de pesquisas relacionadas nas áreas de psicologia, educação e sociologia, utilizando de métodos com instrumentos artísticos e visuais, para coleta de dados com crianças, a fim de responder questões referentes às suas vivências.

Por fim, realizaram-se observações da atual apropriação dos espaços pelas crianças moradoras de edifícios ocupados do centro da cidade de São Paulo, definidos pela circunscrição das Subprefeituras Lapa, Sé, Pinheiros e Mooca (centro expandido). Quais os lugares que essas crianças tomam para si, a fim de soltar sua ludicidade e socialização. Como a arquitetura ocupada é percebida e entendida na infância. Pois segundo Pallasmaa, quando entramos em um espaço, o espaço entra em nós, em nossa experiência e em nossa autocompreensão. Além de sua compreensão na experiência pessoal, a arquitetura faz a mediação entre o mundo externo e o mundo interno da identidade pessoal, criando estruturas de percepção e entendimento (PALLASMAA, 2018).

2.1 INFÂNCIA, ESPAÇO E LUGAR

“O espaço é como o ar que se respira. Sabemos que sem ar morreremos, mas não vemos nem sentimos a atmosfera que nos nutre de força e vida [...] Do mesmo modo, para que se possa "ver" e "sentir" o espaço, torna-se necessário situar-se” (DAMATTA, 1997, p.29). A maioria das crianças quando vai a um espaço aberto e amplo, o primeiro impulso é que elas corram para explorar suas grandezas, movimentem o corpo, e, só depois, percorram o espaço fazendo uma observação detalhada sobre as imagens visuais: cores, formas, objetos, animais; as sensações táteis: calor, frio; olfativas e auditivas (KOHARA, 2009). Os espaços permitem toda uma experiência corpórea. Esses momentos permitem à criança se situar e buscar compartilhar essas experiências vividas, seja com adultos ou outras crianças.

O espaço é básico para o desenvolvimento da criança. É pela percepção deste, que a criança consegue se distinguir das outras pessoas e das coisas. Nele, as crianças trabalham seus sentidos, movimentos, podem brincar, criar e socializar. Segundo Kohara (2009), em sua pesquisa que estuda a relação entre as condições de moradia e o desempenho escolar com crianças residentes de cortiços, argumenta que também é no espaço oferecido que as crianças exercitam a afetividade e vivenciam a liberdade, os limites e os medos.

Para as crianças, a maneira como agem, ocupam e as histórias geradas pelas relações sociais vividas nesses espaços, ganham significados representativos para a construção de sua identidade, que acompanham em suas memórias. Além de ser base para a identidade do indivíduo, a partir das experiências do sentido e sua relação com os espaços, podemos construir uma identidade com o lugar, que auxiliarão em nossas atuações futuras (KOHARA, 2009, p.101).

Porém, o espaço não é fruto apenas do conhecimento objetivo, adquirido pelas relações vitais e sociais concretas, também é fruto de conhecimento subjetivo. Segundo LIMA (1989, p.30) em seu livro sobre criança e cidade, destaca: “para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou de opressão”. O espaço, inicialmente despercebido e trivial pela rotina familiar, quando percebido é significado, interpretado e transformado em ambiente. No entanto, acontece também, de um lugar visivelmente precário e hostil, para a criança ser um lugar de afeto e alegria. Lima (1989) comenta de uma criança moradora do bairro precarizado, o

Campos Elísios, na região central de São Paulo, que desenha e descreve a escada central do edifício onde mora, como um lugar muito gostoso de brincar, de jogar bola e brincar com o irmão, apesar da realidade adversa. “A importância dada a esse espaço no desenho falava de um espaço-ambiente caloroso, alegre, iluminado e amplo, contrastando com o espaço físico acanhado, escuro e estreito da realidade” (LIMA, 1989, p.19). Em sua pesquisa, a autora observa como as crianças carregam a experiência real da moradia a partir da produção artística das crianças, como o número de ambientes e a organização dos espaços. Observa pelos desenhos de crianças pequenas moradoras de cortiços ou quitinetes, que “casas maiores” são, simplesmente, um desenho maior de apenas um ambiente, semelhante às suas habitações (LIMA, 1989, p.29).

Contudo, a ideia de “lugar” para a criança passa a imagem de estabilidade e permanência, as pessoas vêm e vão, mas os lugares permanecem. Tuan (1983) define de maneira ampla, lugar como centro de valor e comenta sobre a criança reconhecer a mãe como seu primeiro lugar, essência de abrigo, fonte de bem-estar físico e psicológico. A mãe se move, mas desde que esteja perto, a criança se sente segura, a imagem materna representa seu ambiente, seu refúgio familiar (TUAN, 1983). Portanto, na grande maioria dos casos, é no ambiente da moradia que a criança forma suas primeiras relações afetivas e sociais.

Além de exercitar a afetividade no ambiente da casa, que proporciona amparo, abrigo e calor humano, é onde nos permitimos ampliar o componente subjetivo: “Ela [casa] mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. [...] E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço” (BACHELARD, 1993, p. 201). “A casa protege o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (BACHELARD, 1993, p. 201).

Uma qualidade fundamental de uma paisagem casa ou recinto é sua capacidade de evocar e conter uma sensação de segurança, familiaridade e de se estar em um lar - além de seu poder de estimular fantasias (PALLASMAA, 2018). Além do imaginário e das fantasias, a casa onde moramos marca também a realidade vivida e nossas memórias. Por vezes, lembramos nossa própria infância por meio das casas e dos lugares que vivemos (PALLASMAA, 2018 p.17).

Contudo, não podemos esquecer que os espaços e lugares são frutos indissociáveis da produção social. O espaço se confunde com a própria ordem social

de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido (DAMATTA, 1997, p.24). Sobre as relações sociais na infância indissociáveis dos espaços e lugares, a moradia permite que consideremos a possibilidade de suas condições ambientais, sociais e físicas interferirem na formação das crianças.

Sarmiento (2004) aponta e critica a visão de teses de senso-comum que vêem o núcleo familiar como lugar “natural” de proteção absoluta, espaço aproblemático de desenvolvimento das crianças. E aponta para um lugar problemático e crítico, onde se encontra tanto o afeto como a disfuncionalidade, o acolhimento como os maus-tratos.

No romance autobiográfico de Graciliano Ramos (1972), *Infância*, podemos perceber vários componentes da percepção do espaço já citados:

Datam desse tempo as minhas mais antigas recordações do ambiente onde me desenvolvi como um pequeno animal. Até então algumas pessoas, ou fragmentos de pessoas, tinham-se manifestado, mas para bem dizer viviam fora do espaço. Começaram pouco a pouco a localizar-se, o que me transtornou. Apareceram lugares imprecisos, e entre eles não havia continuidade. Pontos nebulosos, ilhas esboçando-se no universo vazio (RAMOS, 1972, p.12).

E como o ambiente de proteção da casa, também pode ser disfuncional:

Certa vez minha mãe surrou-me com corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. [...] Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água e sal – e houve uma discussão na família. Minha vó [...] condenou o procedimento da filha, e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer (RAMOS, 1972, p.31).

Nesses trechos podemos observar a complexidade dos sentimentos advindos dos lugares em que vivemos, que pode ter significados ambivalentes. A casa onde se mora pode significar conforto e aconchego, mas também medo e/ou raiva de ser o local onde se ficava de castigo, sofria violências.

Alguns edifícios ocupados por movimentos de moradia no centro de São Paulo são arquiteturas atualmente decadentes, que outrora foram símbolos luxuosos e contam a história de um contexto social, cultural e econômico falidos, como o Lord Palace, situado no bairro de Santa Cecília, o Cambridge na Avenida Nove de Julho, o edifício Mauá, antigo Hotel Santos Dummont e o edifício Prestes Maia, antiga fábrica de jeans (GOBBI, 2016). A arquitetura também ativa e reforça nosso senso de identidade, uma vez que sua experiência é sempre individual e única [...] “A arquitetura é, antes de tudo, uma experiência de nosso senso corporificado de existir e de ter uma

identidade, da experiência de estar no mundo, e não meramente uma visão [...]” (PALLASMAA, 2018, p.112).

A cidade em que nascemos, os espaços em que brincamos, a casa em que crescemos, os amigos que fizemos nos parques, os lugares de culto, educação e festas tradicionais, todos formam nossa noção de identidade e memória coletiva. Compartilhamos percepções dos ambientes com nossos contemporâneos, e trocamos informações de continuidade e/ou modificações físicas e culturais dos lugares com as outras gerações. A noção de identidade fornecida pelos lugares, permite ao mesmo tempo nos sentirmos pertencentes a eles, como eles nos pertencem. Assim, acreditamos que podemos interferir e, mais do que tudo, que vale a pena interferir na rotina e nos rumos desses lugares (AMARAL, 2008¹³apud PATRÃO, 2009).

Além do caráter identitário, familiar e de proporcionar segurança, poderíamos dizer que a arquitetura também é um verbo, uma vez que sua verdadeira essência sempre é um convite à ação (PALLASMAA, 2018). Perez e Jardim (2015), em sua pesquisa buscando compreender os lugares da infância na favela Babilônia no Rio de Janeiro - como as crianças ocupam, se identificam e agem no espaço - constatou o brincar como meio das crianças se apropriarem do lugar que moram.

As crianças pareciam exercer esse “viver criativo” na medida em que transformavam um espaço qualquer, em um lugar de afeto, seu e do seu grupo. Pelas brincadeiras, as crianças ressignificavam o seu entorno, estabeleciam relações, construía suas opiniões. Em sua dimensão coletiva e relacional, a ação faz com que a própria criança se modifique, possibilitando a construção do sentimento de fazer parte daquele lugar (PEREZ; JARDIM, 2015, p.499).

Portanto, os lugares nos quais se vive a infância influenciam a percepção das crianças, suas interações sociais, subjetividade, identidade e contribuem para o desenvolvimento de seus potenciais. No entanto, por inúmeras razões, não há condições condizentes com as especificidades do universo infantil, asseguradas com prioridade pelo ECA (1990), como a “efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990). Os dados do relatório “A criança no centro: um retrato das infâncias na cidade de São Paulo” apontam que cerca de 1.700 crianças vivem em situação de

¹³AMARAL, A. L. Pertencimento. Dicionário de Direitos Humanos. 2008. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>>

vulnerabilidade social apenas na região central do município (VISÃO MUNDIAL, 2017).

Além do lugar como espaços e ambientes impregnados de afeto e subjetividade pelas crianças, podemos pensar no lugar da infância enquanto construção social. O sentimento de infância que corresponde à consciência da particularidade infantil. A obra de Phillipe Ariès, *História Social da Criança e da Família*¹⁴ é considerada pelos historiadores uma obra fundamental para compreender os processos dos primeiros séculos da modernidade, que culminaram para novas atitudes frente às crianças e os adolescentes, criando um lugar de sociabilidade próprio para elas (FRONTANA, 1999, p.37).

No entanto, alguns autores falam que colocamos as crianças no lugar do “ainda-não”, ainda-não pronta, ainda-não socializada, ainda-não adulta (CASTRO, 2001¹⁵ apud PULINO, 2016). Vale lembrar que o filósofo Walter Benjamin, na primeira metade do século XX, já criticava a concepção equivocada que os educadores mantinham da criança, considerando-a ingênua, crédula, incompleta e incompetente (SCOTTON, 2004, p.2).

Sanches (2018) discute aspectos da infância presentes nas obras de Walter Benjamin, a partir da ideia de limiar, associado a períodos de transformação. Argumenta que a infância está em um grande limiar entre o mundo concreto e a subjetividade do mundo interno da criança, esta, o sujeito da infância, realiza o ato fundamental do seu protagonismo neste limiar. Muitas vezes, registrados por Benjamin como resultados da imaginação e da criação infantil, ao interagir com o mundo ao seu redor e acrescenta: “Para o sujeito dessa infância, existe uma espécie de brinquedo também limiar, por meio do qual os restos da história ganham novo e messiânico sentido, na forma de instrumentos do brincar” (SANCHES, 2018).

Neste lugar intercambiável da infância, Sarmiento (2004, p.2) a coloca no entre-lugar. Espaço que está entre o que é consignado pelos adultos e o que é reinventado no mundo das crianças, um lugar socialmente construído, mas renovado pela ação coletiva das crianças. O autor comenta a institucionalização da infância na modernidade, argumenta que a primeira e decisiva, foi a criação de instâncias públicas de socialização, através das escolas públicas e da expansão em escola de massas.

¹⁴ ARIÈS, P. História Social da criança e da família. Rio de Janeiro, LTC Editora, 2ªed.1981.

¹⁵ CASTRO, L.R. et al. Falatório: participação e democracia na escola. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2001.

A institucionalização educativa da infância pelo acesso à educação gratuita garantida pelo Estado na Constituição Federal de 1988 como direito social no Art 6º, e em 1990, pelo ECA no Art 53. Paralelamente, a família, que antes designava os cuidados das crianças para as amas e criadas, centraliza a atenção para a proteção e o desenvolvimento das crianças que se tornam núcleo de afeto das relações familiares das classes médias. E nas classes populares, as crianças se tornam destinatários de projetos de mobilidade social, por meio da formação escolar (SARMENTO, 2004, p.4).

Tanto a educação básica quanto a recentralização do núcleo familiar, no final do século XX, se intensificaram a ponto de potencializarem todos seus efeitos, além de universalizar a concepção de atitudes e normatividades que condicionam e subjugam a vida das crianças na sociedade. Referente à aceitação da presença ou não das crianças em certos lugares, tipo correto de alimentação, consumo, produção cultural pelas crianças, e a aceitação ou não da participação das crianças na vida coletiva.

Importa sublinhar que este esforço normalizador e homogeneizador, se tem efetivas consequências na criação de uma infância global, não anula – antes potencializa – desigualdades inerentes à condição social, ao gênero, à etnia, ao local de nascimento e residência e ao subgrupo etário a que a criança pertence. Há várias infâncias dentro da infância global, e a desigualdade é o outro lado da condição social da infância contemporânea (SARMENTO, 2004, p.6).

Não podemos esquecer que os fatores sociais condicionam as crianças, profundamente, nas suas formas de existência: há estatisticamente mais crianças pobres que outro qualquer grupo geracional (SARMENTO, 2004, p.11). Importante ressaltar que a nossa concepção de infância foi formada a partir do século XIX – enquanto construção social: infância da e para a criança. De um lado a concepção da ideia de fragilidade, inocência e sensibilidade infantil, de uma sociedade que enxerga a criança como um objeto da ação do outro. Por outro lado, se contradiz ao caracterizá-las como “menor”: meninos e meninas no abandono social, que fazem da rua seu lugar, às margens de seus direitos garantidos pelo Estado, crianças vistas como indolentes e criminosos frente a possibilidade de uma postura considerada antissocial.

Em 1964, em plena ditadura militar é criada a Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM), que cristalizou ainda mais o estigma dessa parcela de crianças e adolescentes vítimas do descaso do Estado. Nesses espaços de “reeducação” e “readaptação social” dos chamados menores infratores, na realidade

se sofria várias crueldades de abusos físicos e psicológicos tanto das autoridades responsáveis como de outros meninos. O filme “Pixote, a lei do mais fraco”, de 1980, do diretor Héctor Babenco, retrata as violências sofridas pelos garotos na FEBEM, contando a história de um menino de 11 anos em situação de rua, que vai para o que chamavam de “reformatório”.

Somente na década de 1980, diante um grande debate nacional, não só de âmbito jurídico, mas envolvendo instituições governamentais e da sociedade civil, foi formado o Fórum Social Permanente de Direitos da Criança e do Adolescente, que influenciou tanto a Constituição de 1988 como o ECA (1990), foram discutidas e abolidas categorias ideológicas e estigmatizantes como o *menor*. Debates que, junto com a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), também culminaram em garantias penais e processuais para crianças e adolescentes. Instituições como a Fundação CASA – que substituiu a antiga FEBEM -, entidades com propostas socioeducativas, a partir de então, devem executar 11 medidas instituídas no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), como: respeito aos direitos humanos; elaboração de projetos pedagógicos; ter espaço físico e arquitetônico apropriado para garantir a proposta pedagógica (LIMA, 2010, p.30).

No entanto, sabe-se que na realidade se perpetua condições de crueldade e violência nessas instituições. Na pesquisa de Lima (2010), que acompanhou cinco unidades da Fundação CASA, no Complexo Raposo Tavares no município de São Paulo, apenas uma cumpria alguns dos princípios do SINASE, que vale ressaltar: respeito aos direitos humanos; observância ao princípio da legalidade e garantia da incolumidade, integridade física e segurança do adolescente. “Nas demais, a análise apontou para a sistemática e costumeira desobediência a todos os princípios presentes no mencionado dispositivo [SINASE], ou seja, nenhum dos 11 princípios diretamente relacionados à execução da medida” (LIMA, 2010, p.147).

Com isso, sabe-se que no Brasil, não é possível falar de lugares da infância sem o recorte racial, de gênero e de classe social. Nas estatísticas da Fundação CASA, pode-se observar que do total de mais de 4 mil inseridos no programa, 94,88% são do sexo masculino e 5,12% do sexo feminino, e 70% do total são pardos e pretos (FUNDAÇÃO CASA, 2020).

Também vale destacar, que o país tem uma alta taxa de casos de casamento e uniões forçadas e precoces, além de gravidez na adolescência. No Brasil em 2015,

mais de 120 mil meninas estavam em casamento e união forçada e precoces, ao lado do número de 30 mil meninos na mesma situação. No mesmo ano, mais de 500 mil meninas foram mães adolescentes (PLAN INTERNATIONAL, 2019). Quanto ao trabalho infantil, os garotos contabilizam 66% a mais sobre o número de garotas, contudo, elas são maioria absoluta no número de trabalho infantil doméstico, contabilizando 94,1% da mão de obra nesse setor, apesar dessa ocupação ser proibida para menores de 18 anos, pela Lista de Piores Formas de Trabalho Infantil (Lista TIP), no decreto 6.481/2008 (BRASIL, 2008).

Apesar dos processos de percepção e afetuosidade nos espaços, ambientes e lugares já abordados, há percepções, vivências e ocupações totalmente distintas entre as crianças no Brasil, bem como, o consumo e produções culturais desta faixa etária. O abismo entre as distintas construções de infância no senso comum, que de um lado fragiliza e inocenta e do outro marginaliza crianças, deslocando-as de suas condições socioeconômicas que culminam em estigmas sociais. No entanto, mesmo com toda a discussão e aceitação de crianças como produtoras ativas de cultura, a sociedade ainda demarca e caracteriza os lugares da infância, subjugando-as em lugares específicos e institucionalizados.

2.2 INFÂNCIA E CIDADE: OS LUGARES DAS CRIANÇAS MORADORAS DE OCUPAÇÃO HABITACIONAL NO CENTRO DE SÃO PAULO

Neste tópico, procurou-se investigar a atual situação do centro da cidade de São Paulo em relação ao acolhimento da infância, fazendo um recorte para as crianças moradoras de edifícios ocupados na região. Neste contexto, buscou-se observar dados de pesquisas sociodemográficas e a disponibilidade de equipamentos de lazer e cultura, discorrer sobre possibilidades de maior acolhimento e acessibilidade para as crianças na cidade de São Paulo. Por fim, entender onde e quais, atualmente, são os lugares das crianças moradoras de edifícios ocupados da região central.

A cidade deve proporcionar espaços públicos direcionados às crianças e adolescentes para estimulação da sociabilidade, conhecimento e aprendizagem, bem como, o sentimento de pertencimento do local onde residem. Cabe à gestão urbana o desafio de diminuir as evidentes segregações territoriais, decorrentes dos processos de urbanização, permitindo às crianças e jovens o acesso livre aos espaços urbanos

a eles destinados, com segurança e proteção. Assim, assegurando o Art. 227 da Constituição Federal: o Direito da Criança e do Adolescente a Vida Comunitária.

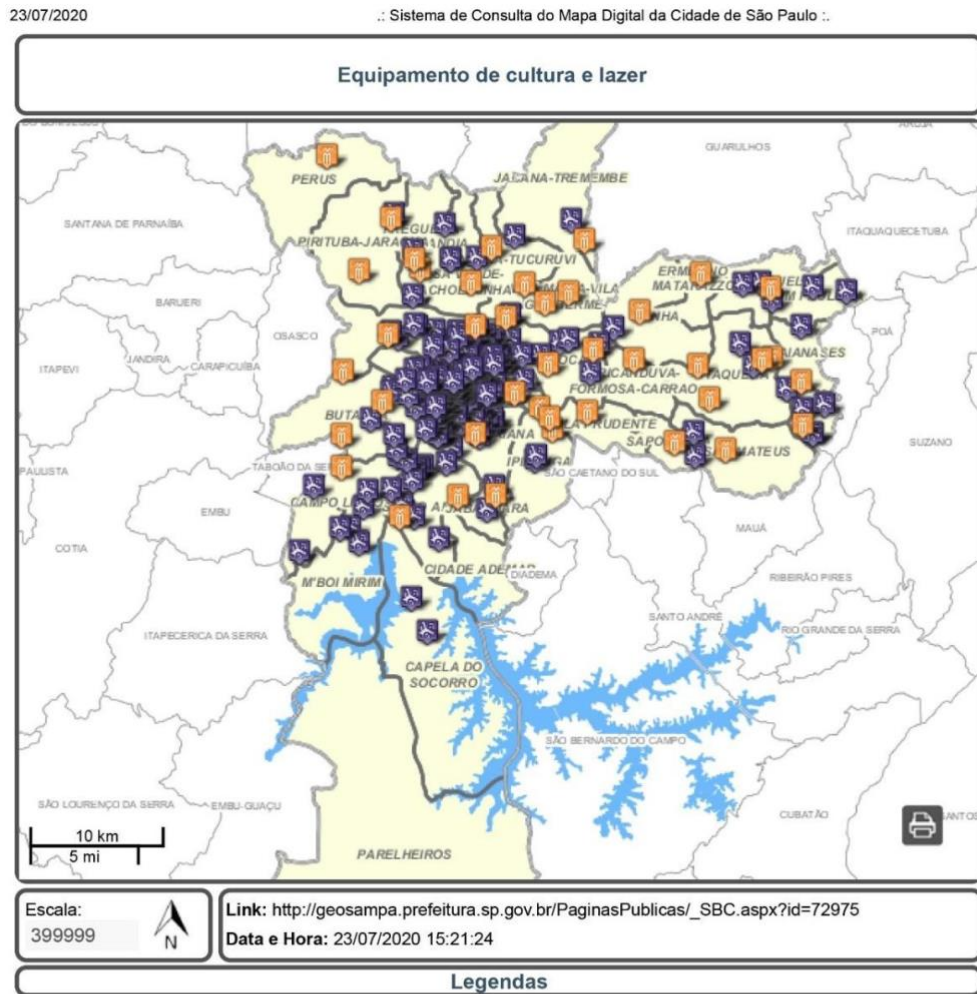
A intenção do legislador constitucional, portanto, foi destacar a importância de serem criadas condições favoráveis para a coexistência da criança e do adolescente no espaço (especialmente o público-urbano), sob o fundamento de que tal inter-relacionamento (criança e adolescente/espaço urbano) propiciaria o pleno desenvolvimento de suas potencialidades (PATRÃO, 2009, p.6).

É vivenciando os espaços da cidade que a criança acessa suas percepções corporais, aprendem, brincam e socializam, como já vimos no tópico anterior. No que se refere às cidades, convém debater como possibilitar condições favoráveis para o acesso igualitário do ambiente de convivência, por meio de políticas públicas voltadas para este fim. Para tanto, pensar em meios de proporcionar melhorias nas condições de mobilidade urbana entre os diversos espaços públicos existentes na cidade, na medida em que a convivência em ambientes diversos, sob a perspectiva da criança e do adolescente, estimule os sentidos e o movimento, enriqueça a mente e a criatividade, e permita o contato com a natureza e com outras pessoas.

Pensar espaços públicos de convivência infantil é também repensar os modelos de construção do urbano e rever sua acessibilidade, mobilidade na vida cotidiana. Para as pesquisadoras Ferreira e Wiggers (2019), assim podemos entender os parques infantis da cidade de São Paulo, como propostas que alterariam os modos de circulação, recreação e educação das crianças, de modo complementar às sugeridas urbanizações e modernizações do espaço da cidade. Comentam que a implementação de parques infantis no município de São Paulo, a partir da década de 1930, foi de extrema importância, uma vez que para a criança o direito ao lazer assume proporções ainda maiores, pois o espaço destinado à recreação pode ser entendido como uma forma de garantir o direito à própria infância (FERREIRA; WIGGERS, 2019).

Observa-se que as famílias, que moram em regiões centrais, como o distrito da Consolação, onde há elevada concentração de equipamentos de cultura e lazer - como se pode constatar no mapa (Figura 6), usufruem mais dos espaços públicos em seu redor, comparados aos moradores de bairros majoritariamente residenciais de seus respectivos espaços de lazer (CARVALHO, 2018). Consequência de uma maior presença e de movimento de pessoas, pela concentração de comércio na região central, proporcionando maior sentimento de segurança para aproveitar os espaços públicos.

Figura 6- Concentração de Equipamentos de cultura e lazer no município de São Paulo



Fonte: Mapa Geosampa. Disponível em: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx?id=72975

Praças e espaços de lazer nos perímetros centrais também são mais frequentados pela maior disponibilidade de transporte na região, facilitando seu acesso por pessoas que não moram nos arredores. Portanto, se houvesse a total superação do problema da precarização dos territórios urbanos, passaríamos então a focar na associação do usufruto dos espaços de convívio de cidade somente pela segurança, acessibilidade e mobilidade urbana. Mas ainda estamos na etapa da

diminuição da segregação territorial e da equidade de implementação de infraestrutura urbana.

Pelo recorte do presente estudo sobre infância nas ocupações de moradia, vale ressaltar que, segundo estudos do grupo de Mapografias Urbanas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), é nos distritos da Sé e da República que se encontram grande parte das ocupações de edifícios ociosos por movimentos de moradia, contabilizando 18 ocupações no distrito da Sé e 50 ocupações da República, entre os anos de 1997 e 2012 (USP/FAU).

A pesquisa de Schiavi, Silva e Couto (2019) comparou os perfis socioeconômicos dos moradores de ocupações da região central e ocupações periféricas na cidade de São Paulo. Constataram que apesar dos níveis de escolaridade serem semelhantes entre os moradores da ocupação Mauá, na região central, e da ocupação Caguaçu Leste, na periferia do município, os moradores da região central tinham uma melhor condição financeira e um maior número de integrantes da família possuindo renda fixa. Concluindo, portanto, que apesar do perfil socioeconômico e a marginalização dos moradores de ocupações por moradia, o centro proporciona mais oportunidades para que as famílias se estruturam e tenham condições de manter uma maior estabilidade financeira, que se reflete em melhores condições de vida desses moradores (SCHIAVI; SILVA; COUTO, 2019 p.19). Sendo assim, a luta por moradia nas regiões centrais coloca em discussão, não somente, o direito fundamental à moradia garantido pelo Estado, mas também, o direito aos territórios urbanos com maior concentração de infraestrutura e capital.

A pesquisa da Rede Nossa São Paulo (2017) sobre a desigualdade na primeira infância no município de São Paulo, declara que a cidade não é acolhedora para as crianças. Dados que são importantes sobre a região central da cidade: o distrito da Sé é o quinto com maior densidade de população infantil, porém está entre os dez distritos com maior taxa de crianças em áreas de vulnerabilidade social, do total de 96 distritos do município. Enquanto o distrito da República, é o que tem a menor taxa de coberturas de pré-escolas públicas e conveniadas. O que mostra que apesar das condições econômicas da região central serem mais favoráveis para essas famílias, há pouca ou nenhuma disponibilidade de infraestrutura voltada para à infância.

A pesquisa termina por sugerir alguns caminhos para redução da desigualdade a respeito do Poder Público, à sociedade civil e ao setor empresarial, ressalta-se algumas:

- a) ao Executivo “cabe implementar o Plano Municipal pela Primeira Infância (Lei 16.710/2017), com destaque à promoção de políticas intersetoriais, definição de metas, princípios e diretrizes e ampliação da participação popular; ampliar o uso dos dados desagregados para a elaboração e implementação de políticas públicas que contemplem os territórios mais vulneráveis;
- b) ao Legislativo cabe fiscalizar o desempenho e o cumprimento de metas pela Prefeitura municipal;
- c) ao Judiciário cabe acompanhar a implementação das políticas voltadas à primeira infância” (RNSP, 2017).

O Plano Municipal da Primeira Infância (PMPI) de São Paulo aprovado em 2019, é organizado em quatro eixos estratégicos que se desdobram em 31 metas e 135 estratégias de ação, que dizem o que o poder público fará concretamente para alcançar as metas esperadas. Contudo, vale considerar que a atuação do município não é hermética, ao contrário, exige a cooperação no planejamento municipal das diversas associações representativas e, inclusive, dos demais entes federativos. Neste sentido, os entes federativos, precisam estar alinhadas com as diretrizes do município, e da mesma forma, vir ao encontro desta perspectiva e tentar garantir o “direito à cidade”, por meio do fomento de uma política nacional de desenvolvimento urbano, que visa fornecer o adequado suporte institucional à efetiva implementação do PMPI.

Um exemplo de plano urbanístico de implementação de uma política pensada para o brincar no território urbano é o *Plan Del Juego*, na cidade de Barcelona, Espanha. O programa tem como objetivo melhorar e diversificar as oportunidades de brincadeira e atividade física no espaço público com metas até 2030, por exemplo, dobrar as áreas de lazer que oferecem atividades lúdicas, brincadeiras diversas e criativas, devido aos seus amplos benefícios para o desenvolvimento e bem-estar de crianças e adolescentes, bem como para a saúde e a vida comunitária¹⁶. Em São

¹⁶ Texto original: *Su objetivo es mejorar y diversificar las oportunidades de juego y actividad física en el espacio público por sus amplios beneficios tanto para el desarrollo y bienestar de la infancia y la adolescencia como para la salud y la vida comunitaria*. Fonte: AJUNTAMENT DE BARCELONA. *Plan del juego en el espacio público*.

Paulo, temos o exemplo do programa *Ruas de Lazer*, pela Secretária Municipal de Esportes e Lazer, iniciada na década de 1970, a população por meio de abaixo-assinado dos moradores pode pedir autorização da prefeitura para abrir a rua para os pedestres usufruírem de brincadeiras, eventos comunitários e atividades físicas (SÃO PAULO, 2019). A cidade, apesar de oferecer à população a oportunidade de organização, execução efetiva de políticas sociais a partir desse programa, não propõe regular a estrutura urbana em prol da infância e adolescência e a vida comunitária, apenas abre concessões.

Levantado o contexto e alguns pontos importantes para pensar alternativas da cidade para um melhor acolhimento da infância e o direito à vida comunitária, principalmente, para a parcela da população moradora da região central, que como apresentado anteriormente, tem grandes questões sociais e territoriais a serem superadas, assim aponto a seguir algumas observações da atual apropriação dos espaços do centro da cidade de São Paulo pelas crianças moradoras de edifícios ocupados na região. Quais os lugares que essas crianças tomam para si no centro da cidade?

Gobbi (2017, p.2) em seu artigo sobre infância nas ocupações, observa crianças moradoras dos edifícios ocupados no centro do município correrem com uma bola meio murcha e montarem uma espécie de jogo de futebol. O grupo de crianças pequenas e outras nem tanto, sem a presença de adultos, ocupavam a praça do Vale do Anhangabaú em uma tarde de sábado. A autora reflete e discute sobre a produção de cultura pelas crianças, observa que a brincadeira passa a ser recurso de conquista dos espaços pelas crianças, que os modificam, e há de considerar que as relações sociais os recriam e são recriadas concomitantemente.

Ao destacar a brincadeira de bola – e outras que podem ser esporadicamente presenciadas nesse local – conclui que a mesma provoca e resulta das ocupações que imprimem outros modos de ver e usar o espaço, com isso, de experienciá-lo, percebê-lo, vivenciá-lo e concebê-lo, usando aqui a acepção de Henri Lefebvre (GOBBI, 2017, p.15).

Gobbi (2017) ainda denomina o centro da cidade para essas crianças como *quintais urbanos*, local onde elas podem brincar e travar diferentes formas de sociabilidade. No entanto, esses momentos são comumente transitórios e evidenciados pela disputa dos espaços com a presença dos adultos, logo, elas são obrigadas a voltar para seu local de moradia, como quando são abordadas pela polícia para “manter a ordem”.

Percebi alguns conflitos entre as crianças, ora pelo próprio uso do espaço dentro da ocupação, ora por querer brincar e ter o desejo combatido e invalidado pelo outro. Surge uma discussão, conflito físico, confronto dentro dos próprios espaços no desejo de brincar e de ocupar os espaços, mas não avalio como diferente de outros espaços de convivência entre muitas crianças (SHABEL, P., GOBBI, M., & CORSINO, B., 2018, P.55).

Ao chegarem ao espaço da ocupação, as crianças se deparam com as rígidas regras comunitárias de convivência entre as famílias. Gonçalves (2018) comenta em sua pesquisa com crianças imigrantes bolivianas na Ocupação Prestes Maia, que muitas mães não deixavam seus filhos brincarem nos corredores e pátios do prédio para evitar conflitos de convivência com as outras famílias, mas que nem sempre era possível, pois precisavam sair para trabalhar e as crianças ficavam sozinhas¹⁷ (GONÇALVES, 2018, p.126). Além de não quererem incomodar outros moradores, as mães também relataram medo e insegurança de deixarem seus filhos brincarem fora de casa, que nas palavras de DaMatta (1997, p.49) é o “[lugar] onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos”.

A questão de gênero também interfere nos lugares permitidos para serem apropriados, Gonçalves (2016) observa que aos meninos era permitido brincarem fora de casa, enquanto as meninas eram responsabilizadas pelos cuidados dos irmãos menores e da organização da casa. Quando questionada pela pesquisadora se não podiam brincar um pouco pelo menos na área da porta de seu domicílio enquanto os bebês dormiam, as garotas ficavam receosas e culpadas caso algo ocorresse com os menores (GONÇALVES, 2018).

Gonçalves (2018) ainda traz observações sobre as brincadeiras infantis de meninas e meninos da ocupação Prestes Maia, e comenta que apesar das meninas e meninos muitas vezes romperem com os papéis sociais nas brincadeiras

[...] notava que havia sim uma tendência de meninas reproduzirem o cotidiano doméstico, brincando de montar sua casinha, fazer comida e cuidar de suas bonecas. Enquanto os meninos optavam por jogar bola, tênis, skate, carrinho, brincar com bonecos, como Ben 10 em jogos de luta e poder (GONÇALVES, 2018, p.106).

Entre os limites e responsabilidades impostos pelos adultos, as crianças ficam em meio a este “cabo de guerra” para “manter a ordem”, tanto na rua como dentro da moradia. Neste contexto de ordem, observa-se também, crianças presentes nas assembleias organizadas pelos líderes dos movimentos de moradias e, comumente,

¹⁷Vale apontar que a lista de espera de vagas para creches em algumas regiões de São Paulo chega a durar até 440 dias. Fonte: REDE NOSSA SÃO PAULO. **Dados revelam que São Paulo não é uma cidade acolhedora para as crianças.** 2017.

são chamadas a participar de plenárias e debates de participação pública. Esta reclamação de instituições pró-infância de dar mais protagonismo para as crianças nas decisões que lhe cabem, para essas crianças é algo oferecido diretamente de sua moradia.

Sobre a tomada de lugares na cidade que passam a ser pontos de encontro e apropriados por grupos, entende-se que esse sopro de liberdade de apropriação dos espaços do edifício ocupado e a rua, faz com que essa se torne uma extensão da própria moradia para essas crianças, assim como Gobbi (2017) denomina de *quintal urbano*. Sobre a oposição casa/rua Roberto DaMatta (1997, p.49) discorre:

É uma oposição que nada tem de estática e de absoluta. Ao contrário, é dinâmica e relativa porque, na gramaticidade dos espaços brasileiros, rua e casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas, tornando-se sua 'casa', ou seu 'ponto'. Neste sentido, como já acentuei uma vez, a rua pode ter locais ocupados, permanentemente, por categorias sociais que ali 'vivem' como 'se estivessem em casa', conforme salientamos em linguagem corrente.

Essa dicotomia entre casa/rua que se coloca muito fluida, quando não, é imposto a elas. Gobbi (2019) esteve presente no Largo do Paissandú no acampamento das famílias sem-teto que moravam na Ocupação do prédio Wilton Paes de Almeida, após o incêndio que provocou o desabamento do edifício, e comenta que era possível reparar a criação e uso de espaços impensados para se estar e brincar: “mesas de bares que viram pistas de corrida de copos de plásticos e carrinhos, jardins nada ajardinados onde se corre e senta, barracas e caixas de papelão onde alguém dormira tornam-se esconderijos” (GOBBI, 2019, p.10).

Neste cenário a rua, literalmente, se fez casa, as famílias e as crianças ficaram abrigadas em meio à praça rodeada de bares, lojas e transeuntes, contando apenas com doações de barracas por anônimos e banheiros químicos adquiridos pelos próprios moradores. Tornaram-se um *sem-lugar*, sem privacidade, ao mesmo tempo expostos e expondo: expostos aos olhares inquisidores e expondo feridas sociais não curadas. Em um amplo projeto de extermínio dos diferentes, acentuado entre esses os mais pobres, a infância também se encontra nessa linha de tiro (GOBBI, 2019 p.8). A rua, local essencialmente de passagem, transitória, passadiço, nos 101 dias de ocupação no Largo, se tornou permanência, constância, estadia longa demais para as famílias desabrigadas.

No artigo, Gobbi (2019) descreve um garoto desenhando com giz azul no chão sujo, em meio à fumaça e em meio ao caos. A infância sem dúvida é uma lutadora

sobrevivente, onde disputa com todas as suas forças para se fazer existir, tanto no *entre-lugar* do que é consignado pelos adultos e o que é reinventado no mundo das crianças, quanto no limiar entre realidade bruta com a subjetividade da infância.

O grande desafio é não romantizar esse espaço, ou a própria infância, pois há sofrimento numa forma de vida de ausência de direitos, mas de fato, a presença delas vai implicar outro uso dos espaços e certa dose de pulsação da vida, que, como venho perseguindo, ou sendo perseguida pela pesquisa, observa-se que isso expressa formas de luta, particulares formas de luta envoltas em brincadeira e reivindicações, ainda que entre as falas, entre pedidos e descobertas (SHABEL, P., GOBBI, M., & CORSINO, B., 2018, P.56).

As autoras Oliveira & Borges (2022) trazem a experiência do desenho e do brincar com crianças da ocupação do movimento de contracultura no Mercado Sul Vive (MSV), na região periférica de Taguatinga, Distrito Federal, Brasil, ocupado por coletivos culturais e famílias trabalhadoras, na luta por espaços de trabalho e moradia:

Uma casinha, o sol, nuvens no céu, um escorregador, uma pipa, flores e família. Um desenho típico de criança, não fosse Mário não ter uma casa. A rua tem sido o lugar onde mora com sua mãe. Ela trabalhava como guardadora de carros em um local próximo ao MSV. Ambos foram acolhidos pelo movimento cultural e permaneceram por alguns meses em uma das unidades ocupadas (OLIVEIRA & BORGES, 2022, p. 142).

As autoras nos mostram opiniões tanto positivas como negativas vindas das crianças sobre a ocupação, como Helena, 11 anos, que chegou no MSV por volta dos seis anos e descreve o Beco como “colorido, legal, um lugar de cultura e onde não há preconceito” (OLIVEIRA & BORGES, 2022. p.144), enquanto outras crianças comentaram: “Às vezes, só tem adulto e é chato” (OLIVEIRA & BORGES, 2022, p.145). Concluíram que as crianças são parte ativa no processo de ocupação viva e que a forma que crianças ocupam os espaços têm uma dinâmica própria, influenciando assim as relações dos adultos e expandindo o sentido convencional do que significa família.

A circulação delas nos Becos tem uma dinâmica própria, pois a responsabilidade sobre as crianças flui, ou é transferida, de um adulto para outro, permitindo que elas encontrem, ao longo da jornada, outras figuras cuidadoras, além da mãe e do pai, que, por sua vez, podem se dedicar a outras criações que não a de seus próprios filhos – expandindo ao infinito, como dito anteriormente, as possibilidades de composição do que é família e de quem a ela pertence (OLIVEIRA & BORGES, 2022, p.147).

Ao discorrer sobre os lugares da infância das crianças moradoras de ocupação no centro da cidade de São Paulo, nota-se acesso a uma vida comunitária e apropriação dos espaços públicos pelo ato de brincar. Porém, o que se vê não é consequência de políticas públicas direcionadas a elas, mas por suas necessidades

de socialização e ludicidade, reproduzem sua cultura em espaços da ocupação e pela cidade. Adaptando futebol em praça, desenhando com giz em chão de concreto, pega-pega em meio a bares, uma etapa de desenvolvimento com várias particularidades como a infância, emerge e progride em meio a edifícios ocupados.

Sendo assim, nem toda a população usufrui dos espaços públicos da mesma forma. Vale ressaltar que as crianças de classe média e alta mal vivenciam as espacialidades da cidade, ficam restritas - em nome da proteção e segurança¹⁸ - aos trajetos da escola à casa, e os locais de lazer se resumem aos espaços comuns fechados de seus condomínios, edifícios de moradia e clubes privados. Já as classes populares, muitas vezes vivendo em locais insalubres, com investimentos públicos que mal chegam à implementação de infraestrutura básica, muito menos a espaços comuns de convivência comunitária. Assim, pode-se inferir que por meio de políticas de moradia e infraestrutura urbana se criam oportunidades para um caminho para romper com o padrão segregacionista, ao constituírem medidas de fundamental relevância na garantia das condições mínimas para o aproveitamento dos espaços conviviais.

¹⁸ Em uma pergunta da pesquisa de opinião pública sobre como o entrevistado avalia a segurança dos equipamentos (praças e parques) para as crianças e adolescentes: 55% responderam pouco seguro e 34% responderam nada seguro. Fonte: Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE – **Pesquisa de opinião pública Viver em São Paulo: Crianças**. São Paulo, 2019.

3 MÉTODO

Tendo por objetivo principal investigar como as crianças moradoras de uma ocupação habitacional vivenciam e representam plasticamente o espaço da moradia, por meio de oficinas artísticas, este projeto propôs realizar uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo e exploratório. Com inspiração etnográfica, observação direta participante e intervenção com oficinas artísticas com as crianças de um edifício ocupado por movimento social organizado, situado na circunscrição das Subprefeituras Lapa, Sé, Pinheiros e Mooca (centro expandido) da cidade de São Paulo.

O estudo partiu de uma revisão da literatura sobre o tema e a realização de uma pesquisa de campo em uma ocupação no centro de São Paulo.

3.1 USO DE IMAGENS EM PESQUISAS COM CRIANÇAS

Vigostki em seu livro *Imaginação e Criatividade na Infância* (2014) demonstra que o desenho é a forma preferencial de atividade artística das crianças em idade precoce, o primeiro estágio esquemático no desenvolvimento do desenho infantil é baseado na memória ou o que foi anteriormente assimilado e elaborado.

“Quando me lembro da casa onde vivi na minha infância, ou de países distantes que visitei, estou reproduzindo os traços daquelas impressões vividas na infância ou durante as viagens” (VIGOTSKI, 2014, p.1).

Barroso (2014) discute as elaborações teóricas de Vigotski sobre psicologia da arte, com base na teoria histórico-cultural. Para Vigotski a arte está intrinsecamente ligada à vida, às relações sociais de determinada época, de modo que se pode entender que o material para o conteúdo e estilo artísticos são apreendidos da realidade e trabalhados a partir dela. Porém, a obra de arte não se constitui em uma cópia fiel da realidade objetiva, mas em algo novo, fruto de ação criativa que se transforma em produto cultural (BARROSO, 2014).

Por outro lado, abordando o conceito de percepção visual, Arnheim (1980), formado pela escola da Teoria da Gestalt, chama a atenção sobre a representação visual infantil para além do interesse educacional, porque demonstra em seus estudos que todas as características fundamentais que operam de maneira refinada na arte madura, estão apresentadas com clareza elementar nas pinturas das crianças. Ele

discute, em seu capítulo *Desenvolvimento*, as características singulares do desenho infantil.

Arnheim (1980) questiona o porquê de os desenhos iniciais das crianças não apresentarem conformidade com a aparência real dos objetos e coloca que as crianças em suas produções se baseiam em conceitos *visuais*. Acrescenta que o ato de ver é uma imposição, inteiramente, subjetiva da configuração e do significado sobre a realidade (ARNHEIM, 1980).

Arnheim (1980, p.162) comenta que a partir da configuração, extensão e orientação dos traços - que são determinados pela construção mecânica do braço, bem como, no estado de espírito da criança se encontra o início do movimento expressivo. Isto é, as manifestações do estado de mente momentâneo do desenhista, assim como, seus mais permanentes traços de personalidade. Acrescenta que além de expressivo, o movimento é descritivo, e que esse aspecto representativo do comportamento motor é muito evidente nas crianças pequenas.

Mèredieu (2006), em seus estudos sobre desenhos infantis, comenta que entre todos os temas possíveis, o tema da casa, pode permitir apreender de que modo a criança vive o espaço. “Primeiro espaço explorado, símbolo do meio familiar em que se desenvolvem as primeiras experiências decisivas, a casa aparece violentamente carregada de afetos” (MÈREDIEU, 2006, p.51).

Além do uso de desenhos pelas crianças, algumas pesquisas exploraram também o uso da fotografia como forma de representação e expressão visual.

Kohatsu (1999), em sua pesquisa de mestrado, realizou uma oficina de fotografia com alunos e ex-alunos de uma escola especial, oferecendo aos participantes câmeras fotográficas analógicas e filmes para que pudessem fotografar temas de suas escolhas. Nos encontros os participantes observavam e discutiam os resultados coletivamente. O processo grupal proporcionou reflexões interessantes sobre os temas e os procedimentos fotográficos adotados.

Na mesma perspectiva metodológica participativa, com intuito de conhecer o olhar das próprias crianças, Rossoni (2004) investigou a construção de identidade a partir de registros fotográficos de crianças do assentamento do MST de Piranema. Durante oito meses de interação em um assentamento do MST, Rossoni realizou oficinas de fotografia com crianças que frequentavam a escola do local. Elas fotografaram os elementos do seu “sentido vivido”, produzindo cerca de 1300 imagens

fotográficas, desse número o pesquisador selecionou 30 imagens para uma análise dos modos de construção de sua identidade.

Segundo o pesquisador, “a fotografia tem seu caráter histórico pelo que revela sobre as ideias e sobre as concepções de um grupo social numa determinada época” e complementa:

O fotógrafo é um sujeito social que vê e interpreta as figuras do mundo antes de fazer o recorte fotográfico. Ele pertence a um grupo social que, por meio de *enunciados*, expõe as ideologias, os anseios, os temores, as expectativas de seu tempo e também de seu grupo (ROSSONI, 2004, p. 4).

O projeto das professoras Perez & Jardim (2015) também é uma referência de utilização da linguagem artística em pesquisas com crianças. Como uma de suas atividades fizeram um passeio fotográfico onde as crianças retrataram as casas onde moravam, a paisagem, prédios em construção e animais. Ao final, participaram de uma devolutiva lembrando e contando as impressões que tiveram do passeio na ocupação do morro. Todas as oficinas com as educadoras e as crianças - 35 crianças de 5 a 10 anos - foram registradas em caderno de campo e fotografadas, algumas também foram filmadas, o que resultou em um material para discussão das impressões, afetos e sentimentos emergentes durante a intervenção. “Entendemos que o uso dessa metodologia com crianças implica repensar o lugar que elas ocupam na sociedade em que vivemos e as repercussões que a pesquisa pode trazer para as suas vidas” (PEREZ; JARDIM, 2015, p.497).

3.2 ETNOGRAFIA COM CRIANÇAS

Sobre a escolha da metodologia de inspiração etnográfica, Rausky (2010) chama a atenção para a grande maioria das publicações fazerem parte da tradição desse tipo de metodologia. Aponta que apreciação do ponto de vista da criança não é acidental, responde às abordagens adotadas pelos novos estudos sociais sobre a abordagem infantil, corresponde ao uso de uma série de técnicas que colocam a necessidade de pensar na criança como sujeito ativo e reflexivo, que contribui para a produção e reprodução do mundo social em que participam. A autora argumenta que os meninos e meninas não internalizam a cultura de maneira passiva, mas fazem parte dela e contribuem para sua reprodução e mudança.

Los niños, las niñas y los jóvenes se apropian creativamente de información del mundo adulto para producir sus propias culturas; a este proceso de apropiación creativa se le denomina reproducción interpretativa. Interpretativa porque captura el hecho de que los niños y las niñas se

apropian y elaboran una cultura de pares, al transformar información del mundo adulto para conocer aspectos de su propio mundo; reproducción porque considera que son constructores activos de La producción cultural y el cambio (RAUSKY, 2010, p.138).

O sociólogo Corsaro (2005), que fez inúmeros estudos etnográficos com crianças, alega que durante seus 28 anos de estudo, tem conseguido fazer uma pesquisa **com** as crianças e não mais **sobre** as crianças. “Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia” (CORSARO, 2005, p.446). Uma postura utilizada pelo sociólogo para ser aceito pelas crianças, não como uma delas, mas aceito em seu cotidiano de brincadeiras e fantasias, foi tentar eliminar a ideia de autoridade que as crianças têm dos adultos, principalmente no contexto escolar: “comparado com os outros adultos, eu tinha pouca ou nenhuma autoridade” (CORSARO, 2005, p.451). Assim, Corsaro era visto pelas crianças como um adulto atípico: “Esta é uma vantagem única da etnografia longitudinal, pois o pesquisador cresce com as crianças e compartilha diretamente suas vidas como um amigo adulto especial” (CORSARO, 2005, p.464).

Também seguindo uma abordagem etnográfica com crianças, Silva (2017) reflete sobre questões como *tempo* e *espaço*. O autor acredita que qualquer campo a ser etnografado é dinâmico e autônomo, e que só podemos considerar o ser humano em deslocamento constante. Por essa razão, além dos métodos convencionais da etnografia, ele utiliza o que intitulou de observação em movimento:

[...] passei a perceber que voltar uma segunda vez ao mesmo campo exigia estar preparado, quase sempre, não para mais do mesmo, do já coletado, do passado congelado, mas para muito mais do novo, do ainda não dito, do inaudito, do não percebido anteriormente e até da decepção com outras facetas do próprio campo em vias de revelação (SILVA, 2017, p.3).

A escolha da abordagem etnográfica vem da constatação de sua utilização em pesquisas na Psicologia, que raramente utiliza a imagem como registro. A Etnografia possibilita participar, interagir e observar de dentro da situação, das relações no tempo e espaço.

Todo etnógrafo só pode estar em uma cena alterada pela sua presença. Talvez seja essa a característica da consciência mais marcante da etnografia contemporânea e da observação feita por alguém que se coloca na posição de participante da vida social. Etnografar é participar, é tomar parte, é observar de dentro (SILVA, 2009, p.180 apud SILVA, 2017).

Ainda sobre a abordagem etnográfica com crianças, Sousa & Pires (2021) trazem contribuições a respeito da utilização do desenho nessas pesquisas:

Sugerimos que o desenho é uma técnica eficaz de pesquisa, grande aliada nas investigações com crianças, cuja importância estaria no auxílio à manifestação das “vozes” de crianças – menores ou maiores – na construção retórica lúdica e imagética de suas percepções (SOUSA & PIRES, 2021, p.63).

Acrescentam que a produção de desenhos deve ser considerada uma técnica legítima de pesquisa com criança, mas desde que se reconheça a autonomia e as interpretações feitas pelos próprios desenhistas (SOUSA & PIRES, 2021).

Por fim, argumentamos que os desenhos podem revelar coisas que não conseguiríamos compreender de outra maneira, manifestando sua importância como uma técnica que possibilita o estabelecimento de diálogos diretos e reentrantes com as crianças (SOUSA & PIRES, 2021, p.67).

Sociologicamente, a criança está em uma situação de dependência diante dos adultos, submetida a instituições como a família e a escola; também é uma fase de descobertas e contestações, o que as torna seres que transitam entre o desenvolvimento do saber e raciocínio e a heteronomia ao poder das instituições. A investigação etnográfica de como a infância se identifica, percebe e age no espaço de uma arquitetura revitalizada em um contexto comunitário, bem como uma observação de desenhos, fotografias e produções plásticas do olhar das crianças para esta arquitetura em conjunto com suas próprias descrições e narrativas, podem abrir uma ponte até então pouco conhecida sobre essa face da luta pelo direito à moradia.

3.3 ABORDAGEM

Este projeto propôs realizar uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo e exploratório, de inspiração etnográfica com observação direta e intervenção com oficinas artísticas.

3.4. ESCOLHA DO LOCAL E BREVE CARACTERIZAÇÃO

O contato com a Ocupação José Bonifácio se deu a partir de uma indicação de docentes da FAU/USP, cujos professores já haviam feito projetos com essa moradia em questão. A indicação foi aceita em virtude do número de crianças morando nesse local e a disponibilidade de um espaço comum no edifício para a realização das atividades artísticas.

O prédio ocupado pelo movimento social tem estilo Art Déco e foi tombado pelo CONPRESP em 1992, sua saída principal dá para uma rua de paralelepípedo

que não é permitido passar automóveis. A ocupação atual do imóvel existe desde 2012 e pertencia a União, antes de ser ocupado por cerca de 150 famílias, contabilizando aproximadamente, 100 crianças entre 0 a 12 anos. O edifício tem 10 andares com um vão central, onde as janelas dos apartamentos têm vista um para o outro. No térreo há os espaços comuns: portaria, um espaço de festas, brinquedoteca/biblioteca para as crianças e o escritório da coordenação e assistente social. Subindo as escadas: os andares são divididos em alas A e B, simétricos, com corredores onde localizam os apartamentos e dois banheiros coletivos, divididos para os moradores da ala A e da ala B.

3.5 PARTICIPANTES

Participaram das entrevistas cinco mulheres sendo: uma assistente social (Socorro), duas coordenadoras (Flávia e Jane) e duas outras mães de crianças da ocupação (Milena e Josy).

Para as oficinas foram convidadas crianças moradoras da ocupação. No total participaram 27 crianças, sendo 16 meninas e 11 meninos, de 6 a 12 anos de idade.

3.6 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram:

- a) Roteiro para entrevista semiestruturada – Coordenadoras (ANEXO A)
- b) Roteiro para entrevista semiestruturada - Pais/Responsável (ANEXO B);
- c) Proposta de oficinas artísticas semiestruturada (ANEXO C)

3.7 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O primeiro contato com a ocupação foi realizado com a assistente social da moradia, a Socorro, via *chat* de mensagens em julho de 2020

- a) Entrevistas: foram realizadas cinco entrevistas com adultos moradores, sendo três com coordenadoras do movimento social (Flávia, Socorro e Jane); e duas com os pais/responsáveis pelas crianças (Milena e Josy). Duas entrevistas foram realizadas *online* entre fevereiro de 2021 e abril de 2021 e três entrevistas presenciais entre junho de 2021 a janeiro de 2023, sob

linguagem simples e familiar, sobre as vivências na ocupação, sobre as crianças dentro do ambiente da moradia, com perguntas mais amplas sobre o tema para que o participante ficasse mais solto para dar seu depoimento.

- b) Observação direta participante (imersão em campo): registros fotográficos e em caderno de campo, pela pesquisadora, de forma abrangente sobre as observações no contexto da ocupação como ocorrem normalmente, a fim de responder os objetivos principal e específicos da pesquisa.
- c) Oficinas artísticas: foram realizados 10 encontros entre 13 de março de 2022 a 5 de junho de 2022, para fazer atividades artísticas com as crianças sobre a temática da moradia, a fim de responder os objetivos do projeto. Ao todo, 27 crianças passaram pelas oficinas durante cerca de três meses dentro da ocupação, em um espaço comum propício para as atividades, com duração de cerca de 2 horas. Inicialmente, os materiais usados foram papel sulfite, lápis de cor e canetinhas hidrográficas, materiais rotineiros das crianças nas escolas, assim não intimidando a criatividade das crianças. No andamento das oficinas e do envolvimento das crianças com a proposta, foram oferecidos outros materiais, como recortes em EVA, massinha, câmera fotográfica analógica e/ou digital para que retratassem os temas conversados no começo dos encontros. Após a produção artística, era solicitado uma breve narrativa oral para descreverem o que retrataram.

3.8 DEVOLUTIVA PARA A COMUNIDADE PARTICIPANTE

Ao final, como umas das formas de devolutiva da presente pesquisa – além de poder contribuir com futuras propostas de políticas públicas e pesquisas nas áreas de educação, psicologia, arquitetura e ciências sociais relacionadas à infância e moradia - foi proposto aos participantes expor o panorama das produções plásticas das crianças com a temática da moradia nas dependências da ocupação no evento de Dia das Crianças em 10 de outubro de 2022. Uma exposição sobre infância e ocupação habitacional, a partir do olhar das crianças moradoras, tendo como público-alvo da mostra: os próprios moradores, moradores de outras ocupações e convidados para o evento das crianças.

3.9. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE RESULTADOS

As entrevistas que foram gravadas, posteriormente, foram transcritas, analisadas e destacadas conforme aspectos comuns relatados sobre a ocupação, suas rotinas e sobre o que mencionava sobre as vivências das crianças. Assim como, foram transcritos os relatos que divergiram com que as crianças falavam sobre a moradia.

Tivemos como hipótese central que a forma das crianças vivenciarem os espaços da moradia é por meio do brincar e da experiência lúdica.

3.10 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O presente projeto de pesquisa teve a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP (CEPH-IPUSP). As atividades em campo só foram iniciadas após a população tomar a segunda dose da vacina contra Covid-19, data prevista para 30/08/2021.

Todo o processo de pesquisa foi realizado seguindo a Resolução CNS 466/12 de 12/12/2012, e cumprindo seus princípios fundamentais: *autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade*; esta proposta de pesquisa visa somente acrescentar e gerar conhecimento para entender problemas que afetam o bem-estar dos sujeitos da pesquisa e outros indivíduos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OS PRIMEIROS CONTATOS E AS ENTREVISTAS

Ao contatar a assistente social, Socorro, que mostrou-se animada com a ideia, me mandou o contato da coordenadora Flávia e marcamos uma reunião *online*. Ao expor o projeto, imediatamente, elas acolheram a proposta e se disponibilizaram a ajudar no que fosse preciso.

As primeiras entrevistas ainda em isolamento social, no início de 2020, foram realizadas de forma remota, por vídeo chamada, e gravadas sob autorização das participantes e, posteriormente, transcritas.

A primeira entrevista foi com Socorro, assistente social, formada pela Universidade Federal da Paraíba, em 1994. Já trabalhou em hospitais, creches, albergues e no momento atua no movimento de moradia. Em 2004, foi trabalhar numa ONG que auxiliava ocupações de moradia e conheceu a liderança do movimento, assim abriram um grupo de base em Heliópolis, periferia de São Paulo. É a única entrevistada que não mora na Ocupação José Bonifácio.

Flávia, foi a segunda entrevistada, tem 38 anos, é coordenadora da ocupação e filha da liderança de um dos movimentos de moradia. É mãe de Leo e Marcos, de 16 e 7 anos, respectivamente. É conselheira tutelar da região central. Como militante, atua no movimento de moradia social por direito de crianças e adolescentes. *“Eu entrei para a militância do movimento porque minha mãe estava despejada, estava morando na casa da minha tia, que precisava da casa de volta. Aí a gente conheceu uma amiga dela que já participava do movimento e nos apresentou.”* (Flávia).

Em meados de 2021, com a situação da pandemia sob controle em virtude da vacinação de grande parte da população, retomei o contato para dar continuidade às entrevistas, presencialmente.

A entrevista com Milena ocorreu em setembro de 2021, em seu apartamento. Milena contou que tinha 25 anos e era mãe de Bia, de 5 meses, de Luana, 7 anos, e Malu, de 12 anos. Assim como outras famílias da ocupação, contou que veio de São Luís, Maranhão, e mora na ocupação desde final de 2019.

Josy é mãe de Edilson de 11 anos. É do interior de Alagoas e veio para São Paulo, em 2000, morar com a irmã na região do Sacomã. Conheceu o movimento pelo

grupo de base e passou a frequentar todas as reuniões. Josy mora e trabalha na portaria da ocupação desde 2013.

Jane, 37 anos, é também uma das coordenadoras da ocupação junto com Flávia. É mãe de três filhos, Maurício, Bianca e Bruno. Nasceu em São Paulo e conta que em 2013, estava em situação de rua com a família quando conheceu a líder do movimento que a convidou para participar de um “Dia de Festa” (dia em que ocupam um novo edifício).

As entrevistas feitas nos apartamentos, de Milena e Jane, não puderam ser gravadas por conta do ruído, interrupções, outros moradores que entravam solicitando, as crianças que pediam colo e atenção, por exemplo. Assim sendo, essas duas entrevistas foram anotadas em caderno de campo.

A assistente social da ocupação, Socorro, relatou que 60% a 70% dos moradores são maranhenses, das cidades de Barreirinhas, São Luís e Cururupu. Uma das razões para o número elevado de moradores vindos dessas cidades é que a coordenadora da ocupação veio de lá. Assim, a possibilidade de tentar a vida em São Paulo morando em uma ocupação de moradia, foi passando de “boca a boca” e muitos vieram tentar a mesma “sorte”. Socorro comenta que as famílias saem do Maranhão por conta da pobreza extrema e vêm para São Paulo ficar definitivamente, mas há aqueles que se decepcionam e acabam voltando para a terra de origem depois de alguns anos (Socorro, em conversa anotada em diário de campo, setembro de 2021).

Há famílias que abraçam a luta por moradia e têm consciência dos riscos e da transitoriedade de morar em um imóvel ocupado e outras, que se acomodam nesses espaços transitórios: *“A participação das famílias, é um dos meus maiores desafios. As famílias acham que porque elas estão morando na ocupação, que elas estão seguras, mas na verdade a gente vive com pedido de reintegração de posse”* (Socorro, assistente social em entrevista concedida, fevereiro de 2021).

A maioria dos moradores trabalha na região central de São Paulo: auxiliar de limpeza, cozinheiras, copeiros, ambulantes, atendentes de supermercado. Além do trabalho, a participação nos grupos de base e assembleias também compõe parte das responsabilidades dos moradores, bem como, a organização e limpeza dos banheiros coletivos e áreas comuns. Cada andar tem um morador responsável, além da coordenadora chefe, assistente social e a liderança do movimento social, que ao todo se responsabiliza por quatro ocupações na região central. Em sua grande maioria, os

responsáveis pela organização e membros da coordenação são mulheres. Socorro comenta sobre a grande participação das mulheres nas ocupações de moradia:

O movimento de moradia é administrado basicamente por mulheres, nas ocupações elas são lideranças, é um movimento basicamente de mulheres. [...] Porque geralmente, quem vai pros grupos de base, quem vai procurar a ocupação é a mulher, né? O marido não vai, só vai depois que a mulher consegue o espaço. A mulher fica com a liderança da família. Os homens vão depois e participam muito pouco. (Socorro, assistente social da ocupação em entrevista concedida, fevereiro de 2021)

Na assembleia geral da moradia, em que apresentei a pesquisa para os moradores, as mulheres eram visivelmente a maioria na sala, de 48 participantes apenas seis eram moradores do sexo masculino, as crianças também estavam presentes acompanhados dos pais. Nesta reunião específica, algumas regras de convivência foram, veementemente, lembradas. A ocupação estava tendo muitos casos de violência doméstica, Flávia e Jane, coordenadoras, explicaram a expulsão de um dos moradores por esse motivo e fizeram um trabalho de conscientização para as mulheres. Nenhum assunto foi poupado pela presença das crianças, nem usaram de eufemismo, de violência contra a mulher a uso de drogas, por exemplo, foi tudo falado abertamente (anotação em caderno de campo – assembleia geral 09/01/023).

Mesmo tendo regras claras e rigorosas de convivência dentro da moradia, fora de lá cada um tem sua individualidade preservada.

Eu falo que do portão para dentro somos todos cidadãos, do portão para fora cada um faz o que quer. Eu não posso dizer que não vai para o caminho errado, mas é daquele portão para fora! Quando entra aqui você é um cidadão, você tem que respeitar! (Flávia, coordenadora e moradora de ocupação, em entrevista concedida, abril de 2021).

4.2 OFICINA ARTÍSTICA COM AS CRIANÇAS DA OCUPAÇÃO

A primeira oficina aconteceu em 13 de março de 2022, ocorrendo com frequência semanal aos domingos às 10h da manhã, dia em que as crianças não tinham atividades escolares e nem extracurriculares. A última oficina foi realizada em 5 de junho de 2022. No total, foram produzidos 63 desenhos, 29 fotografias, 12 recortes em EVA e 3 esculturas de massinha. Dos quais, 48 desenhos e 20 fotografias estão ilustrados no próximo capítulo. Não entraram aquelas produções que os responsáveis não autorizaram ou que de alguma forma poderia identificar algum participante.

Foram realizados 10 encontros, contemplando ao todo 27 crianças. No entanto, o *quorum* de participantes foi diminuindo ao passar das semanas, de 16

crianças que participaram do primeiro encontro, comparado a 3 do penúltimo encontro, e retornando quase todas as crianças ao último encontro. Fato que segundo a assistente social e a coordenadora se dava pela baixa participação das famílias na rotina da ocupação e que não estimulavam as crianças a participarem de atividades extracurriculares. Porém, perguntando diretamente às crianças porque elas não estavam indo, a resposta era que domingo elas estavam cansadas e queriam dormir até mais tarde, ou que elas já iam à escola de segunda a sexta e não queriam fazer mais atividades de fim de semana.

A estratégia de pré-montagem das oficinas se deu de forma a não engessar possíveis propostas que viessem também por parte das crianças e tinha como objetivo identificar possíveis lugares e espaços de convivência, de brincadeiras, de memórias e de conflitos pelas crianças, dentro e no entorno da ocupação, além de conhecer suas histórias pessoais.

Nos tópicos seguintes, algumas atividades foram melhor aprofundadas, porém a seguir encontra-se uma breve descrição da proposta de atividade, quantas crianças participaram e como se deu a oficina:

1º encontro: 13 de março de 2022. Tema: roda de apresentação e desenho livre, os materiais oferecidos foram lápis de cor, canetinha hidrográfica, lápis grafite, réguas, fitas plásticas coloridas e papel sulfite branco e colorido. Participaram 16 crianças. Inicialmente, realizei a explicação do projeto, conversamos um pouco sobre cada um deles, os nomes, idade, se já se conheciam entre si, que cor mais gostavam, por exemplo. Foi um encontro mais rápido para convidá-los a participarem das atividades e começar a conhecer cada criança.

2º encontro: 20 de março de 2022. Tema: de onde viemos/ primeiro lar. Os materiais oferecidos foram lápis de cor, canetinha, lápis grafite, réguas, fitas plásticas coloridas e papel sulfite branco e colorido. Sabendo pelas entrevistas com os adultos que muitas famílias eram migrantes da região Nordeste do país, solicitei que fizessem um desenho e falassem sobre o lugar de onde vieram. Se nasceram em São Paulo, ou se vieram de outro lugar, se haviam morado em outros lugares antes de morarem na ocupação. Ao todo, 14 crianças participaram (Figura 7).

Figura 7- Segundo encontro com as crianças da ocupação

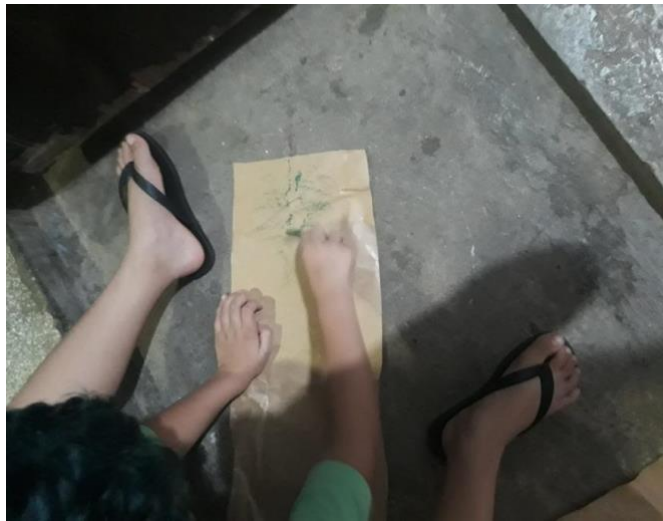


Fonte: fotografia tirada por Raquel Benato Rodrigues da Silva em 20/03/2022

Larissa, 6 anos, me conta que ela e seu irmão Renato, 2 anos, nasceram na cidade de Barreirinha no Maranhão. Rayane, 12 anos, veio com 10 anos da mesma cidade. Enquanto Leila, 12 anos, e as irmãs, nasceram em São Luís, na capital. Diego, 7 anos, veio da Bahia, mas não soube dizer a cidade. Erick, 7 anos, Miriam e Marcos falaram que são de São Paulo.

3º encontro: 27 de março de 2022. Tema: imprimir os lugares que gostamos. A ideia da atividade foi que as crianças escolhessem um local no espaço comum da ocupação para imprimir a superfície desse espaço em um papel sulfite (Figura 8). A maioria escolheu a área da brinquedoteca para realizar a atividade, os materiais oferecidos foram lápis de cor, canetinha, lápis grafite, réguas, fitas plásticas coloridas e papel kraft. Dezesete crianças estiveram presentes neste encontro.

Figura 8- Terceiro encontro



Fonte: fotografia tirada por Raquel Benato Rodrigues da Silva em 27/03/2022

4º encontro: 03 de abril de 2022. Tema: desenho das vistas da janela/ entorno da ocupação. A proposta era que as crianças desenhassem o que elas viam de suas janelas, como elas representavam o entorno da ocupação, os materiais oferecidos foram lápis de cor, canetinha, lápis grafite, réguas, fitas plásticas coloridas e papel sulfite branco e colorido.

Neste dia, os mais novos brincaram com os brinquedos e os mais velhos ficaram distantes apenas conversando e desenhando. Entre os mais novos eles brincavam de boneca, cozinha, dirigiam ônibus, lego, carrinho. No geral todos brincavam juntos, mas de boneca brincavam apenas as meninas e os meninos ainda bebês (Figura 9). Ao todo participaram 14 crianças.

Figura 9- Crianças brincando na brinquedoteca da ocupação



Fonte: fotografia tirada por Raquel Benato Rodrigues da Silva em 03/04/2022

5º encontro: 10 de abril de 2022. Tema: museu da ocupação/ objetos de memória. A atividade consistiu de crianças escolherem objetos nos espaços comuns da ocupação para montarmos simbolicamente um “Museu da Ocupação”.

Cheguei no horário de costume, um pouco antes das 10h. Avisei a Flávia que tinha chegado para ela chamar as crianças. Depois, chegaram Lilian, 11 anos e Erick, 7 anos, ficaram contando de uma viagem de Itaporã e que naquela semana Erick tinha ficado doente, tinha ido ao hospital com virose. Depois foi chegando mais crianças, mas nesse dia teve apenas seis. Bruno, filho de Jane, falou que foi batendo nas portas chamando as crianças, mas que quase todos respondiam que elas tinham saído.

Comecei a atividade do dia perguntando se elas sabiam e já tinham ido a Museus. Lilian, respondeu que museus eram lugares onde tinham vários objetos com uma placa: “*Não pode mexer!*”. Bruno, 11 anos, e Rayane, 12 anos, falaram que tinham ido em uma excursão no ano passado em um lugar que tinha sim uma exposição como nos museus, mas não lembravam o nome.

Expliquei a importância dos Museus, que existiam vários, não só com objetos de arte, mas de ciências, história, sobre futebol, bicicleta, telefone etc. Que os museus guardam objetos importantes para determinados assuntos e às vezes contam uma história. Depois, propus fazer nosso próprio museu da ocupação, e pedi para eles escolherem objetos que achavam importantes para contar a história da moradia.

Bruno escolheu uma bicicleta e falou que sempre anda, que muitas pessoas não têm carro, a gasolina está muito cara e a bicicleta é boa por isso, é mais barata e não poluí.

Lilian escolheu uma caixa de arquivo com muitos documentos. Perguntei o porquê da escolha, ela respondeu que ali eles estão sempre andando com documentos, que achava que a gente tinha que usar menos papel, pois ele é feito das árvores. Perguntei se ela gostava de estar entre a natureza, ela falou que muito, mas que o ser humano estava acabando com tudo. Perguntei se ali na região onde mora, ela achava que tinha bastante árvores e ela respondeu que não.

Erick me pediu ajuda para colocar um colchão no nosso “Museu”. Ele falou que era porque ele gosta muito de ficar deitado, confortável. Também colou vários tatames de EVA e falou que aqueles objetos eram importantes para o museu, pois com aquilo ele fazia casinhas.

Rayane colocou uma bola e contou que adora jogar bola com o pai e o irmão na pracinha, que jogam sempre juntos.

6º encontro: 1º de maio de 2022. Tema: livre, recorte com EVA. Os materiais oferecidos foram as folhas de EVA, tesouras, lápis de cor, canetinha e lápis grafite.

Ceguei e sentei-me na escada da portaria, avisei a coordenadora que eu já tinha chegado para avisar as crianças que poderiam descer. Eu e a porteira ficamos olhando nas câmeras de segurança as crianças chamando umas às outras para a atividade. A primeira a chegar foi Larissa, 6 anos, ficamos conversando enquanto esperamos as outras crianças chegarem, ela me contou que ia na escola de tarde, que a mãe a levava e uma moça a trazia para casa de volta, que estava aprendendo a ler e sabia escrever seu nome.

Perguntei o que ela costuma brincar na escola, me falou que tinha o Dia do Brinquedo e que gostava de levar o *Popet*, sua boneca, que não brincava muito de correr porque podia cair e se machucar. Chegou a segunda menina de 6 anos, que ouviu a gente falando de brincadeiras, e ela falou que não podia brincar com seu vizinho. Perguntei: “*por que não?*” Ela respondeu porque o vizinho era um “*cachaceiro*”, que outro dia ela acordou cedo, estava indo pra escola, quando viu ele dormindo na porta de casa, caído.

Depois foram chegando mais crianças e fomos para o espaço da brinquedoteca, começamos a fazer os recortes com EVA brilhante. Uma criança me pediu para fazer um chinelinho com o EVA dourado, que seria seu sapato de princesa, depois mediu um colarzinho no pescoço. Perguntei o que eles tinham feito para as mães, para comemorar o Dia das Mães, nas aulas de artes do colégio, isso fez com que as crianças começassem a fazer recortes e escrever mensagens para suas mães, que se desdobrou no 7º encontro. Contou-se com 12 crianças nessa atividade.

7º encontro: 15 de maio de 2022. Tema: participação das mães/ lugares de afeto. Os materiais oferecidos foram lápis de cor, giz de cera, canetinha, lápis grafite, régua, fitas plásticas coloridas e papel sulfite branco e colorido.

Ao chegar, fiquei sentada com a Flávia para esperar as mães e as crianças. Ela pediu para Marcos, 7 anos, ir bater na porta das outras crianças para virem à oficina. Enquanto isso, Flávia falava sobre as famílias terem resistência de participar das atividades, que têm formulários do SESC-Curumim parados até hoje porque as mães não vão assinar para seus filhos irem.

Com 30 minutos de espera, comecei a atividade com as mães que estavam presentes, algumas fizeram com muita dedicação, outras não deram muita atenção e ficavam mexendo no celular, enquanto os filhos desenhavam. A proposta foi a família recordar lugares em que viveram momentos felizes, de afeto. Neste evento, 8 mães e 14 crianças compareceram.

8º encontro: 22 de maio de 2022. Tema: mapa da ocupação.

Neste encontro, a proposta foi que as crianças desenhassem um mapa da ocupação para alguém que chegasse pela primeira vez no local, passando da porta principal até o apartamento deles. Neste dia, espalhei os papéis (sulfite e kraf) no chão, com os materiais para desenhar - lápis, canetinha, caneta, giz etc. Chegaram, inicialmente, a Larissa, 6 anos, e o Marcos, 7 anos, expliquei a proposta.

Marcos falou que não conseguiria fazer a atividade, pois logo ia sair com sua mãe, mas perguntou se antes ele podia desenhar uma flor, eu concordei. Segundo o que ele me explicou, fez um girassol, perguntei se ele tinha girassol em casa, ele disse que não, mas que tinha várias outras flores no jardim dele. Acrescentou que gostava muito de mexer com terra. Pela explicação dele, o jardim fica na laje do décimo andar, onde ele mora e a sua família usa esse espaço como um quintal.

Depois outras crianças começaram a chegar, algumas pediram que preferiam apenas brincar com brinquedos ao invés de desenhar, permiti. Nesta atividade participaram 6 crianças.

9º encontro: 29 de maio de 2022. Tema: família/rotina. Cheguei na ocupação e dessa vez fiquei esperando muito tempo para alguém abrir a sala pra mim. Costumava vir a Flávia ou a Jane, mas ninguém apareceu e nem respondiam minhas mensagens. Depois de uns 30 minutos apareceu o Bruno, 11 anos, com o Marcos, 7 anos, (filhos da Jane e da Flávia) para abrir a porta.

Ficamos só nós três fazendo a massinha de modelar. Depois, apareceu a Lara, 6 anos. Perguntei por que não estavam vindo muitas crianças e eles falaram que elas já estudam a semana toda e não querem ter atividade de fim de semana, que elas só querem saber de brincar.

Depois da massa pronta, pedi que eles fechassem os olhos e pensassem nas pessoas que eles esperam ver quando chegam em casa ou quem eles esperam chegar em casa quando já estão lá. Bruno modelou os dois irmãos e a mãe (Figura 10), quando perguntei por que, ele não o fez de massinha, ele falou: *“mas você pediu pra fazer quem a gente espera, não podia fazer eu mesmo”*.

Marcos só modelou a mãe. E Lara fez a mãe e uma casa. Ao mesmo tempo em que faziam a atividade conversávamos sobre a rotina das crianças. Esta atividade teve o menor número de participantes, três crianças no total.

Figura 10- “*Meus dois irmãos e minha mãe*”



Fonte: fotografia tirada por Raquel Benato Rodrigues da Silva em 29/05/2022

10º encontro: 05 de junho de 2022. Tema: roda fotográfica.

Cheguei alguns minutos atrasada e, dessa vez, as crianças já estavam no saguão da portaria me esperando. Bruno, 11 anos, o filho da Jane, abriu a sala e eles perguntaram o que iam fazer. Conteí que, neste dia, seria uma sessão de fotos, porém não como eles conheciam. Mostrei a câmera analógica, que eles nunca tinham visto, ensinei como usar e eles logo se animaram para fotografar, porém falei que o tema das fotos seriam lugares na moradia que eles gostavam muito.

Miriam, 9 anos, quis ser a primeira e subiu ao primeiro andar para tirar uma foto do Erick, que estava no sofá de pijama assistindo TV, sua irmã também estava no cômodo, mas do outro lado. Erick ficou tímido e tampou o rosto com as mãos. Perguntei o porquê da escolha da foto e ela contou que gosta muito do Erick, que eles se chamam de irmão.

Diego, 7 anos, me contou que estava se mudando naquele dia, que iria morar em Mogi Mirim com a mãe e a irmã, que o caminhão de mudança sairia às 12 horas. Ele subiu ao seu apartamento e tirou foto da sala, estava preocupado que estava tudo bagunçado, pois as coisas já estavam em caixas. Falou que estava animado com a

mudança, mas que ia sentir saudade do pessoal (no fim da atividade todos bateram palma para o Diego).

As meninas tiraram foto da escada e dos corredores, Marcos e Bruno também fotografaram. Ketlin, 10 anos, quis sair para a rua tirar uma foto da fachada da ocupação, acompanhei eles. Mariana pediu para tirar mais uma foto da pracinha onde eles sempre brincam.

Depois, juntamos todos e tiramos fotos de todo o grupo.

As meninas acharam um caderno e começamos a fazer dobraduras, enquanto perguntava sobre brincadeiras e sobre as relações deles. Os menores ficaram brincando na brinquedoteca. Ao todo participaram 14 crianças.

4.3 OS TEMAS DESENHADOS PELAS CRIANÇAS

Sobre os desenhos das crianças, optei por escrever a partir de temas, ao invés de um relato cronológico. Uma das razões, foi por ter coordenado sozinha as atividades, não sendo possível gravar e registrar todos os acontecimentos, uma vez que, foi necessário meu auxílio em vários momentos como entreter alguns bebês que foram com seus irmãos, tirar dúvidas sobre atividades ou apaziguar um início de disputa de lápis entre crianças, por exemplo. Os registros da participação em campo se deram em sua maioria por escrita em caderno, durante ou logo ao final das oficinas. Tendo como registro documental e coleta principal de dados para a pesquisa os desenhos das crianças, seguida de breve relato oral sobre suas próprias produções.

Após as produções visuais das crianças participantes, foi elaborado um estudo descritivo de abordagem qualitativa da expressão visual da percepção da criança sobre como elas vivenciam e ocupam o espaço da ocupação habitacional.

Quando as crianças vinham me entregar suas produções, eu sempre perguntava o que é que elas tinham desenhado e anotava a resposta no verso do papel, junto do nome da menina ou menino, idade e a data. Ao final das oficinas, no momento da escrita da pesquisa, me deparei com um número bem grande de desenhos, de modo que, escrever sobre cada um, individualmente, ficaria inviável. Então, a separação por temas e configurações semelhantes foi sendo realizada, sempre respeitando a descrição feita pelas crianças. Por mais que um desenho me parecesse uma casa, mas ao olhar atrás, a criança descreveu como uma igreja, respeitava a descrição do autor ou autora do desenho. Algumas produções se

repetiram em um ou mais tópicos, já que continham elementos de mais de um tema abordado.

Assim foi se dando os tópicos por temas deste capítulo, os desenhos que se seguem podem não terem sido realizados no mesmo dia e nem serem da mesma proposta de atividade, pois algumas crianças assim que acabavam um desenho já pegavam outra folha e produziam novamente. O que faz com que alguns desenhos sejam resultados de propostas pré-estabelecidas e outros desenhos livres.

Também acontecia de, ao solicitar a proposta das atividades, algumas crianças não compreenderem algum conceito da proposta, como no caso do “Mapa da Ocupação até Chegar no seu Apartamento”. Algumas crianças, mais novas, não entendiam o que significava mapa, por exemplo, mas desenhavam o prédio, a entrada do prédio, ou sua casa. Fato que não considerei um problema durante o projeto, uma vez que todos os desenhos revelavam a subjetividade de cada desenhista.

Foi colocado o máximo possível de desenhos na pesquisa, a fim de minimizar a interferência do meu olhar como pesquisadora de quais desenhos caberiam ou não. Apenas não foram incluídos os desenhos e as garatujas de crianças menores de 6 anos ou daquelas que os pais não tinham assinado os termos de consentimento por não estarem na amostra dos participantes, mas todas as crianças que apareciam no momento das oficinas participaram das atividades.

4.3.1 A casa

Ao olhar a totalidade dos desenhos, a nítida maioria tinha a representação da moradia como uma casa. A casa, geralmente ao centro do papel, com quintal e espaço verde ao redor, árvores e figuras humanas que representavam os desenhistas e as pessoas que moram com eles, no geral suas famílias. A figura do sol está muito presente, e em alguns desenhos aparecem figuras de flores, árvores, nuvens, borboletas, estrelas e também corações. Lima (1989, p. 29) comenta essa “particularidade na percepção do espaço da moradia: a constância com que o espaço ideal da moradia aparece como ‘casa’, com flores e árvores, independente das condições reais de habitação da criança”. A autora complementa dando o exemplo de um menino que representa o prédio onde mora, desenhando várias casas sobrepostas. Ao me deparar com os desenhos das crianças da ocupação, essa particularidade também se confirmou, a maior parte das produções artísticas sobre a

casa, são feitas no esquema de desenho: quadrado (parede) + triângulo (teto). Solução para a representação da moradia que as crianças também reproduzem constantemente nas escolas¹⁹. Além da influência das atividades escolares nos desenhos, GOBBI (2014, p.150-151) cita a influência e a hierarquia entre pares²⁰:

Ao observarmos com cautela, perceberemos que os mesmos compõem certos rituais infantis, demonstram e criam hierarquias entre os desenhistas e seus desenhos passam a ter valores e são vistos de maneiras diversas entre os pares de idades iguais ou diferentes, recebem tratamentos diferenciados de acordo com o lugar ocupado entre os demais desenhos e seus autores.

Apenas dois desenhos da série apresentam seu interior, como nos desenhos Figura 11 e Figura 12 em que há divisões em dois andares por cômodos, mostrando a entrada, sala, banheiro e quarto, o que seria uma idealização da casa. Jessica, de 10 anos, a desenhista, conta que na casa dela a sala é junto com a cozinha e o banheiro é coletivo com os outros moradores do andar.

Figura 11- “*Minha casa*”



Fonte: desenho feito por Jessica em 20/03/2022

¹⁹Somando-se a isso, em alguns desenhos as crianças escrevem “para a professora Raquel” (Figura 49), mesmo eu explicando que não era professora, que as atividades não tinham “certo ou errado”, não valia nota, que estávamos apenas desenhando.

²⁰Um exemplo da influência do desenho de uma criança para outras é o bolo de aniversário, desenhado primeiramente pelo Diego, 7 anos, mas que depois começa a aparecer em desenhos de outras crianças, na mesma atividade. O desenho do bolo incluindo sua história será explanado em sequência.

Figura 12 - Continuação do projeto da casa de Jessica



Fonte: desenho feito por Jessica em 20/03/2022

Em outro desenho de interior (Figura 13), Marcelo, 6 anos, conta que fez a cama onde dorme, a sala e uma televisão, e que também tinha uma pessoa. Ao perguntar o que a pessoa estava fazendo, ele responde que essa pessoa estava triste, pois queria ter a casa do amigo. Perguntei o que a casa do amigo tinha que essa pessoa gostaria de ter, ele responde “*não sei*”. Podemos perceber aqui que as crianças revelam os sentimentos de seus personagens, enquanto descrevem seus desenhos, neste caso, o motivo da tristeza de seu personagem era a casa.

Figura 13- A Casa do amigo



Fonte: desenho feito por Marcelo em 22/05/2022

A Casa também aparecia nas brincadeiras das crianças, em uma das oficinas, Erick, 7 anos, que estava brincando com outras crianças no espaço da brinquedoteca, pediu ajuda para montar uma casinha com os módulos de EVA. Logo, as meninas menores também queriam entrar para colocar suas “filhas”, as bonecas. O material de EVA não ficava equilibrado, por isso Erick pediu ajuda para colocar um colchão entre duas cadeiras para fazer uma casinha melhor. Assim, todos entraram na casinha de colchão e começou uma pequena discussão por falta de espaço. Logo depois, vi Erick deitado confortável dentro da casinha e perguntei do lado de fora como ele sonhava que seria a casa dele quando crescesse, ele respondeu que seria muito grande, teria muitos quartos, sete carros na garagem e um avião de ouro. Aqui recorro da passagem de Bachelard (1969), que diz que a casa abriga o devaneio, o local que nos permite sonhar em paz. Oliveira & Borges (2022, p.151) acrescenta que “Ao brincarem de casinha, as crianças não reivindicam qualquer casa, mas aquela que abrigue sonhos e mais brincadeiras. Uma casa que dá cabo à brincadeira acaba com tudo”.

A casa também pode representar a própria desenhista, como na Figura 14: ao perguntar para a Lara, 6 anos, o que tinha desenhado, ela conta que desenhou a casa dela e da melhor amiga, uma do lado da outra, pois assim como no desenho elas também viviam grudadas.

Figura 14- “Eu e a Júlia”



Fonte: desenho feito por Lara em 13/03/2022

O que se apresenta observando os desenhos de Casa, é que o tema revela afetos, sentimentos, memórias, mostra aspectos da realidade vivida e do imaginário do que é um lar. Ora fluindo entre memórias de casas passadas, da moradia atual e de sonhos para casas futuras.

Nosso objetivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro (BACHELARD, G. 1969, p. 18).

Os dois desenhos a seguir foram feitos em uma atividade em que a ideia era desenhar um mapa da ocupação até chegar no local onde eles moram. Pela descrição dos autores, Lilian (11 anos) e Mario (6 anos), Figura 15 e Figura 16, respectivamente, fizeram a porta de entrada, a portaria, o espaço de festa onde estávamos e as escadas até chegarem em suas casas. Mas ao invés de desenharem mais um quadrado para representar o apartamento, eles desenharam uma casinha dentro do mapa do prédio. O que nos remete que a representação da casa, realmente, é o símbolo do lar, da moradia, independente de morarem em um prédio de 10, 15 ou 30 andares.

Figura 15- Mapa da ocupação: da entrada até a casa de Lilian



Fonte: desenho realizado por Lilian em 22/05/2022

Figura 16- Mapa da ocupação: da entrada até a casa de Mário



Fonte: desenho realizado por Mário em 22/05/2022

Outros desenhos relacionados ao tema da Casa:

Figura 17- A Ocupação e a casa do Maranhão



Fonte: desenho feito por Luana em junho de 2021

Figura 18- "Eu e minha irmã na casa do Maranhão"



Fonte: desenho feito por Luana em 20/03/2022

Figura 19- "É uma casa"



Fonte: desenho realizado por Marta em 13/03/2022

Figura 20- A Casa de Luana



Fonte: desenho realizado por Luana em 13/03/2022

Figura 21 - Casa colorida e bolo de aniversário



Fonte: desenho realizado por Leila em 20/03/2022

Figura 22- "Casa que eu morava"



Fonte: desenho realizado por Larissa em 20/03/2022

Figura 23 - "Onde eu morava com meus pais, antes daqui"



Fonte: desenho por realizado por Lara em 20/03/2022

Figura 24- "Minha casa e eu"



Fonte: desenho realizado por Kaique em 20/03/2022

Figura 25- "Casa com raio laser"



Fonte: desenho realizado por Ketlin em 20/03/2022

Figura 26 - A Casa



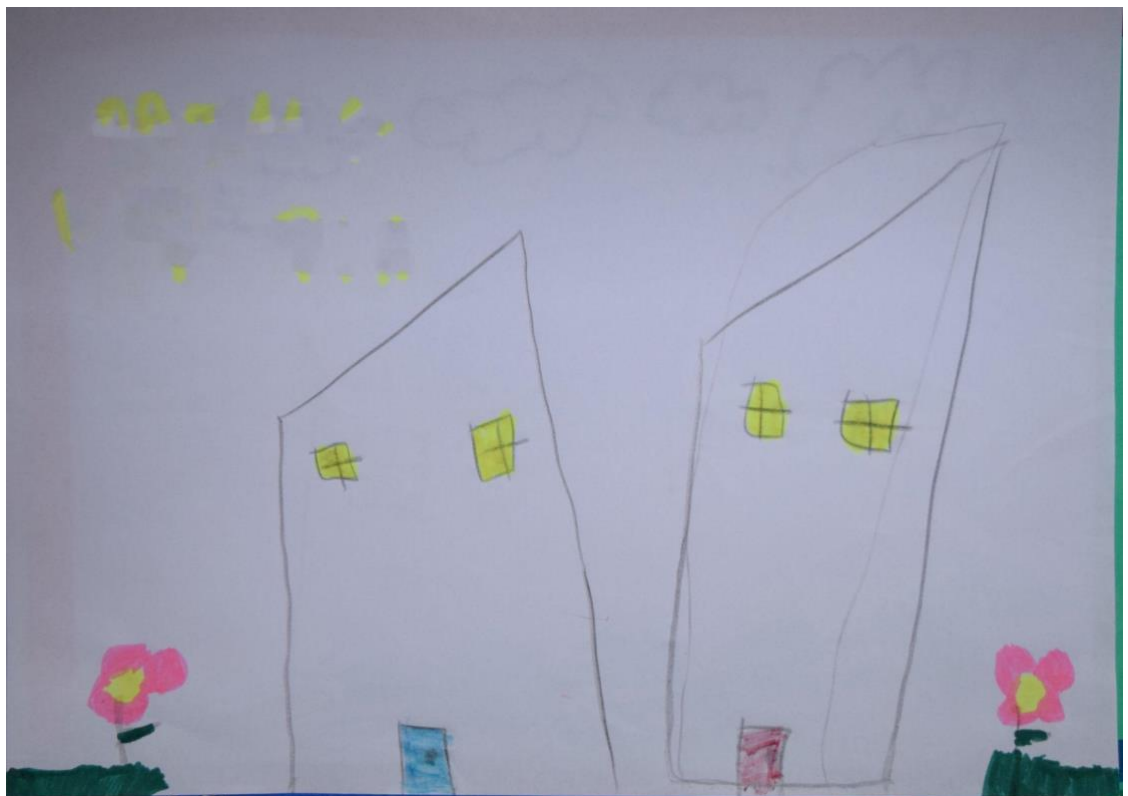
Fonte: desenho realizado por Kaique em 20/03/2022

Figura 27- “Coração e minha casa”



Fonte: desenho realizado por Marta em 22/05/2022

Figura 28- “Minha casa e da Isabela”



Fonte: desenho feito por Lara em 22/05/2022

Figura 29- “Minha casa e minha mãe”



Fonte: desenho realizado por Isabela em 22/05/2022

No entanto, um desenho chamou a atenção (Figura 30), por se diferenciar da figura da casa, quando olhei, um menino tinha desenhado um enorme bolo de aniversário. Ao chegar perto, perguntei o que era que ele tinha desenhado e logo veio a frase em tom de vitorioso para as outras crianças: “*Sabia que meu aniversário de 5 anos foi dentro de um ônibus?*” Deduzi que o bolo desenhado se tratava desse evento, que a meu ver foi muito significativo para o garoto. Diego, de 7 anos, conta que neste dia, ele e a mãe estavam vindo da Bahia para morar em São Paulo. A viagem que demorou cerca de 32 horas foi marcada pela comemoração do seu aniversário junto dos outros passageiros do ônibus, todos cantaram parabéns para o menino e comeram o bolo que sua mãe tinha levado na viagem.

Outras crianças que vieram de outros estados morar em São Paulo, provavelmente, passaram pelo mesmo evento de transitoriedade, incertezas e descobertas, porém, somente o Diego quis retratar o ocorrido como uma grande festa. Neste dia, ao pedir que desenhassem a casa de onde eles tinham vindo, fez com que Diego se lembrasse desse momento de acolhimento, onde cerca de 40 pessoas que estavam no ônibus, celebraram seu nascimento ao lado de sua família. Ao desenhar

o bolo ao invés da casa como os outros fizeram, Diego nos mostra que casa, mais do que um lugar sólido e perene, é onde nos sentimos acolhidos e amados.

Figura 30– Desenho do aniversário de Diego



Fonte: desenho produzido por Diego em 20/03/2022

4.3.2 O prédio

O prédio como a representação da moradia também apareceu, mesmo que em menor quantidade. Percebe-se um movimento mais livre nas representações, bem como nos traços dos desenhos, se comparados aos desenhos anteriores da casa. Porém, não se vê uso de cor no preenchimento dos prédios, em geral foram utilizados para o contorno do edifício lápis grafite ou uma única cor de canetinha.

Sobre morar no prédio da ocupação trago um diálogo com uma das meninas chamada Lara de 6 anos:

- Tia, você é rica?
 - Hm... Eu não me considero rica. Por quê?
 - É que você tem muitos lápis [de cor].
- Sorri e expliquei que amigos meus, que não usavam mais os materiais, tinham me dado para que eu pudesse fazer as oficinas. E perguntei:
- E você, você é rica?
 - Eu sou pobre.
 - Mas por que você acha isso?
 - Porque eu moro em um prédio. (anotação em caderno de campo 03/04/2022)

Vê-se que a garota de 6 anos já percebe o seu arredor com uma noção de pobre/rico, quem tem excesso é rico, e quem não tem é pobre. O gatilho da percepção no caso foi o excesso de material artístico, mas morar em prédio e ser pobre, não tem uma lógica para um adulto, há prédio de alto luxo, mesmo no centro de São Paulo, assim como há casas com poucos recursos. A fala de Lara então nos indica que no seu conhecimento e percepção, prédios são, no mínimo, lugares de escassez de recursos escolares, que as pessoas que moram naquele prédio não costumam ter tantos lápis e canetinhas e por isso seriam pobres. Para Lara, um indício de riqueza é ter muito material escolar.

Ao observar os desenhos de casa e de prédios, nota-se que os desenhos de casa aparecem como um ambiente fantástico, enquanto nos desenhos do prédio isso não acontece, são mais sóbrios, o entorno não tem tantos elementos. Os familiares que tanto apareceram com as casas, aqui já não aparecem mais. O prédio aparece mais como o externo que protege a casa, como uma cápsula que guarda o lar. Também, pode-se ver esse acontecimento quando ao desenharem o mapa até seus apartamentos, as crianças desenharam uma casinha dentro do espaço do prédio.

Figura 31- Comparação entre desenhos de Casa e o prédio da Ocupação



Fonte: desenho feito por Luana em 22/05/2022/ desenho feito por Luana em 20/03/2022

Acredito que essa diferença de representação se dê pelo fato dos desenhos de casinhas serem feitos a partir do imaginário e da fantasia das crianças do que a casa, o lar, significa para elas, já os desenhos do prédio, já se limitam mais à observação do que da imaginação.

Desenhos relacionados ao tema do Prédio:

Figura 32–Ocupação e a casa do Maranhão



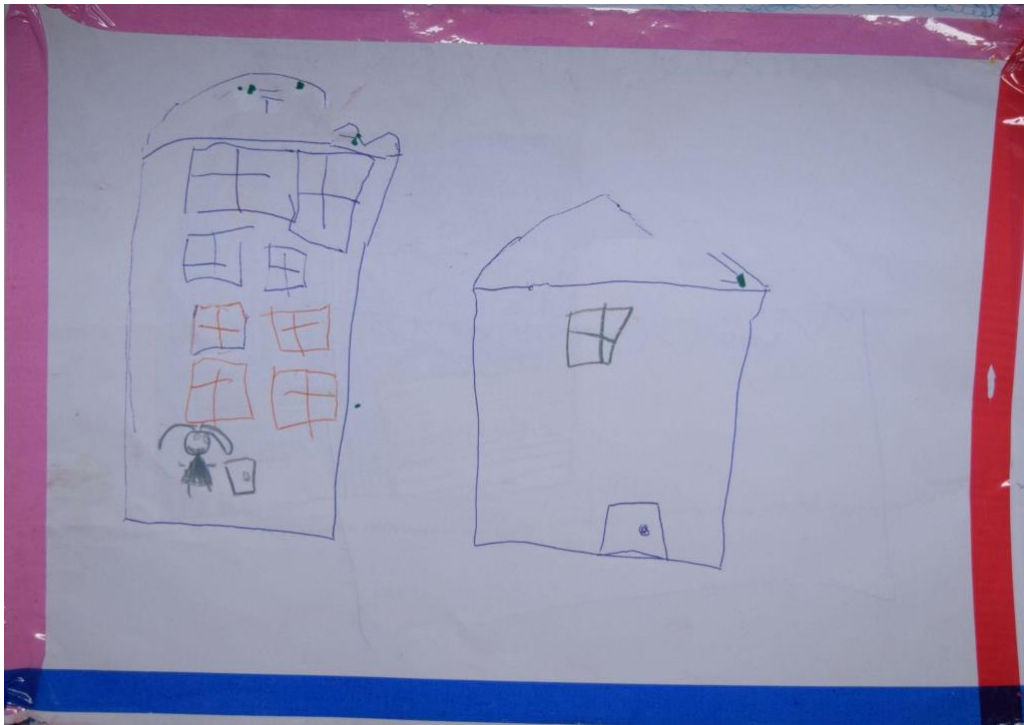
Fonte: desenho feito por Luana em junho de 2021

Figura 33- “Prédio pequeno, prédio médio e prédio grande”



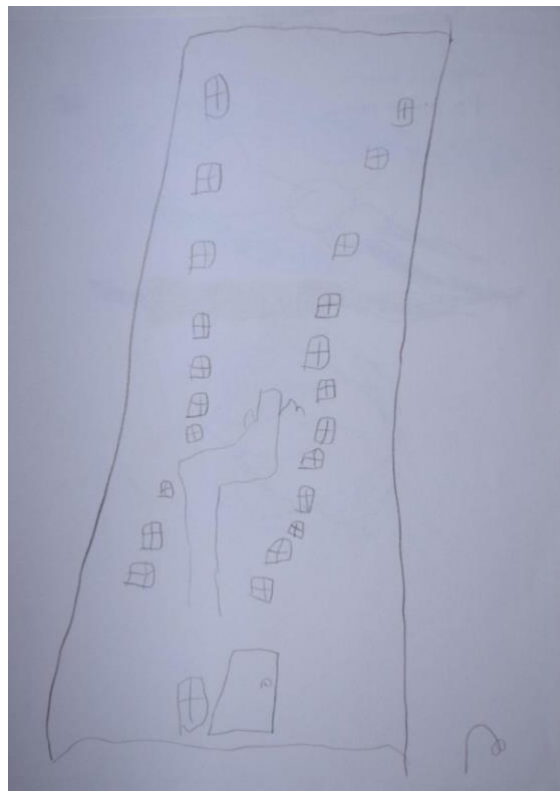
Fonte: desenho realizado por Erick em 27/03/2022

Figura 34- “O prédio e o céu rosa”



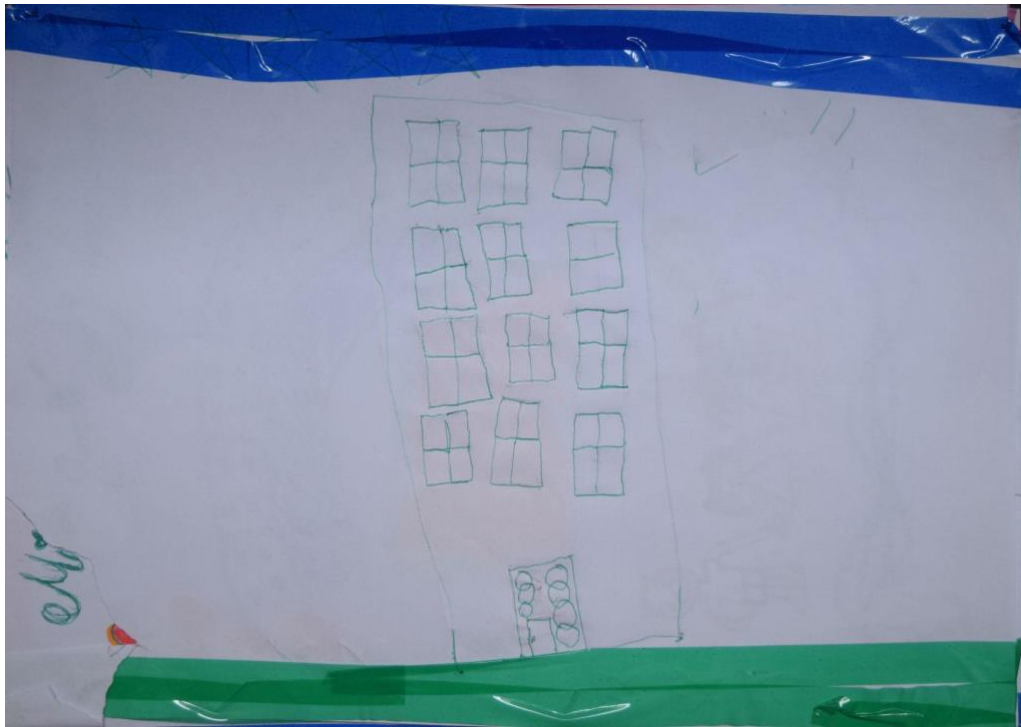
Fonte: desenho realizado por Larissa em 22/05/2022

Figura 35- “Mas tem que subir as escadas”



Fonte: desenho realizado por Erick em 22/03/2022

Figura 36 - "Onde a gente mora"



Fonte: desenho realizado por Diego em 03/04/2022

Figura 37- Prédio



Fonte: desenho realizado por Mirian em 20/03/2022

Figura 38- “Prédio de frente”



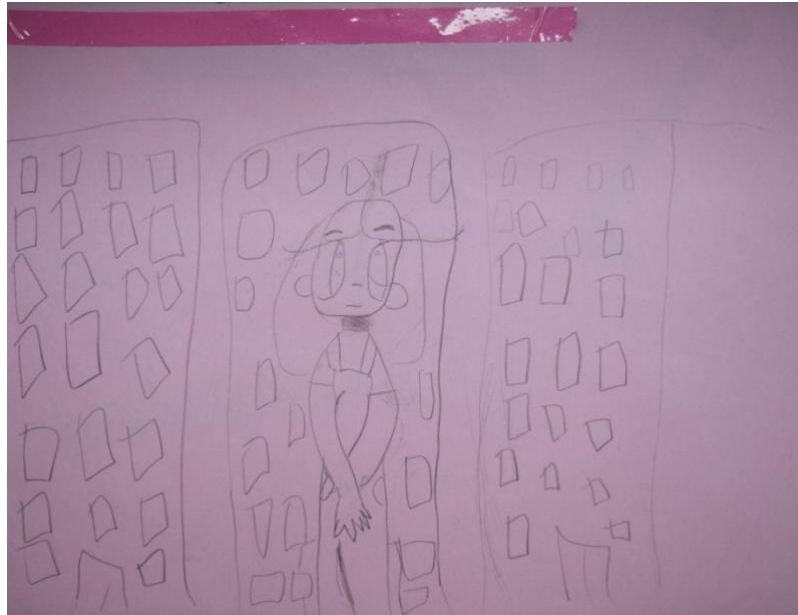
Fonte: desenho realizado por Lia em 03/04/2022

Figura 39- “Prédio de costas”



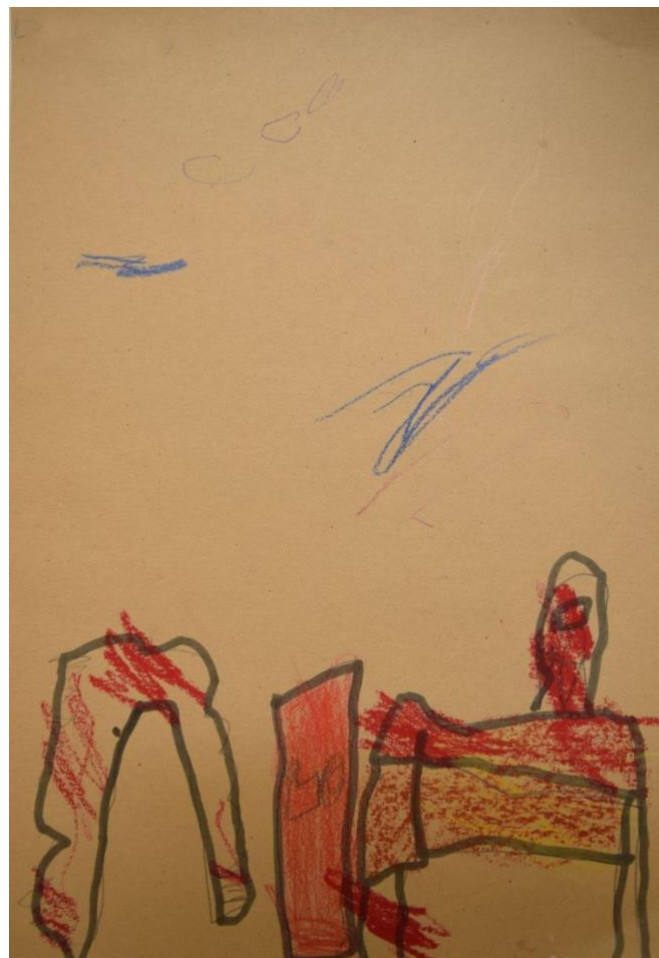
Fonte: desenho realizado por Lia em 03/04/2022

Figura 40- “Sou eu na rua”



Fonte: desenho realizado por Rayane em 03/04/2022

Figura 41- Entrada da Ocupação



Fonte: desenho realizado por Larissa em 22/05/2022

Em entrevista com Jane, mãe de Bruno de 11 anos, cuidadora de bebês em hospitais, me conta que antes de ir morar na ocupação ficou em situação de rua até encontrar a liderança do movimento que a convidou a morar lá. Dez anos depois, hoje é coordenadora da moradia junto com Flávia e conta dos desafios de conscientizar as famílias a participarem ativamente da rotina comunitária e do movimento social, mas sente que ficará triste e com saudade da sua casa (anotação de campo da entrevista com Jane 09/01/2023). Os moradores terão de sair do prédio até o final do ano (2023), pois a ocupação passará por um processo de reforma e revitalização do prédio para se tornar unidade habitacional, com projeto revisado pelo escritório de arquitetura PEABIRU.

No estudo de Antonialli (2017) que participou da revisão feita pelo escritório de arquitetura, a autora descreve as necessidades das famílias descritas em dinâmica de grupo:

Ao fim, as famílias preencheram uma lista em um papel Kraft com suas necessidades, tudo que atualmente lhes fazia falta no cotidiano. Nas apresentações, os problemas apresentados por cada grupo também foram muito semelhantes entre si: falta de espaço, privacidade, local para varal, estudar, conflitos propiciados por ter filho homem compartilhando espaço com filha mulher, além de conflitos relacionados a barulhos, que também acontecem entre vizinhos (ANTONIALLI, 2017, p. 46).

O projeto chamado moradia Maria Quitéria, nome inspirado em uma heroína da Independência do Brasil, prevê entregar 51 apartamentos, entre eles quitinetes, e imóveis de 2 e 3 dormitórios. A planta livre do edifício, que foi construído para ser um espaço comercial, facilitará a construção dos novos apartamentos, uma vez que atualmente, as divisões são feitas de tapume de madeira e *drywall*. A pesquisa de Antonialli (2017) sugere algumas mudanças nos espaços comuns, como: “implantar no subsolo as áreas para oficinas e salões multiuso, também demanda dos moradores. Esse espaço pode abrigar reuniões, pequenos encontros festivos, sessões de cinema com projeção nas paredes, oficinas/aulas e outros eventos” (ANTONIALLI, 2017, p. 70).

Sobre os espaços destinados às crianças, a autora coloca: “também no subsolo, reservei um espaço para brinquedoteca e biblioteca infantil. Uma das moradoras citou que seria útil ter um espaço que servisse como creche” (ANTONIALLI, 2017, p. 70). Percebe-se aqui um olhar mais para as necessidades dos adultos em relação aos espaços da moradia para sugerir melhorias, ao invés de repensar as necessidades da própria infância. Pois ao conversar com as meninas e

meninos os corredores aparecem como os grandes palcos das brincadeiras e socialização deles, mas no projeto a única referência sobre os lugares da infância seriam a brinquedoteca e a biblioteca infantil no subsolo, e ainda sim como demanda das mães.

Uma preocupação das coordenadoras e moradores em relação à revitalização do prédio é a realocação das famílias que moram lá atualmente. Preocupação que foi discutida em assembleia com todos os presentes, pois o projeto não incluirá todas as famílias. Flávia, coordenadora, por exemplo, disse que aqueles que não foram contemplados pelo projeto precisarão ficar atentos para se organizar para encontrar outra ocupação. O financiamento da Caixa Econômica Federal em conjunto com o Minha Casa Minha Vida – Entidades prevê contemplar famílias selecionadas pela coordenação, mas pela pesquisa de Antonialli (2017) algumas ficaram de fora por não terem o dinheiro suficiente para arcar com o financiamento.

Segundo Jane, há uma ideia de iniciar uma nova ocupação de um edifício abandonado para abrigar as famílias, enquanto o projeto se desenvolve, bem como, aquelas que não serão contempladas. O que ela chamou de fazer uma nova “festa”, em referência ao termo Dia de Festa, que significa o momento em que as famílias conseguem entrar em um novo prédio e iniciar uma nova ocupação de moradia (anotação de campo da entrevista com Jane 09/01/2023).

4.3.3 Vistas/arredores

Ao observar os desenhos referentes a vista da ocupação, o que eles viam quando olhavam da janela de casa, nota-se uma variedade de figuras, cores e configurações utilizadas pelas crianças. Uma das únicas figuras que se repete é a Igreja, que aparece em dois desenhos (Figura 42 e Figura 43). Ao perguntar do que se tratava o desenho, as duas meninas responderam que era a igreja que elas costumavam ir com as mães no final de semana. Na representação parece ser um templo católico, porém ao perguntar para as mães, elas me contam que é a igreja Universal Evangélica, a qual não tem a imagem da cruz nas suas entradas, como aparece nos desenhos. Também aparece duas vezes figuras relacionadas à polícia militar, um com o desenho do helicóptero da polícia (Figura 44), e outro com o carro da Rota (Figura 45), os dois desenhos feitos por garotos Bruno, 11 anos, e Marcos, 7 anos.

Erick, 7 anos, desenhou não a vista da janela atual, mas de outra cidade que ele morou, fez um predinho e duas pessoas da antiga cidade (Figura 46). Lia, de 7 anos, quando perguntei o que ela via de sua janela me respondeu “*vejo castelos*” (Figura 47). Aparecem palavras nos desenhos, como hospital, rota, sobremesa, e marcas como McDonalds e Habibs (Figura 48). Já ao perguntar para as crianças verbalmente o que elas viam de suas janelas, aparecem palavras como: UPA, prédios, praça, igreja, gente, pessoas, lojas, mercado e carros.

Sobre os entornos da moradia, Socorro comentou o fato de as crianças precisarem evitar sair às ruas, durante os meses de pandemia, além do isolamento social:

“[...] mas agora com a pandemia não dá, porque a rua está...Então ficou um grande número de pessoas em situação de rua. O tráfico de drogas aumentou muito, a violência... Então a orientação é não brincar na rua. Mas assim, a gente vem tomando todas as providências e orientações com os pais, orientação com as crianças. E tem que evitar o máximo de ir para a praça, porque a praça está bem perigosa” (Socorro, assistente social em entrevista concedida, fevereiro de 2021).

Questionadas, em dezembro de 2021, sobre a situação dos arredores da ocupação, tanto Milena quanto Socorro, afirmaram que a praça e o entorno não estão mais com pontos de acolhida para as pessoas em situação de rua, e que as crianças e as famílias voltaram a frequentar os locais. Sobre o que as crianças costumam fazer na rua em frente ao prédio, Jane, mãe e moradora, conta que praticamente todos os fins de semana as crianças, assim como os adolescentes, descem para jogar bola, queimada, andar de skate e bicicleta, tanto meninos como as meninas praticam esporte e brincam nesses espaços.

Figura 42- Igreja



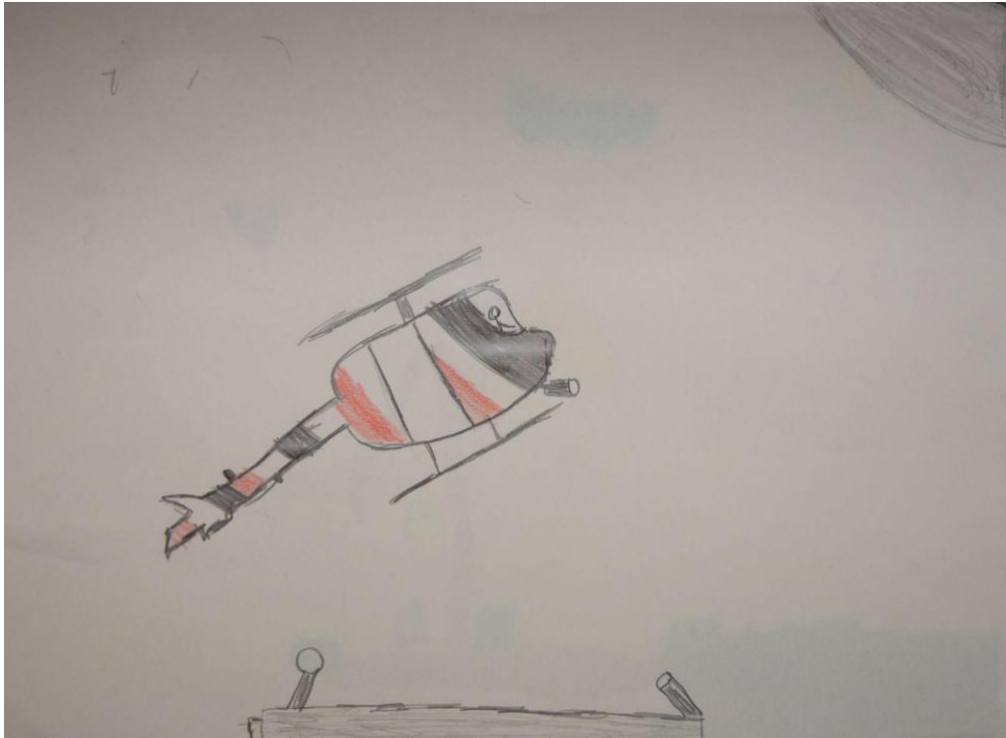
Fonte: desenho realizado por Miriam em 03/04/2022

Figura 43- "Igreja que vou com a minha mãe"



Fonte: desenho realizado por Isabela em 03/04/2022

Figura 44- Helicóptero da polícia



Fonte: desenho realizado por Bruno em 03/04/2022

Figura 45- ROTA



Fonte: desenho realizado por Marcos em 03/04/2022

Figura 46- “É a Cidade que eu morava antes e duas pessoas em carros voadores”



Fonte: desenho realizado por Erick em 03/04/2022

Figura 47- “Vejo castelos”



Fonte: desenho feito por Lia em 03/04/2022

Figura 48– Comércio



Fonte: desenho realizado por Kaique em 03/04/2022

Figura 49- Rua da frente “para Raqueu”



Fonte: desenho realizado por Rayane em 03/04/2022

Figura 50- Cidade “para Raqueu”



Fonte: desenho realizado por Malu em 03/04/2022

4.3.4 Brincadeiras

Outro tema que apareceu, porém sem que eu houvesse de antemão solicitado, foi o brincar. Nestes dois desenhos (Figura 18) a seguir, de duas garotas, pode-se ver a brincadeira de pular corda, tanto sozinha como em grupo.

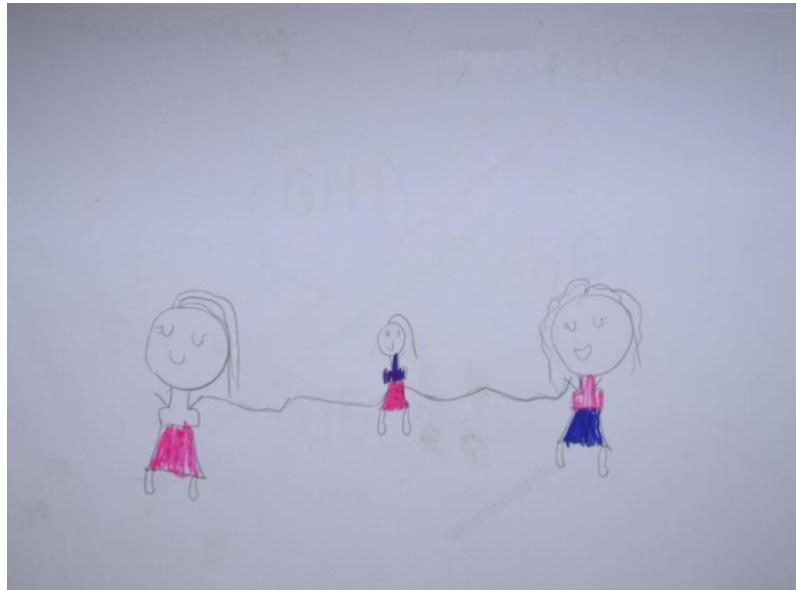
Desenhos com o tema do Brincar:

Figura 51– “Pula-corda”



Fonte: desenho realizado por Luana em 27/03/2022

Figura 52- Meninas pulando corda



Fonte: desenho realizado por Malu em 27/03/2022

Flávia, coordenadora e moradora de ocupação, descreve uma agitada rotina de brincadeiras das crianças dentro da moradia:

Elas brincam de tudo, brincam de correr, brincam de patins, brinca menino com menina, brincam de casinha, brincam de tudo. E muito viciados em celular. Mas quando eles estão nos nossos corredores... O dia que você vier aqui vou te mostrar como eles brincam no corredor, eles brincam de tudo e brinca pequeno com grande, eles não têm essa, eles interagem com todas as idades para brincar (Flávia, coordenadora e moradora em entrevista concedida, abril de 2021).

No último dia de oficina, disponibilizei uma câmera analógica de filme 35 mm. Propus que um por um fosse fotografando espaços da ocupação. Neste intervalo de troca entre um e outro, fiquei com o grupo fazendo dobraduras, este foi o único dia que consegui gravar os diálogos. Houve conversas das meninas sobre as brincadeiras dentro dos espaços da ocupação, e pelas palavras delas, o corredor também é o centro dos espaços comuns escolhidos para brincar:

Jessica: Agora a gente está moderna, agora a gente...

Pesquisadora: agora vocês?

Jessica: Agora a gente anda de patins, antigamente a gente...

Pesquisadora: antigamente vocês gostavam de brincar do que?

Jessica: de boneca.

Pesquisadora: e onde vocês mais ficam aqui no prédio?

Leila: aqui [térreo].

Jessica: no dez [décimo andar].

Pesquisadora: por que? Quem mora no dez?

Jessica: minha madrinha.

Leila: na minha mãe que é madrinha dela.

Jessica: Eu fico lá na casa dela. A gente é tipo irmã. Eu sou tipo irmã das duas [apontando para Leila e Lia].

Pesquisadora: e dentro de casa, onde vocês ficam mais?

Jessica: na cozinha

Erick: eu gosto de subir e ficar na minha vó.

Marta: assistindo Lady budy.

Pesquisadora: e do que vocês costumam brincar?

Leila: de patins, de brincadeiras...

Pesquisadora: onde vocês andam de patins aqui?

Leila: no dez [décimo andar] lá é grande, no corredor.

Pesquisadora: e ninguém briga com vocês de andar de patins lá?

Leila: não.

Jessica: só uma vez que ela tava andando de bicicleta que a moça ficou brava.

Leila: é que ela tava com bebê no colo.

Pesquisadora: e vocês andam de patins, bicicleta, que mais?

Leila: de skate.

Marta: Tia do que você brincava na sua época?

Pesquisadora: esconde-esconde, pega-pega também.

Leila: e tinha na sua época?

Kaique: ela brincava de boneca de pano.

Pesquisadora: eu não, eu não sou tão velha assim, na minha época já tinha boneca assim[plástico]. (Transcrição de conversa de 05/06/2022)

Nesta conversa, se observa que as meninas quando mais novas gostam de brincar de boneca, mas assim que chegam por volta dos 8 anos, começam a gostar de atividades mais “radicais” como andar de bicicleta, de patins e de skate. Durante a semana, o local para brincarem se restringe ao corredor do décimo andar, que segundo as crianças era o maior do prédio, mesmo assim há disputa de espaço das crianças e adultos. Minha pergunta sobre se os adultos brigavam com eles por causa do corredor, não veio sem propósito, mas porque me lembrei que a coordenadora comentou que alguns adultos não entendiam essa tomada de território pelas crianças.

As crianças têm o espaço delas, é um espaço comum, é onde passa pessoas, mas é o espaço para elas brincarem. Eu não posso deixar eles dentro daquele espaço que eles têm [apartamento], eu tive que fazer o adulto entender que eles tinham que brincar naquele espaço de convivência que hoje a gente tem aqui, que é onde são os nossos elevadores desativados. Então nós temos um corredor grande e ali eu fiz com que as pessoas entendessem que ali é o espaço delas brincarem, para não brincar na porta ou em outro corredor para não bater coisas na porta de outro morador. Então até isso eu fui buscar, porque eles precisavam, e eles entendem, entendem que tem hora que eles não podem fechar todo o corredor porque as pessoas têm que passar, então tudo eles entendem (Flávia, coordenadora e moradora em entrevista concedida, abril de 2021).

Observa-se também neste diálogo, que as crianças têm ciência e até um sentimento de apreensão sobre o pacto de organização coletiva e as regras da moradia:

Outro dia eu estava subindo e dois meninos estavam correndo na escada, eu falei:

- “Não pode correr na escada, meninos!” Aí eles falaram assim:

-“Você vai me colocar para fora do prédio porque eu não posso correr na escada?” Eu falei:

- “Mas por quê?”

- “É porque eu estou errando, isso é errado o que eu estou fazendo”. Eu falei:

“Não, eu estou te advertindo e estou te explicando que você não pode correr na escada”. (Flávia, coordenadora e moradora de ocupação em entrevista concedida, abril de 2021)

Já em relação à consciência política de morar em uma ocupação habitacional, ressalta-se o depoimento das entrevistadas: *“As crianças são bem ativas, elas têm consciência política do que é morar dentro de uma ocupação”* (Socorro, assistente social de ocupação em entrevista concedida, fevereiro de 2021). *“As nossas [crianças] participaram da Conferência do Direito da Criança e do Adolescente Municipal. Nós levamos nossas crianças para participar. A gente leva eles para os campos aí fora, eles que vão buscar a falar por eles”* (Flávia, coordenadora e moradora de ocupação em entrevista concedida, abril de 2021).

Em anotações de campo observei que os meninos, da mesma idade, entre 8 e 12 anos, também gostam bastante de andar de bicicleta, porém a eles é permitido andar em torno do quarteirão. Sobre a bicicleta Bruno, 11 anos, diz que sempre anda de bicicleta e que muitas pessoas não têm carro, que a gasolina está muito cara e a bicicleta seria boa por isso, é mais barata e não polui (anotação de campo em 10/04/2022). Os meninos também costumam ir à praça ao lado da ocupação jogar bola. Nesta ocupação, há o incentivo para os adolescentes do sexo masculino jogarem futebol, eles têm um time “Os Gigantes do Centro”, com arrecadação de doações para bola, coletes e camisetas para os meninos jogarem. As meninas também jogam, mas geralmente acompanhadas de outros membros da família, Rayane, 12 anos, contou que adora jogar bola com o pai e o irmão na pracinha, que sempre jogam juntos (anotação de campo em 10/04/2022).

Na entrevista com Milena, além das suas filhas que estavam presentes, a Bia e a Luana, ela contou que tinha mais uma filha, a mais velha de 12 anos. Nas palavras dela: *“me ajuda muito, ela me ajuda demais”*, mas que não estava, pois tinha saído para comparecer à reunião de escola dos irmãos mais novos. Além da reunião, que ocorre esporadicamente, a menina costumava ajudar na arrumação da casa, na feitura das refeições e olhando as crianças enquanto ficam sozinhas (anotações de campo da entrevista de Milena, setembro de 2021).

Observa-se assim como na pesquisa de Gonçalves (2018) que as meninas são comumente responsabilizadas pelos cuidados dos irmãos e da organização da casa, ainda repetindo os padrões da divisão sexual do trabalho. Mas apesar deste fato, nota-se que a rotina comunitária da ocupação dá maior proteção às mulheres e

as auxiliam a não ficarem sobrecarregadas pela dupla jornada de trabalho, reiterando a pesquisa de Helene (2014). Em entrevista, Socorro comenta sobre a rotina de cuidado das crianças que ficam em casa enquanto as mães precisam sair para trabalhar: *“Na verdade, dentro das ocupações todo mundo cuida de todo mundo. As outras famílias cuidam das crianças que ficam em casa, aqui graças a Deus o pessoal é bem solidário nesse sentido, de um ajudar o outro”* (Socorro, assistente social da ocupação em entrevista concedida, fevereiro de 2021).

A solidariedade e cuidado com as pequenas e pequenos também vem da comunidade do entorno da ocupação, Jane me conta que as crianças costumam brincar livremente na rua na frente da moradia, pois os lojistas e os prédios do lado já o conhecem. *“Quando acontece algum problema com alguma criança, ou se eles entram em alguma confusão aqui na rua, logo o pessoal vem avisar na portaria e a gente já vai atrás resolver”* (anotação de campo da entrevista com Jane 09/01/2023). Talvez hoje na cidade de São Paulo, estranhemos a relação estreita de vizinhança relatada por Jane, mas já era bastante falado nas comunidades educativas o provérbio *“é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”*. Frase que nos faz lembrar que não deveria ser só papel da família e da escola se responsabilizar pela infância, mas que assim como na organização da ocupação e da relação com seu entorno, deveria ser um pacto social comunitário.

Esse cuidado coletivo das crianças estreita os laços de amizade e vão se tornando cada vez mais fortes, pela questão da convivência. Na atividade de fotografar, Miriam escolheu tirar foto do Erick seu amigo, mas me explicou que o chama de irmão, pois todo dia quando volta da aula vai para a casa dele brincar. Algo parecido aconteceu com Marcos e Bruno, que se chamam de primos, pois suas mães são muito próximas e dizem viver um na casa do outro (anotação de campo 29/05/2022).

Sobre os amigos da escola, em outro diálogo, noto que houve certo mal estar quando pergunto se eles vinham brincar com eles nos espaços da ocupação. Não falaram abertamente sobre, mas as meninas ficaram desconfortáveis sobre o assunto. Em um momento as garotas com quem conversava, entre 8 e 10 anos, falaram *“eles não sabem”*, como se houvesse algum segredo entre elas. Não me aprofundi no assunto, visto que elas ficaram incomodadas com essas perguntas, mas deduzi que se tratava de morar numa ocupação de moradia.

Pesquisadora: vocês brincam mais com os amigos daqui ou da escola?

Leila: daqui.

Marta: da escola.

Pesquisadora: e os amigos da escola vem brincar com vocês também?

Leila: não.

Jessica: eles não sabem.

Leila: só duas meninas sabem.

Jessica: uma já passou aqui na frente e já me viram.

Pesquisadora: mas pode vir brincar com vocês?

Jessica: poder pode, mas... [não termina a frase] [transcrição de conversa de 05/06/2022]

Em entrevista com uma das mães, Josy, fala que não há problema em convidar amigos de fora para ir à ocupação: *“Poder pode, tem até uns amiguinhos dele [filho] que querem vir aqui. Pode vir pra cá, é que assim, mora todo mundo longe, os outros amiguinhos dele, todos mesmo moram longe. Aí fica difícil de se encontrar pra eles virem pra cá. Mas pode sim.”* A escola de Emerson, filho de Josy é nos arredores da ocupação, mas segundo ela os amigos moram muito longe do centro, ficando difícil de irem para lá nos fins de semana. Enquanto Jane, conta que a casa dela vive cheia de amigos dos filhos, não só da escola, mas de “todos os lugares”, acrescenta *“outro dia tinha uma menina até de Curitiba, que minha filha mais velha conheceu pela internet”* (anotação de campo de entrevista feita em 09/01/2023).

Neste último dia de oficina, os mais novos brincaram com os brinquedos da brinquedoteca, enquanto os mais velhos ficaram distantes apenas conversando, desenhando e fazendo dobradura. Entre os mais novos eles brincavam de boneca, cozinha, “dirigiam ônibus”, lego e carrinho. No geral todos brincavam juntos, mas de boneca brincavam apenas as meninas e os meninos ainda bebês.

4.5 MÃES

Na semana que antecedeu o Dia das Mães, estávamos fazendo recortes com material EVA, uma espécie de cartolina plástica brilhante. Perguntei o que eles tinham feito para as mães nas aulas de artes do colégio, isso fez com que as crianças comessem a fazer recortes e escrever mensagens para suas mães (Figura 53), sem que eu tivesse proposto diretamente. Muitos corações, cartas e mensagens surgiram, me pediam para soletrar as palavras de afeto e gratidão. Visto o interesse e empenho sobre o tema, resolvi conversar com as organizadoras se podíamos fazer uma oficina especial de Dia das Mães com a participação delas também. A proposta foi aceita de

imediatamente, uma ideia segundo elas, ótima para engajar a participação das mães nos projetos com as crianças.

Figura 53– Cartões feitos pelas crianças para o Dia das Mães



Fonte: fotografias tiradas por Raquel Benato Rodrigues da Silva em 01/05/2022

Decidimos não fazer no domingo exato do Dia das Mães, pois as famílias podiam já ter algum compromisso, ou não estarem na ocupação. A data escolhida foi no domingo seguinte (15/05/2022). A proposta inicial da atividade era uma volta ao quarteirão da ocupação, a fim de identificar possíveis caminhos e lugares de afetos entre mães e as crianças e depois passar para o papel em desenhos, porém, as mães não chegaram todas no horário combinado – 10h da manhã- assim ficou difícil sair em grupos pequenos. Decidi então realizar uma proposta de desenho no mesmo tema, mas somente dentro da sala.

Conforme as mães e as crianças foram chegando, eu ia conversando com elas e explicando a proposta de desenho. O meu objetivo era descobrir lugares dentro e ao redor da ocupação que trouxesse lembranças entre mães e as crianças, mas observando os desenhos as famílias também desenharam simbolicamente esses lugares de afeto. Apareceram novamente a representação da casa (quadrado + triângulo), quintais, e familiares, representação semelhante à das crianças. Ao perguntar para as mães sobre os desenhos, a maioria representou a casa do Maranhão, onde moravam antes de se mudarem para São Paulo. Dos oito desenhos, quatro são representação de uma Casa como lugar de afeto, outras duas foram representações de locais dentro da casa, como sofá e a cama, e duas foram de um local externo, uma paisagem de praia e uma igreja.

Ao descreverem os desenhos falavam lindas memórias sobre o passado, momentos com todos os familiares, muitos que ficaram por lá. O tema da migração apareceu bastante nos encontros, tanto com as crianças quanto com as mães. Uma fala da coordenadora Fernanda complementa: “*as famílias vivem num limbo entre cidades que não se sentem pertencentes* (anotação de campo em 15/05/2022)”.

Uma observação sobre o esquema de representação da figura da Casa, é que mesmo nas produções que as mães participaram ativamente do desenho, o esquema de reprodução se manteve, a casa, espaço em volta, árvores, corações, porém, há o acréscimo de uma camada de perspectiva. Na grande maioria dos desenhos das crianças, as casas estão em uma visão frontal, mas nas três das quatro casas com a participação das mães, estão em uma visão lateral. Há também o diferencial que as figuras humanas aparecem agora dentro das casas desenhadas, como no desenho de Flávia e Marcos (Figura 54) que aparecem duas pessoas sentadas à mesa.

Ressalto dois desenhos para uma maior compreensão. O desenho da Figura 55, com mãe e filho deitados em uma cama, ao perguntar sobre o desenho, Sandra,

a mãe, me conta que a cama de casal é onde passam a maior parte do tempo quando estão em casa. Lá ela dorme com o filho, Bento, de dois anos, e é palco da maioria dos eventos na rotina deles: onde eles brincam à noite, onde ela coloca o Bento de castigo, onde dormem, onde assistem televisão e onde fazem muitas das refeições. No desenho Figura 56, algo parecido acontece, a família desenha o sofá em L azul que fica no centro da sala-cozinha. Este sofá, o qual fiz a entrevista com a mãe Milena, e que me confirmou que o sofá é palco de vários momentos em família. Durante a pandemia de Covid-19, ela me contou que as crianças ficavam muito naquele sofá, assistindo vídeos, desenhando, brincando, cochilando, era onde inclusive também faziam várias das refeições. Podemos notar que a cama e o sofá para eles não é apenas o espaço de repouso, mas sim um ambiente de polivalência de significados tanto para mãe quanto para as meninas e meninos. LIMA (1989) coloca que para as crianças não há separação do espaço físico e o ambiente que ela vivencia suas experiências, e sim que há o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério.

Desenhos realizados no evento de Dia das Mães:

Figura 54- Família e Mingau



Fonte: desenho realizado por Flávia e Marcos em 15/05/2022

Figura 55- Quarto ♥



Fonte: desenho realizado por Sandra em 15/05/2022

Figura 56- Minha Família



Fonte: desenho realizado por Milena e Luana em 15/05/2022

Figura 57- Família



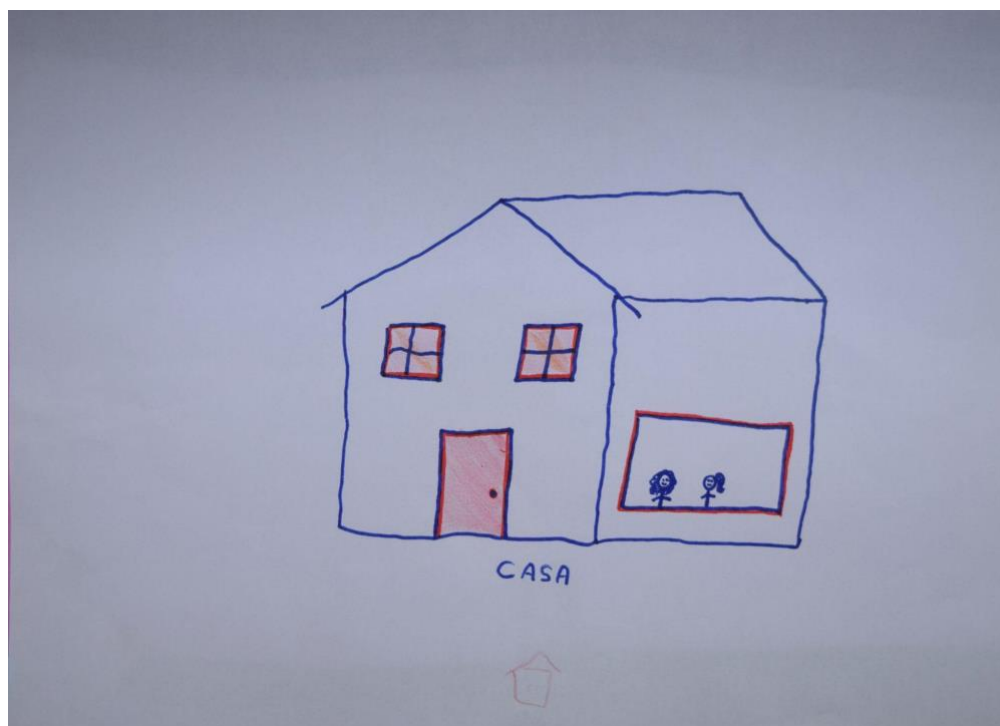
Fonte: desenho realizado por Larissa e Marília

Figura 58- "Um lindo lugar onde fui muito feliz com minha filha"



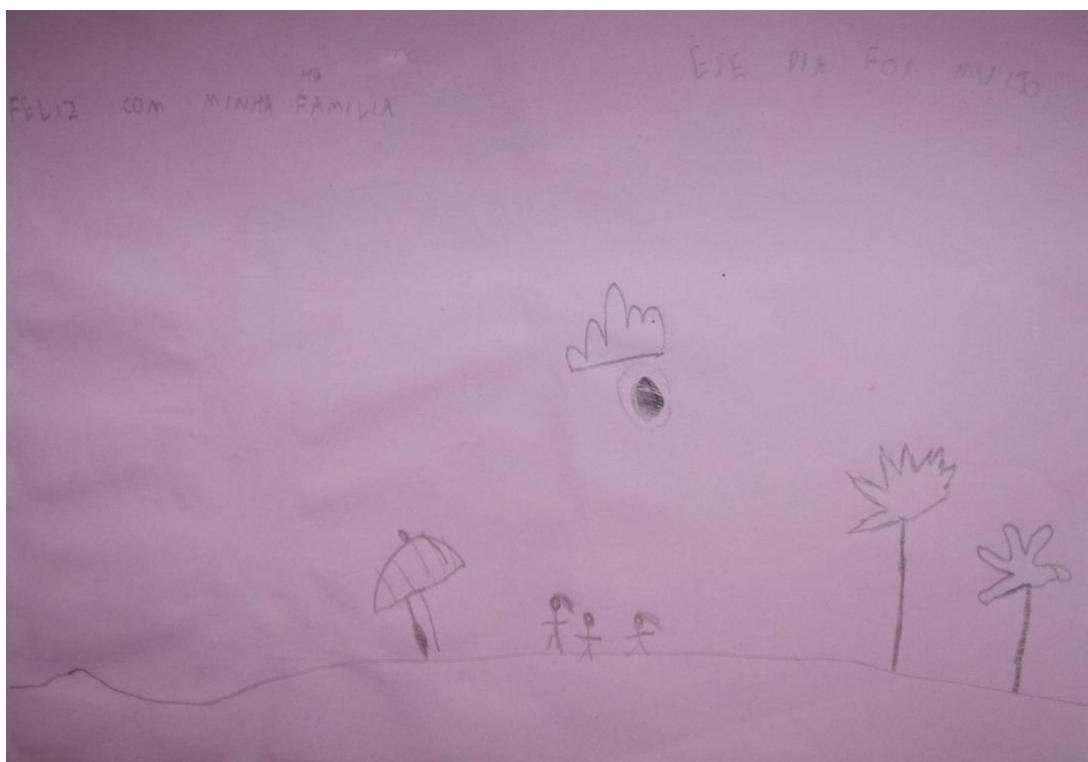
Fonte: desenho realizado por Amanda e Leila em 15/05/2022

Figura 59- Eu e minha filha



Fonte: desenho realizado por Lizete e Rayane em 15/05/2022

Figura 60- "Esse dia fui muito feliz com minha família"



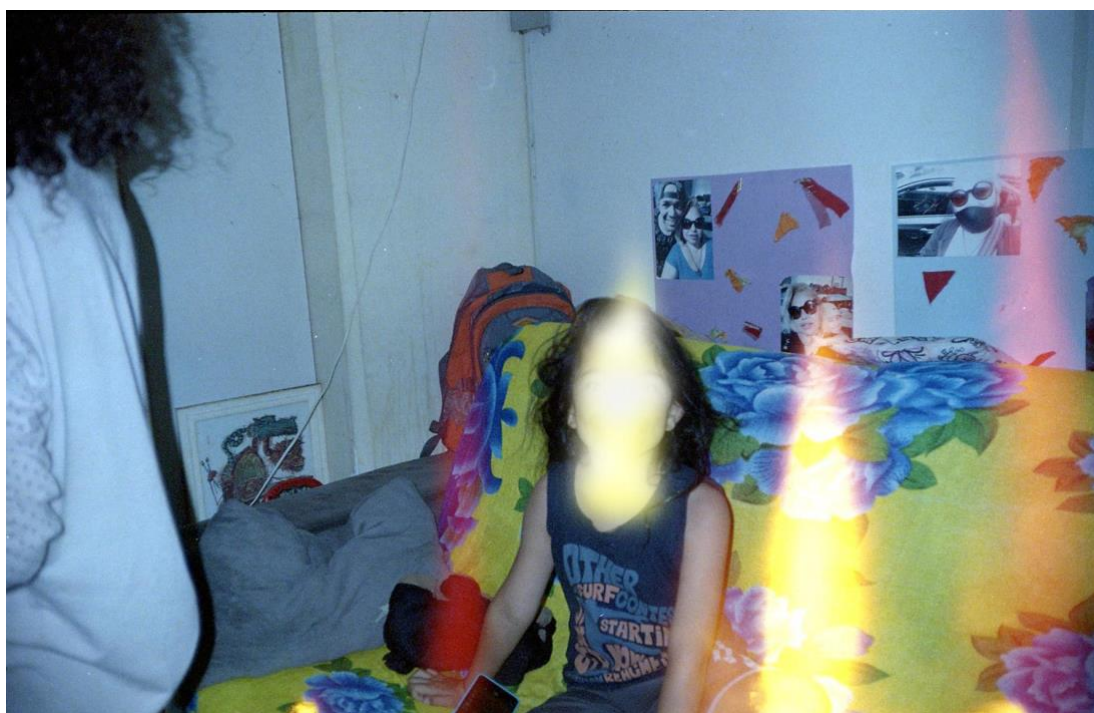
Fonte: desenho realizado por Lidiane e Kaique em 15/05/2022

4.6 RODA FOTOGRÁFICA

No último encontro das atividades com as crianças, como já colocado anteriormente, levei uma câmera analógica, modelo KODAK, com filme 35mm para eles fotografarem a ocupação. Como não conheciam esse modelo de câmera, fiz uma breve explicação sobre seu funcionamento e como fotografar. A impossibilidade de ver a foto tirada imediatamente após retratar, frustrou e os deixou curiosos, logo começou uma fila de quem queria utilizar. Miriam, 9 anos, foi a primeira, subiu no primeiro andar e tirou foto do seu amigo Erick (Figura 61), seu companheiro de tardes. Diego, que naquele dia estava se mudando da ocupação com a mãe para morar em Mogi Mirim, pediu para fotografar sua casa. Depois foi a vez do Bruno, Marcos, até que a Ketlin me pediu para ir com ela na frente da ocupação pois queria retratar o prédio e a pracinha onde eles brincam. Depois que todos tinham ido tirar suas fotos, tiraram do espaço das atividades e de todos do grupo. O trabalho resultou em 29 fotos, porém, nem todas as fotografias puderam ser mostradas neste trabalho, por conta da preservação do anonimato dos participantes. As imagens a seguir são apresentadas desde o entorno da ocupação, a entrada do prédio, até os detalhes de dentro das casas.

Fotografias tiradas pelas crianças da ocupação:

Figura 61–Erick “irmão” de Miriam



Fonte: fotografia realizada pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Sobre a escolha de usar a fotografia, em conjunto com o desenho, para captar a percepção das crianças dos espaços da moradia, me inspirei na dissertação de Rossoni e Perez e Jardim, anteriormente citadas da metodologia.

Sendo assim, a fotografia permitiu que as crianças por meio do seu recorte do visível, nos dessem imagens significativas sobre a vivência e percepção dos espaços da ocupação. Material que muito contribuiu para chegarmos a responder os objetivos da pesquisa.

Em um momento da atividade, Ketlin me pede para ir fotografar o prédio do lado de fora, Marcos e Miriam também se interessam, mas pedem para tirar foto da pracinha onde sempre brincam. O resultado é as seis fotos externas, três da antiga fachada *artdéco* do prédio (Figura 62 A,B,C), de baixo para cima, onde é possível ver seis andares e quatro colunas de janelas, algumas com grades, cortinas e tapumes, vasos de flores e roupas penduradas. A outra foto (Figura 63), mais escura, é da entrada da ocupação com a marquise aparente e o primeiro andar de janelas, todas gradeadas, pode-se ver uma das meninas correndo em direção a porta. Em outra imagem (Figura 64) vemos a rua na frente da ocupação sentido Praça da Sé, onde se vê todas os estabelecimentos fechados, uma mulher à esquerda e poucas pessoas no final da rua. A sexta foto (Figura 65) da pracinha ao lado da moradia onde as crianças brincam.

A essas últimas fotos, relaciono às famosas fotografias urbanas da cidade de Paris no século XIX, de Eugene Atget. Imagens que mostram as construções e ruas de uma Paris em expansão, desertas, vazias, sem a presença de pessoas. Fotografias como ruínas, segundo Abreu de Oliveira (2009), que se baseia nos conceitos de história de Walter Benjamin e argumenta que a fotografia ao se caracterizar como ruína, faz aspecto com a descontinuidade do tempo, vira vestígio, rastro do real. As fotografias tiradas pelas crianças em um domingo de manhã, nos mostra uma das regiões mais movimentadas da cidade de São Paulo, a região da Sé, quase que completamente vazia. Na foto da pracinha (praça Ouvidor Pacheco e Silva), podemos ver apenas dois homens sentados com postura descansada, para não dizer desanimados (Figura 65). As imagens perpassam o silêncio de um ambiente esvaziado, abandonado pelas pessoas que ali trabalham e ocupam o centro em dia útil, são imagens da descontinuidade de um tempo, ousa dizer, do tempo capitalista.

O único vestígio de *DES*-ruína é a presença da garota de rosa correndo no canto esquerdo da foto da fachada do prédio da Ocupação (Figura 63).

Fotografias produzidas pelas crianças da área externa da Ocupação

Figura 62- Fachada do prédio da ocupação



Fonte: fotografias tiradas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 63- Menina correndo em direção a entrada da moradia



Fonte: fotografias tiradas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 64- A rua da ocupação em um domingo de manhã



Fonte: fotografias tiradas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 65- Vista da Praça Pacheco e Silva



Fonte: fotografias tiradas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Pelo olhar das crianças registrado nas fotografias, também podemos ver os espaços comuns onde fazíamos as atividades: a sala da brinquedoteca, com foto da vista de longe e também com a visão de dentro dela, com crianças brincando (Figura 66 e Figura 68), há uma garota abraçada com uma boneca e dois pequeninhos, um com máscara do Batman, brincando com pecinhas de brinquedos. Em outra foto (Figura 67) aparecem as cadeiras que antecedem a brinquedoteca, local onde as crianças maiores sentavam-se para desenhar e onde também ocorrem as assembleias da ocupação. O corredor onde as crianças e as mães tanto falavam que era palco das brincadeiras das crianças também foi retratado (Figura 70), porém, vazio, pode-se ver apenas a extensão do corredor, as paredes feitas de divisórias de madeira com fórmica, comuns em escritório, o fundo com dois tapumes de madeira, fios e o conduíte aparente. Outro corredor também aparece (Figura 71), o da entrada da ocupação na frente do vão dos elevadores já desativados, em muitos encontros as crianças também se sentavam ali para desenhar e brincar.

Fotografias realizadas pelas crianças dos espaços comuns da Ocupação

Figura 66– Meninos na brinquedoteca



Figura 67- Vista da brinquedoteca



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 68- Retrato de crianças e a pesquisadora



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 69- Retrato das crianças



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 70- Vista do corredor dos apartamentos



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 71- Vista do corredor da entrada da moradia



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Depois de sermos apresentados aos espaços comuns da moradia, Diego, que estava se mudando com a mãe para Mogi das Cruzes aquele dia, pediu para fotografar sua casa, mas estava preocupada com a bagunça, o encorajei mesmo assim. O resultado é a série de fotos igualmente silenciosas, onde podemos ver marcas de um lar: um fogão (Figura 72), um cabo de vassoura, tampa de lixo (Figura 73), uma cômoda com uma sacola em cima e outra com uma roupa esquecida (Figura 74), tomada e interruptor de luz (Figura 76), armário com perfume e xampu infantil na

prateleira (Figura 77). Porém, como explicou o garoto, o lar está sendo retratado em um momento de transição, assim pode-se ver quem ele elege retratar para lhe acompanhar além das imagens do seu quase antigo lar: sua mãe e seu irmão (Figura 75 e Figura 78). Nas imagens também conseguimos ver os vestígios de infância que ficarão no local: a estrela desenhada no tapume, garatuja na madeira, o desenho de homenzinho no canto da parede e uma frase escrita com uma nuvenzinha plácida ao lado.

Fotografias produzidas pelas crianças sobre um apartamento da ocupação

Figura 72- Fogão



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 73- Garatuja no armário



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 74- Cômoda e estrela na parede



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 75- Mãe de Diego arrumando as malas para ir



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 76- Parede e tomadas



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 77- Vista de um armário



Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Figura 78- Irmão de Diego



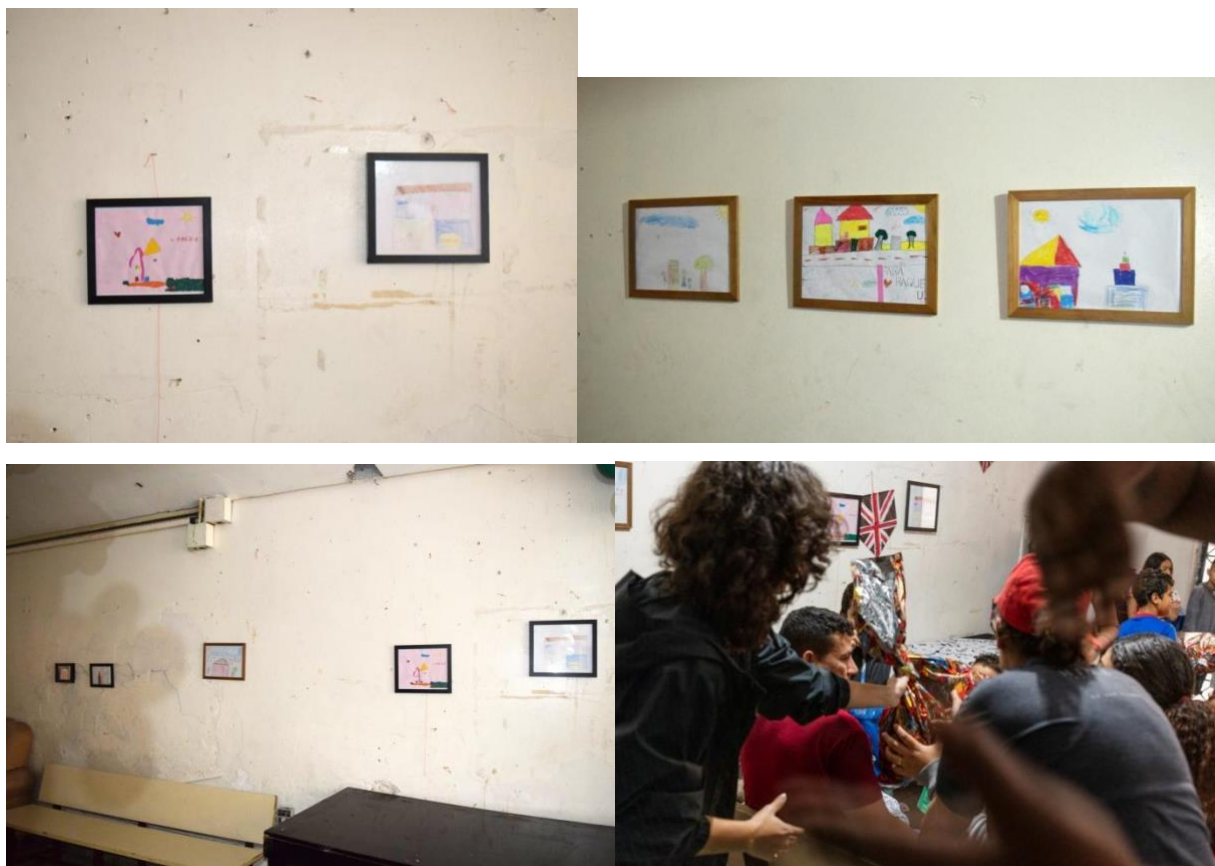
Fonte: fotografias produzidas pelas crianças da ocupação em 05/06/2022

Após todos terem ido tirar suas fotos, eles pediram para retratarmos todo o grupo, o resultado foram duas imagens de todo o grupo na frente da escada que dá acesso a brinquedoteca.

4.7 DIA DAS CRIANÇAS E A EXPOSIÇÃO DOS DESENHOS

No dia 10 de outubro de 2022, dois dias antes do feriado de Nossa Senhoras Aparecida e Dia das Crianças, a ocupação realizou uma festa comunitária para as meninas e meninos moradores de todas as ocupações do mesmo movimento de moradia. O SESC disponibilizou um show de mágica, teve comidas e bebidas, entrega de presentes a partir de doações para todas as crianças e eu realizei uma exposição com uma seleção de desenhos produzidos pelas crianças nas oficinas, como uma forma de devolutiva para a comunidade.

Figura 79 - Vista da exposição dos Desenhos das Crianças



Fonte: fotografias tiradas por Raquel Benato Rodrigues da Silva 10/11/2022

As festas nessa ocupação são rotineiras, aniversários, Dia das Mães, Dia das Crianças, Natal e ceia de Ano Novo são realizadas na sala do térreo, que faz parte dos espaços comuns. Abrem-se os portões da frente de forma que a circulação de dentro e fora fique livre e os moradores possam ocupar a rua. Segundo Flávia, a coordenadora, os policiais já sabem o RG dela “de cabeça” e, assim que aparecem já abaixa o som, mas conta que nunca tiveram problemas por realizar as festas, uma vez que aos finais de semana, a rua fica praticamente vazia (anotação em caderno de campo 09/01/2023). No dia do evento de Dia das Crianças, pela quantidade maior de pessoas, os portões também foram abertos, os adolescentes ajudaram na decoração da mesa de doces e saquinhos com guloseimas, porém, era uma segunda-feira, a movimentação da rua era grande, muitos que andavam pela rua paravam para observar o que acontecia lá dentro.

A festa repercutiu não só com os moradores, mas também com a comunidade do entorno. A ideia era que pessoas de fora pudessem ver a exposição também, porém com a grande quantidade de gente no salão, não se podia adentrar facilmente. Os desenhos ficaram durante uma semana expostos no térreo, a pedido da Socorro, assistente social,

que preferia que não ficasse muito tempo, pois nas festas, os moradores podiam acabar mexendo e estragando (anotação de campo em 06/10/2022). Infelizmente, o espaço não comportava todas as 107 produções artísticas, com isso foi feita uma seleção dos desenhos expostos que se baseou na conclusão da representação das crianças sobre a moradia e seu entorno, os desenhos selecionados simbolizaram o que foi considerado nos tópicos anteriores.

Os desenhos selecionados para a mostra não pretendiam satisfazer a ideia de semelhança do lar com o prédio da ocupação como é na realidade. Assim, como não foi a pretensão das crianças ao produzir, o intuito era mostrar a verdade iconográfica das meninas e meninos dessa moradia, como traz Gobbi (2012):

Desavisados, procuramos apaziguar nossos olhares, educados para procurar o que representaria fidedignamente cenas do cotidiano e, com isso, algumas vezes cometemos o equívoco de procurar nessas criações infantis aspectos fiéis à sua realidade. Trata-se apenas do que poderíamos chamar de uma verdade iconográfica, na qual estão presentes a subjetividade do desenhista, a intenção (ou a ausência dela) de rabiscar sem que o rabisco contenha qualquer elemento que o aproxime da realidade (GOBBI, 2012, p. 136).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a pré-produção escrita do projeto, houve a preocupação em escutar as crianças moradoras de ocupações, mesmo sabendo que o papel de pesquisadora não estaria ausente de análises e pré-julgamentos, bem como, o impacto da minha presença para as crianças e adultos. A descrição dos eventos e conclusões não foram imparciais, passaram pela subjetividade da pesquisadora que junto com as crianças, sorriu, brincou, se assustou, brigou, se surpreendeu, entre outras várias emoções²¹.

O desenho foi fundamental neste projeto de pesquisa, essa linguagem artística permitiu que as crianças moradoras da ocupação pudessem construir e narrar como representam sua moradia e vivenciam os espaços por elas mesmas. Por meio do desenho elas falaram dos seus afetos e sonhos. Ao olharmos para o conjunto total de desenhos que as crianças produziram, concluímos que a figura da casa é a representação maior do lar, independentemente do tipo de construção que as crianças moram. A figura da casa guarda as subjetividades, as lembranças de lares anteriores e sonhos de lares futuros, aparece quase sempre como um ambiente fantástico. Com o desenho de um enorme bolo, entendemos que casa é onde nos sentimos acolhidos. Já a figura do prédio apareceu mais como o exterior do lar, o invólucro que guarda a casa. Aparece mais sério, sóbrio, com poucas cores e ornamentos.

O ato de desenhar junto com os diálogos das crianças, nos mostra um pêndulo que ora bate na realidade vivida e ora no faz-de-conta. Pelas produções artísticas e a descrição dos desenhistas, apesar de nem sempre terem compreendido os conceitos das propostas das atividades, conseguimos entender como a vivência e experiência morando na ocupação se misturam com suas brincadeiras e fantasias. Ao olhar da janela da ocupação, Lia, vê os terraços dos prédios ao redor, mas enxerga castelos. Erick, dentro da sua casinha feita de colchão, sonha com avião de ouro e carros luxuosos na garagem. A fantasia e ludicidade trazem poesia para a realidade vivida, uma das especificidades da infância de transformar a dura realidade em magia.

Pela linguagem fotográfica, podemos ver o que as crianças elegeram para ser retratado, o prédio, a praça, os espaços comuns como a brinquedoteca e corredores, o lar e as pessoas o constroem, e os amigos da moradia. Pela escolha das imagens, podemos ver que o ato do brincar prevalece como experiência de percepção na hora

²¹A partir do exame de qualificação e da atenção dada ao discurso usado no projeto, também tive a prudência de analisar a escrita, para que ela não se tornasse unilateral, uma vez que desde a entrada em campo com as crianças a construção do projeto e os caminhos tomados foram em conjunto delas e da coordenação da ocupação.

de fotografar. A oralidade das crianças e das mães confirma o resultado das fotos, as respostas para a pergunta “onde você vê as crianças brincando nos espaços da ocupação?” era sempre: corredores, pracinha, rua na frente do prédio e brinquedoteca.

Do que elas brincavam também foi unânime: bola, bicicleta, skate, jogos como queimada, pular corda e que todos brincavam juntos, independente de idade ou gênero. A partir das minhas anotações, acrescento que as meninas até cerca de 8 anos brincavam muito de boneca, chamando-as inclusive de filhas, reproduzindo o padrão familiar de gênero. Já os meninos, só se via brincando de boneca aqueles até 3 anos de idade. No geral, bola e bicicleta era a ocupação que mais se fazia tanto dentro dos espaços da moradia como nos arredores. Ocupar os espaços internos e externos com o brincar, como os espaços do térreo, a rua e a praça era algo muito rotineiro e sem muitas complicações para as crianças. A comunidade dos arredores se faz presente na responsabilidade e cuidado da infância ao olhar e avisar a moradia sempre que algo saia da rotina. Nota-se que esse cuidado coletivo faz com que as crianças estreitem os vínculos com amigos e vizinhos, chamando-os de irmão, primo, tias, por exemplo.

A presença das famílias no edifício transformou a região, trazendo no que um dia foi uma ruína da cidade, uma sobrevivida e, em breve, uma nova vida com a possibilidade de se tornar uma unidade habitacional. A presença das crianças nos espaços comuns, na rua, na praça, é vista e cuidada por muitos que trabalham e vivem por ali. A organização comunitária traz liberdade e responsabilidade para as meninas e meninos da moradia, que se sentem acolhidos e assistidos, e que assim conseguem não deixar de sonhar, preservando a ludicidade e as esperanças sempre com a consciência que de a luta pelos seus direitos é diária.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU DE OLIVEIRA, E.; VELASCO E CRUZ, N. A Fotografia como ruína. 2009. Dissertação (Mestrado). **Programa de Pós-Graduação em Comunicação**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- AJUNTAMENT DE BARCELONA. **Plan Del juego em El espacio público**. Disponível em: <<https://ajuntament.barcelona.cat/ecologiaurbana/es/que-hacemos-y-porque/espacio-publico-de-calidad/barcelona-da-mucho-juego>> Primeiro acesso em: 20/07/2020.
- ALMEIDA, C. Perfil de imóveis ociosos no centro de São Paulo revela manutenção da herança mercantil brasileira. **Jornal da USP**. 6 de março de 2023. Acesse: <<https://jornal.usp.br/ciencias/perfil-de-imoveis-ociosos-no-centro-de-sao-paulo-revela-manutencao-da-heranca-mercantil-brasileira/>>
- ANTONIALI, R. T. Ocupação José Bonifácio 237: um ensaio sobre reabilitação. Trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. 2017 Link: https://issuu.com/renataantonialli/docs/ocupa____o_jose_bonifacio_237_-_tfg
- ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo, Pioneira: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.
- BACHELARD, G. A Poética do Espaço. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARROSO, S. M. S.; SUPERTI, T. **Vigotski e o estudo da psicologia da arte**: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 26, n. 1, p. 22-31, Apr. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000100004&lng=en&nrm=iso>. Access on 28 May 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100004>.
- BOLAFFI, G. Habitação e Urbanismo: O Problema e o Falso Problema. IN: MARICATO, Ermínia (Org). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. 2ª edição. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.
- BONDUKI, N. **Política habitacional e inclusão social no Brasil**: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula. *arq.Urb*. 2019. <https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi1.81>
- BOULOS, G. C. **Estudo sobre a variação de sintomas depressivos relacionada à participação coletiva em ocupações de sem-teto em São Paulo**. Dissertação de mestrado da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Programa de Psiquiatria. São Paulo, 2016.
- BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil de 1964**. Lei nº 4.380 de 21 de Agosto de 1964. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4380.htm Primeiro acesso em: 10:05/2020.
- _____. **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=FA9C7632CAE488419E7BAE8611005C13.proposicoesWebExterno1?codteor=541213&filenome=LegislacaoCitada+-PL+2897/2008>Primeiro acesso em: 12/05/2020.

_____. **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>

_____. **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Artigo 6º: Emenda Constitucional de 14 de Fevereiro de 2000. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_17.03.2015/art_6_.asp> Primeiro Acesso em: 12/05/2020.

_____. **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Lei nº 10.257, de 10 de Julho de 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm> Primeiro Acesso em: 12/05/2020.

_____. **Constituição federativa do brasil de 1988**. Decreto nº 6.481 de 12 de Junho de 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm> Primeiro acesso em: 13/07/2020

CARVALHO, G. R. **Os espaços livres da cidade e a liberdade das crianças**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola da Cidade, São Paulo. Disponível: <https://issuu.com/grocha.carvalho/docs/tc_guega_digital_issu?fbclid=IwAR3V_WKi_ojtyQ-yLVLS5b0pM3cn2mhmt7AWly2ivMY0ypcxWus7KTrlJcCM.> Primeiro acesso em: 19/07/2020.

CARVALHO-SILVA, H. H. **A Dimensão educativa da luta de mulheres por moradia no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de São Paulo**. Tese de Doutorado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Sociologia da Educação. São Paulo, 2018.

CASA à Luta, Da. Direção: Luanne Neri. São Paulo, 2017. (25min)

CORSARO, W. A. **Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, Aug. 2005
. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200008&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 June 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000200008>.

COSTA, F. C. **Notas sobre o combate a imóveis vazios no centro de São Paulo: constatações, possibilidades e utopias da reforma urbana**. In: ENAPUR – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, XVII, 2017.

DAMATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no brasil**. 5ª edição. Rio de Janeiro, 1997.

DIA de Festa. Direção: Pablo Georgieff, Toni Venturi. São Paulo, 2005. (77 min)

ERA uma vez o Hotel Cambridge. Direção: Eliane Caffé. Vitrine Filmes: São Paulo, 2017. (99 min).

FEDERICI, S. **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. Renata Moreno (Org.). São Paulo: SOF Sempre viva Organização Feminista, 2014.

FERNANDES, P. D.; OLIVEIRA, K. K. S. de. **Movimento higienista e o atendimento à criança**. 2012. Disponível em

<http://simposioregionalvozesalternativas.files.wordpress.com/2012/11/priscila-movimento-higienista-e-o-atendimento-c3a0-crianc3a7a.pdf>

FERREIRA, F. M.; WIGGERS, I. D. **Infância e urbanidade nos parques infantis de São Paulo**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e194024, 2019

. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100572&lng=en&nrm=iso>. Access on 02 June 2020. Epub Aug 12, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201945194024>.

FIOCRUZ. SP- A luta de centenas de famílias da Ocupação Mauá por moradia. **Mapa de conflitos: injustiça ambiental e saúde no Brasil**. 2014. Disponível em: <<http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/sp-a-luta-de-centenas-de-familias-da-ocupacao-maua-por-moradia/>>

FRONTANA. I.C.R.C. Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

FRUTUOSO, B; KATO, V. R. C. Ocupações no centro de São Paulo: desejos de fixação no território. **Anais XVIII ENANPUR**. 2019. Código verificador: UnkQjq6EZDZr verificar autenticidade em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais>

FUNDAÇÃO CASA. **Boletim Estatístico**. 2020. Disponível em: <<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=boletim-estat%C3%ADstico&d=79>> Primeiro acesso em: 10/07/2020.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Relatório Déficit habitacional no Brasil 2016-2019. Belo Horizonte: FJP, 2021**. Disponível em: <http://fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/21.05_Relatorio-Deficit-Habitacional-no-Brasil-2016-2019-v2.0.pdf> Acesso em: 30 jan. 2022.

GOBBI, M. A., *Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil*. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan./abr. 2014 Link: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193530606009>>

_____. *Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias*. Artigos de Demanda Contínua. Educ. rev. (43). Março, 2012. Link: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000100010>>

_____. **Ocupações e infância: crianças, luta por moradia e culturas infantis na cidade de São Paulo**. Crítica Educativa. 2. 9. 10.22476/revcted.v2i2.93, 2017.

_____. **Quando limpam com fogo, como ficam as crianças?** Vidas abreviadas, vidas breves. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e213815, 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022019000100598&lng=en&nrm=iso>. Access on 02 June 2020. Epub Nov 07, 2019. <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945213815>.

GOMES, R. Em um mês mortes pela Covid-19 cresceram 228% nos bairros pobres da cidade de São Paulo. **Rede Brasil Atual**. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2020/05/em-um-mes-mortes-pela-covid-19-cresceram-228-nos-bairros-pobres-da-cidade-de-sao-paulo/> Primeiro acesso em: 03/06/2020.

GONÇALVES, C. A. **Ser criança imigrante boliviana na Ocupação Prestes Maia: o cotidiano e os sonhos da infância**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) -

Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
doi:10.11606/D.48.2019.tde-14122018-094847. Acesso em: 2020-07-02.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes. 2014.

HELENE, D. Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 21, n. 46, pp. 951-974, set/dez 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de opinião pública Viver em São Paulo: Crianças**. São Paulo, 2019.

KOHARA, L.T. **Relação entre as condições da moradia e o desempenho escolar: estudo com crianças residentes em cortiços**. 2009. Tese (Doutorado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.16.2009.tde-10052010-155909. Acesso em: 2020-07-06.

KOHATSU, L. N. **Estudo sobre a expressão de alunos e ex-alunos de uma escola especial através da fotografia**. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

KOWARICK, L. **A espoliação urbana**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5ª Ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LIMA, C. N. **O fim da era FEBEM: novas perspectivas para o atendimento socioeducativo no estado de São Paulo**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.48.2010.tde-09032010-151702. Acesso em: 2020-07-10.

LIMA, M. S. **A Cidade e a Criança**. Coleção Cidade Aberta. São Paulo: Nobel, 1989.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. Front Cover. Ermínia *Maricato*. Editora Hucitec, 1996.

_____. Minha Casa, Minha Vida piorou cidades e alimentou especulação imobiliária, diz ex-secretária do governo Lula. **BBC News**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44205520>> Primeiro acesso em: 15/05/2020.

MARQUES, E. C. L. **Em busca de um objeto esquecido: a política e as políticas do urbano no Brasil**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: 10.17666/329509/2017.

MAZZA, L.; ROSSI, A.; BUONO, R. Sua casa sua dívida. **Piauí**. 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/sua-casa-sua-divida/>> Primeiro acesso em: 20/05/2020.

MÈREDIEU, F. **O desenho Infantil**. 11.Ed. São Paulo: Cultrix. 2006.

MIRANDA, E. Brasileiros gastam mais com transporte do que alimentação aponta IBGE. **Brasil De Fato**. 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2019/10/08/brasileiros-gastam-mais-com-transporte-do-que-alimentacao-aponta-ibge>> Primeiro acesso em: 20/05/2020.

OLIVEIRA, R.M.; BORGES A. M. Brincar com (a) propriedade: crianças em movimentos de ocupação. **Revista Desidades**. número 32 . ano/año 10 . jan - abr 2022 Link:<<https://doi.org/10.54948/desidades.v0i32.45753>>

PALLASMAA, J. Espaço, lugar, memória e imaginação: a dimensão temporal do espaço existencial. 2007 In **Essências**. Editora Gustavo Gili, São Paulo, 2018.

_____. A Arquitetura como experiência: a fusão entre o mundo e a identidade pessoal. 2017. In **Essências**. Editora Gustavo Gili, São Paulo, 2018.

PATRÃO, B. V. L. G. **O Direito à Cidade sob a perspectiva da criança e do adolescente**: o poder público e a responsabilidade pela efetividade do direito à convivência comunitária. 2008. Anais do VII Congresso Brasileiro de Direito de Família, Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), 2009. Disponível em: <http://www.ibdfam.org.br/anais/download/226>.

PEREZ, B. C.; JARDIM, M. D. **Os lugares da infância na favela**: da brincadeira à participação. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 494-504, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000300494&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p494>.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. SP: Mapa mostra que empregos estão concentrados em bairros ricos. 2021. Link: <<https://periferiaemmovimento.com.br/mapaacessosp/>>

PIXOTE, a lei do mais fraco. Direção: Hector Babenco. Embra filmes, 1981. (128 min).

PLAN INTERNATIONAL. **Tirando o véu**: estudo sobre casamento infantil no Brasil. 2019. Disponível em: <<https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Tirando-o-veu-estudo-casamento-infantil-no-brasil-plan-international.pdf>> Primeiro acesso em: 05/07/2020.

PULINO, L. H. C. Z. Lugares de infância: tempo e encontro. In **Desenvolvimento humano e educação**: contribuições para a educação infantil e o primeiro ano do ensino fundamental / Organização [de] Silviane Barbato, Maria Fernanda Farah Cavaton.–Aracaju-SE : Edunit, 2016.

RAMOS, G. **Infância** (memórias). 1945. 9ª ed. Record, São Paulo, 1972.

RAUSKY, M.E. *Los abordajes metodológicos em el campo de estudios sociales sobre La niñez: principalestendencias y perspectivas. Em Renglones, revista arbitrada em ciências sociais y humanidades*, núm.62. Tlaquepaque, Jalisco: ITESO. 2010 Enlace directo al documento: <http://hdl.handle.net/11117/234>

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade na primeira infância**. 2017. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2017/12/user_3_arquivos_cqwvdpgl_apresentacao_mapa_desigualdade_1a_infancia_site.pdf> Primeiro acesso em: 19/07/2020.

_____. **Dados revelam que São Paulo não é uma cidade acolhedora para as crianças**. 2017. Acesse em:<<https://www.nossasaopaulo.org.br/2017/12/04/dados-revelam-que-sao-paulo-nao-e-uma-cidade-acolhedora-para-as-criancas/>> Primeiro acesso: 19/07/2020.

ROLNIK, R. **O Programa Minha Casa Minha Vida nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas: aspectos socioespaciais e segregação**. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 127-154, May 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962015000100127&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 May 2020. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2015-3306>.

SABADI, A. L. **Vide meu endereço**: um panorama do Programa Minha Casa Minha Vida Entidades na cidade de São Paulo. 2021. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/D.16.2021.tde-01062022-181839. Acesso em: 2023-03-27.

SANCHES, E. O.; SILVA, D. J. **Infância e limiar em Walter Benjamin. Perspectiva**, Florianópolis, v. 36, n. 3, out. 2018. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n3p992>>. Acesso em: 09 jul. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n3p992>.

SÃO PAULO (Município). Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal de Esporte e Lazer. **Ruas de Lazer**. 2019. Disponível em:<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/ruas_de_lazer/index.php?p=287722> Primeiro acesso em: 20/07/2020.

_____. Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal de Habitação. 2023. Protocolo: 53191. Disponível em: <<http://esic.prefeitura.sp.gov.br> >

SARDINA NETO, D. A. **Políticas Públicas e Inclusão Social**: o papel do transporte metroviário no município de São Paulo. 2012. 202 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Org.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SCHIAVI, I. F.; SILVA, G. A.; COUTO, M. F. R. Ocupações de moradia em São Paulo: perfil socioeconômico dos moradores na periferia e centro.2019. ISSN: 1984-8781 - **Anais XVIII ENANPUR 2019**. Código verificador: aot3uiN7x8ylverificar autenticidade em: <<http://anpur.org.br/xviiienganpur/anais>>

SCOTTON, M. T. **A representação da infância na poesia de Manoel de Barros**.2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/t075.pdf>. Acesso em: 17/07/2020.

SHABEL, P., GOBBI, M., & CORSINO, B. Infância em contextos de luta por moradia na Argentina e no Brasil. **DESIDADES - Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**,2018. doi:<https://doi.org/10.54948/desidades.v0i20.21265>

SHAUGHNESSY, J. J.; ZECHMEISTER, E. B.; ZECHMEISTER, J. S. **Metodologia de Pesquisa em Psicologia**. 9 Ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.

SILVA, A. L. **Tempo e espaço na pesquisa etnográfica que inclui as crianças**. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 29, e168810, 2017 . Available from<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100247&lng=en&nrm=iso>. Access on 14 June 2020. Epub May 07, 2018. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i168810>.

SOUSA, E. L.; PIRES, F.F. Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos. *Horiz. antropol.*,27(60):61–93, 2021. Available from:<<https://www.scielo.br/j/ha/a/V7gGJ47rf86VqnxpH5vgvVw/#>>

STEVENS, J. *Occupied City. Hotel Cambridge and Central São Paulo between Urban Decay and Resurrection*. In: Cairns G., Artopoulos G., Day K. (Eds.), bookseries: **Critical Futures, From Conflict to Inclusion in Housing**. *Interaction of*

Communities, Residents and Activists, Chapt. 1, (pp. 23-39). London: UCL Press, 2017. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/323642450_Occupied_City_Hotel_Cambridge_and_Central_Sao_Paulo_between_Urban_Decay_and_Resurrection_In_Cairns_G_Artopoulos_G_Day_K_Eds_bookseries_Critical_Futures_From_Conflict_to_Inclusion_in_Housing_Interaction. **Acesso em: 15/09/2018.**

_____. Prototypes of Urbanism: Urban Movements Occupying Central São Paulo. **GeographyResearchForum • Vol. 38 • 2018: 43-65.**

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Difel, São Paulo, 1983.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Mapografias urbanas: Mapografia das Ocupações do Centro de São Paulo. 2012. Disponível em: <<https://mapografiasurbanas.wordpress.com/pesquisa-2/mapografia-das-ocupacoes-no-centro-de-sao-paulo/>> Primeiro acesso: 19/07/2020.

_____. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Labcidade**: observatório de remoções. 2022. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/mapa-denuncias/>>

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

VILLAÇA, F. J .M. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. [S.l: s.n.], 1986.

VISÃO MUNDIAL. Diagnóstico. **A criança no centro**: Um retrato das infâncias na cidade de SP. 2017. Disponível em:

<https://www.wvi.org/sites/default/files/VM_relatorio_criancanocentro_v3.pdf> Primeiro acesso: 30/07/2020

ANEXO A - Roteiro para entrevista semiestruturada–Coordenadoras

- 1) Qual seu nome/idade/local de nascimento/escolaridade (breve apresentação)?
- 2) Qual sua função dentro do movimento social?
- 3) Como é a organização interna dentro da moradia?
- 4) Qual seu percurso para chegar até o movimento social? Além do cargo que exerce dentro do movimento, também mora na ocupação?
- 5) Quais as suas percepções sobre como as crianças vivenciam os espaços da ocupação? Qual lugar da ocupação é mais comum encontrá-las?
- 6) Como é a relação das crianças umas com as outras na moradia?
- 7) Na sua opinião, o que falta nos espaços da ocupação para melhorar a vivência das crianças dentro da moradia?
- 8) Você acredita que as crianças exercem papel na luta por moradia?

ANEXO B - Roteiro para entrevista semiestruturada - Pais/Responsável

- 1) Qual seu nome/idade/data e local de nascimento/ escolaridade (até que ano você estudou) / Profissão?
- 2) Poderia contar a sua relação/história com a ocupação?
 - 2.1) Qual foi seu percurso para chegar até aqui? Como conheceu o movimento de moradia?
 - 2.2) Mora aqui há quanto tempo?

- 3) Pode falar um pouco sobre sua família? [compreender a estrutura familiar: idade, nomes, comentários sobre os filhos entre 6 a 10 anos]
 - 3.1) Como é o dia a dia de vocês? *Rotina
 - 3.2) Onde as crianças estudam? Como está sendo no período da pandemia?

- 4) Como você vê a relação das crianças (6-10) com a ocupação?
 - 4.1) Quais as suas impressões sobre as crianças dentro do espaço da ocupação?
 - i. Quais as [primeiras] impressões das crianças sobre morar na ocupação? [criança que **vai morar** x criança que **nasce** em ocupação]
 - ii. Quais as suas impressões sobre as crianças dentro do espaço da ocupação?
 - iii. Como as crianças da ocupação se relacionam? (brincar, brigar, gênero...)
 - iv. Quais as impressões das crianças sobre morar na ocupação? (Gostam do quê? Não gostam do quê? Reclamam do quê?)

ANEXO C - Proposta de oficinas artísticas semiestruturada

A seguir o Projeto Piloto detalhado de oficinas artísticas, que foi usado de suporte para realizar as atividades em local apropriado dentro da ocupação selecionada para a pesquisa. Em todas as atividades foram oferecidos os materiais, os participantes não tiveram qualquer despesa para a realização das propostas. Quando houve necessidade de caminhar pelos espaços comuns da moradia foram feitos sempre com supervisão de adultos. Sobre as atividades audiovisuais vale ressaltar que respeitaram todas as normas éticas determinadas pelo CEPH-IPUSP, sempre sob autorização prévia e preservando o anonimato dos participantes.

1º encontro – Apresentação do projeto - Etapas:

- a) Será feita uma roda de apresentação, cada criança participante fala nome, idade, onde nasceu;
- b) desenho livre, os materiais oferecidos foram lápis de cor, canetinha, lápis grafite, régua, fitas plásticas coloridas e papel sulfite branco e colorido.;
- c) Voltando a formação de roda será pedido que comentem o que produziram.

2º encontro – De onde vieram/primeiro lar – Etapas:

- a) Será proposta às crianças que desenhem com lápis/giz colorido de onde cada um veio (local da atividade, paisagem da janela, tudo que estiver ao alcance visual) em papel A3;
- b) Rodada de conversa sobre o que produziram.

3º encontro – Que lugar mais gostam- Etapas:

- a) Será feita uma roda e cada participante fala uma cor que mais gosta e o espaço da moradia que mais gosta de estar;
- b) Após a rodada inicial de conversa, será feita uma dinâmica para que as crianças andem pelos espaços citados (sob minha supervisão) sentindo com as mãos as texturas do local;
- c) Após a dinâmica peço que com papel e giz de cera as crianças voltem ao local escolhido (sob minha supervisão) e imprimam a textura no papel (coloca-se o

papel em cima do local: chão, parede, grade ou móvel, por exemplo, e passando o giz em cima, se imprime a textura);

- d) Formação de rodada final de conversa sobre a produção que fizeram.

4º encontro – Desenho das vistas da janela/ entorno da ocupação. - Etapas:

- a) A proposta consiste em as crianças desenharem o que elas veem de suas janelas, como elas representavam o entorno da ocupação;
- b) os materiais oferecidos serão lápis de cor, canetinha, lápis grafite, réguas, fitas plásticas coloridas e papel sulfite branco e colorido;
- c) roda de conversa para contarem o que produziram.

5º encontro – Museu da ocupação/ Objetos de memória - Etapas:

- a) Conversar com as crianças se elas já foram à museus, exposições, e o que acham desses passeios;
- b) explicar o que é um museu;
- c) pedir para as crianças escolherem objetos nos espaços comuns da ocupação para montarmos simbolicamente um “Museu da Ocupação”;
- d) conversar sobre os objetos que elas escolheram.

6º encontro – Recorte em EVA./ Tema Livre - Etapas:

- a) atividade com recortes de EVA com tema livre, para observar temas que surgem naturalmente entre as crianças.

7º encontro – Participação das mães/ Lugares de afeto – Etapas:

- a) Os materiais oferecidos serão lápis de cor, giz de cera, canetinha, lápis grafite, réguas, fitas plásticas coloridas e papel sulfite branco e colorido;
- b) a proposta será o grupo de mães com as crianças darem uma volta no quarteirão para recordarem momentos felizes ao redor da ocupação;
- c) desenharem o momento que recordaram ao caminhar;
- d) roda de conversa para contarem o que produziram.

8º encontro – Mapa da ocupação/caminho até o apartamento - Etapas:

- a) Pedirei que cada um faça seu próprio mapa da ocupação, da porta de entrada até seus respectivos apartamentos;

- b) Roda de conversa sobre o que produziram;

9° Encontro – Por quem são acolhidas em casa - Etapas:

- a) Faremos todos juntos: massinha de modelar caseira, misturando farinha de trigo, sal e água;
- b) Finalizada a música, peço que com as massinhas modelem **quem** eles costumam esperar chegar em suas casas;
- c) Rodada final sobre suas produções plásticas.

10° Encontro – Visão ampla do grupo sobre os espaços comuns/ encerramento -
Etapas:

- a) Levarei uma câmera analógica, após ensinar as crianças a usarem, deixar que cada um fotografe um lugar da ocupação;
- b) Ao final, pedirei para me contarem os lugares que escolherem para retratar.